

Claudionor Nunes Cavalheiro | Valdenir Schoenberger (Orgs.)

PEDAGOGIA do FUTEBOL e FUTSAL

Reflexões e Práticas de Ensino



Claudionor Nunes Cavalheiro | Valdenir Schoenberger (Orgs.)

PEDAGOGIA do FUTEBOL e FUTSAL

Reflexões e Práticas de Ensino



© 2023 – Editora MultiAtual

www.editoramultiatual.com.br

editoramultiatual@gmail.com

Organizadores

Claudionor Nunes Cavalheiro

Valdenir Schoenberger

Editor Chefe: Jader Luís da Silveira

Editoração e Arte: Resiane Paula da Silveira

Capa: Freepik/MultiAtual

Revisão: Respective autores dos artigos

Conselho Editorial

Ma. Heloisa Alves Braga, Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, SEE-MG

Me. Ricardo Ferreira de Sousa, Universidade Federal do Tocantins, UFT

Me. Guilherme de Andrade Ruela, Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF

Esp. Ricael Spirandeli Rocha, Instituto Federal Minas Gerais, IFMG

Ma. Luana Ferreira dos Santos, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Ana Paula Cota Moreira, Fundação Comunitária Educacional e Cultural de João Monlevade, FUNCEC

Me. Camilla Mariane Menezes Souza, Universidade Federal do Paraná, UFPR

Ma. Jocilene dos Santos Pereira, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Dra. Haiany Aparecida Ferreira, Universidade Federal de Lavras, UFLA

Me. Arthur Lima de Oliveira, Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do RJ, CECIERJ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

	Cavalheiro, Claudionor Nunes
C376p	Pedagogia do Futebol e Futsal: reflexões e práticas de ensino / Claudionor Nunes Cavalheiro; Valdenir Schoenberger (organizadores). – Formiga (MG): Editora MultiAtual, 2023. 189 p. : il.
	Formato: PDF
	Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
	Modo de acesso: World Wide Web
	Inclui bibliografia
	ISBN 978-65-6009-050-7
	DOI: 10.5281/zenodo.10428310
	1. Educação. 2. Pedagogia do Futebol e Futsal. 3. Práticas de ensino. I. Schoenberger, Valdenir. II. Título.
	CDD: 372.86
	CDU: 37

Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora MultiAtual
CNPJ: 35.335.163/0001-00
Telefone: +55 (37) 99855-6001
www.editoramultiatual.com.br
editoramultiatual@gmail.com
Formiga - MG
Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:
<https://www.editoramultiatual.com.br/2023/12/pedagogia-do-futebol-e-futsal-reflexoes.html>



**PEDAGOGIA DO FUTEBOL E FUTSAL:
REFLEXÕES E PRÁTICAS DE ENSINO**

Orgs: Claudionor Nunes Cavalheiro e Valdenir Schoenberger

AUTORES

Alexandre Junior Mendes da Silva

Claudio Marcolino Santana

Diego Martins Silva

Dormedino Francisco Leoncio Neto

Edesio Rodrigues da Silva Junior

Edevaldo Maximo da Silva

Edezio da Silva Moreira

Elias Vicente da Silva Junior

Elson Aparecido de Oliveira

Fernanda Gabriella Pedroso Marques

Ivan de Souza

Leticia Ferreira Conti

Mauro Augusto da Silva

Raphaella Leticia da Costa e Silva Magalhães

Tarsis Rebeka Dias de Souza

Thamires Silva Campos

Weliton Borges da Paz

APRESENTAÇÃO

É com grande satisfação que lançamos o livro **“Pedagogia do Futebol e Futsal: Reflexões e Práticas de Ensino”**. Esta obra, rica em contribuições de professores e professoras especialistas em “Pedagogia do Esporte: ensino-treino do futebol e futsal”, explora de maneira aprofundada as diversas facetas do ensino do futebol e futsal, proporcionando valiosas reflexões sobre sua aplicabilidade na Educação Física como ferramenta de desenvolvimento integral dos/as alunos/as.

Composto por dez capítulos, o livro apresenta relatos oriundos da prática do futebol e futsal, contribuindo significativamente para a vivência pedagógica de professores e professoras em ambientes escolares, escolinhas e clubes. Na sequência, expomos, em breves linhas, cada um dos capítulos, em ordem alfabética, obedecendo ao prenome dos/as autores/as.

No **Capítulo 1 - "Pedagogia do Esporte: Agora é a Vez do Futebol"**, os autores Alexandre Junior Mendes da Silva, Edevaldo Maximo da Silva e Thamires Silva Campos, abordam o ensino do futebol fora da escola, propondo um currículo que envolva as dimensões do conteúdo e destacam a experiência desenvolvida em uma escola de Mato Grosso. O projeto buscou discutir as possibilidades e desafios do futebol no contraturno, destacando a importância da participação feminina e a necessidade da sistematização do conteúdo.

No **Capítulo 2 - "Métodos de Ensino Aplicados em Escolinhas Privadas de Futebol de Cuiabá"**, os autores Diego Martins Silva e Elson Aparecido de Oliveira apresentam uma pesquisa que identifica e examina os métodos de ensino aplicados por treinadores em escolinhas privadas de Cuiabá. Os resultados mostram a persistência dos treinadores quanto ao desenvolvimento de abordagens tradicionais, levantando questões sobre a dificuldade que estes profissionais possuem em adotar novas metodologias no ensino do futebol.

Adentrando o **Capítulo 3 - "Pedagogia do Esporte - Futsal para Além das Quatro Linhas"**, os autores Dormedino Francisco Leoncio Neto e Thamires Silva Campos apresentam um relato de experiência com a aplicação da pedagogia do esporte no ensino do futsal. A sequência pedagógica busca motivar os/as alunos/as, utilizando pequenos

jogos que integram técnica e tática de maneira prazerosa. O foco é formar não apenas jogadores/as, mas cidadãos participativos e colaboradores.

No **Capítulo 4 – “Pedagogia do Esporte: uma reflexão pedagógica sobre ensino do futsal no IFMT Campus Octayde Jorge da Silva”**, os autores Edezio da Silva Moreira e Elson Aparecido de Oliveira, apresentam uma proposta para o ensino do futsal no Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT). Sob uma abordagem interacionista, a práxis educativa do/a professor/a de Educação Física é destacada, enfatizando a reflexão consciente e a intervenção planejada para humanizar e emancipar os/as alunos/as. A proposta fundamenta-se no ensino por competências, utilizando a dinâmica do jogo como elemento central.

O **Capítulo 5 – intitulado “Pedagogia do Esporte no Projeto Social Nova Integração”**, escrito pelos autores Elias Vicente da Silva Junior e Edesio Rodrigues da Silva Junior, apresenta o estudo que explora o papel dos projetos sociais esportivos, concentrando-se no projeto Nova Integração da Polícia Militar em Barra do Bugres/MT, sob a perspectiva da Pedagogia do Esporte. A análise do ensino do futebol envolveu entrevistas com 4 professores, revelando a adoção de uma metodologia mista que combina métodos analíticos e globais. Apesar das abordagens variadas, os professores compartilham objetivos comuns, evidenciando a compreensão coletiva do propósito do projeto social. Este estudo oferece uma visão valiosa sobre como projetos sociais esportivos, quando bem executados, podem causar impactos significativos na vida dos participantes, destacando a relevância da abordagem pedagógica no contexto esportivo.

O **Capítulo 6, que tem como título “Jogos Reduzidos para o Ensino do Futebol: Efeitos sobre as Cargas Internas e Externas e Variáveis Técnico-Táticas”**, o autor Ivan de Souza reúne informações sobre a aplicação de jogos reduzidos no ensino do futebol, abordando os efeitos nas variáveis técnico-táticas, carga interna e externa. A pesquisa destaca a eficácia dos jogos reduzidos como método de treino para a aprendizagem do futebol.

O **Capítulo 7 - “Iniciação ao Futsal: Relato de Experiência de uma Perspectiva através do Uso do Modelo de Ensino TGFU em uma Escola Vocacionada ao Esporte em Barra do Bugres – MT”**, tem como autor Mauro Augusto da Silva. O trabalho analisa o modelo de ensino “Teaching Games for Understanding” (TGFU) no contexto escolar, evidenciando melhorias no desempenho tático-técnico dos/as alunos/as após sua

aplicação. O estudo destaca a importância do programa de ensino na modificação do desempenho dos/as alunos/as ao longo das aulas.

No **Capítulo 8 - "Desafios na Transição do Futebol/Futsal Amador para o Profissional: Um Olhar sobre as Mulheres"**, as autoras Raphaella Leticia da Costa e Silva Magalhães e Leticia Ferreira Conti, abordam as significativas dificuldades enfrentadas por mulheres na transição do futebol/futsal amador para o profissional. A disparidade de investimento entre as modalidades masculina e feminina é central, resultando em condições desfavoráveis para as jogadoras. A solução proposta inclui a criação urgente de mais ligas e torneios profissionais, com visibilidade e cobertura midiática ampliadas. O estigma de gênero também é identificado como um desafio relevante, influenciando negativamente a transição das mulheres no cenário esportivo. O artigo ressalta a necessidade de esforços coletivos para promover equidade de investimento, valorização midiática e uma cultura esportiva inclusiva, buscando criar um ambiente propício para o sucesso das jogadoras no futebol/futsal feminino.

Chegamos no **Capítulo 9 - "Futebol de Cinco na Inserção Social do Deficiente Visual"**, da autora Tarsis Rebecka Dias de Souza. O texto aborda o futebol de cinco como ferramenta de inclusão social para deficientes visuais, destacando benefícios emocionais, psicológicos e sociais. A pesquisa realiza uma compilação de informações disponíveis na literatura especializada, ressaltando a importância do esporte na mudança histórico-social.

Findando o livro, chegamos ao **Capítulo 10 - "A Prática do Futsal na Aula de Educação Física e o Interesse das Alunas do Ensino Fundamental pela Modalidade, em uma Escola Estadual de Rondonópolis – MT"**, dos autores Weliton Borges da Paz, Claudio Marcolino Santana e Fernanda Gabriella Pedroso Marques. A investigação apresenta o interesse das alunas do ensino fundamental pelo futsal. A pesquisa revela que a maioria das alunas gosta e participa da modalidade na escola. O estudo destaca a importância da conscientização sobre questões de gênero na prática esportiva e sugere abordagens mais inclusivas nas aulas de futsal.

Convidamos os/as leitor/as a explorar as diversas perspectivas e descobertas apresentadas neste livro. Cada capítulo oferece insights valiosos para educadores/as, pesquisadores/as, estudantes e entusiastas do universo esportivo. Esta obra representa

uma jornada enriquecedora que amplia horizontes no campo da pedagogia do futebol e futsal.

Desfrutem da leitura e permitam-se absorver o conhecimento compartilhado por nossos/as dedicados/as autores/as. Tenham todos e todas, uma leitura proveitosa.

Claudionor Nunes Cavalheiro

Valdenir Schoenberger

SUMÁRIO

Capítulo 1 PEDAGOGIA DO ESPORTE: AGORA É A VEZ DO FUTEBOL - A PRÁTICA DO FUTEBOL COM ESCOLARES NO CONTRATURNO <i>Alexandre Junior Mendes da Silva; Edevaldo Maximo da Silva; Thamires Silva Campos</i>	12
Capítulo 2 MÉTODOS DE ENSINO APLICADOS EM ESCOLINHAS PRIVADAS DE FUTEBOL DE CUIABÁ <i>Diego Martins Silva; Elson Aparecido de Oliveira</i>	23
Capítulo 3 PEDAGOGIA DO ESPORTE - FUTSAL PARA ALÉM DAS QUATRO LINHAS: SEQUÊNCIA PEDAGÓGICA DO ENSINO DO FUTSAL NA ESCOLA <i>Dormedino Francisco Leoncio Neto; Thamires Silva Campos</i>	33
Capítulo 4 PEDAGOGIA DO ESPORTE: UMA REFLEXÃO PEDAGÓGICA SOBRE ENSINO DO FUTSAL NO IFMT CAMPUS OCTAYDE JORGE DA SILVA <i>Edezio da Silva Moreira; Elson Aparecido de Oliveira</i>	44
Capítulo 5 METODOLOGIAS DE TREINAMENTO UTILIZADAS NO PROJETO SOCIAL NOVA INTEGRAÇÃO, EM BARRA DO BUGRES -MT <i>Elias Vicente da Silva Junior; Edesio Rodrigues da Silva Junior</i>	55
Capítulo 6 JOGOS REDUZIDOS PARA O ENSINO DO FUTEBOL: EFEITOS SOBRE AS CARGAS INTERNAS E EXTERNAS E VARIÁVEIS TÉCNICO-TÁTICA <i>Ivan de Souza</i>	76
Capítulo 7 INICIAÇÃO AO FUTSAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PERSPECTIVA ATRAVÉS DO USO DO MODELO DE ENSINO TGFU EM UMA ESCOLA VOCACIONADA AO ESPORTE EM BARRA DO BUGRES - MT <i>Mauro Augusto da Silva</i>	85
Capítulo 8 FUTEBOL E FUTSAL DE MULHERES: DIFICULDADES NA TRANSIÇÃO ENTRE AMADOR E PROFISSIONAL PARA ATLETAS DE CUIABÁ-MT <i>Raphaella Leticia da Costa e Silva Magalhães; Leticia Ferreira Conti</i>	98
Capítulo 9 FUTEBOL DE CINCO NA INSERÇÃO SOCIAL DO DEFICIENTE VISUAL <i>Tarsis Rebecka Dias de Souza</i>	109
Capítulo 10 A PRÁTICA DO FUTSAL NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E O INTERESSE DAS ALUNAS DO ENSINO FUNDAMENTAL PELA MODALIDADE, EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE RONDONÓPOLIS - MT <i>Weliton Borges da Paz; Claudio Marcolino Santana; Fernanda Gabriella Pedroso Marques</i>	149

SOBRE OS/AS AUTORES/AS	182
ORGANIZADORES	187

Capítulo 1
PEDAGOGIA DO ESPORTE: AGORA É A VEZ DO
FUTEBOL – A PRÁTICA DO FUTEBOL COM ESCOLARES
NO CONTRATURNO

Alexandre Junior Mendes da Silva

Edevaldo Maximo da Silva

Thamires Silva Campos



PEDAGOGIA DO ESPORTE: AGORA É A VEZ DO FUTEBOL – A PRÁTICA DO FUTEBOL COM ESCOLARES NO CONTRATURNO

Alexandre Junior Mendes da Silva

Edevaldo Maximo da Silva

Thamires Silva Campos

RESUMO

Trata-se do ensino do futebol em um espaço fora da escola, se apropriando dos espaços disponíveis para a prática do futebol na comunidade. Nesse sentido, propõe um currículo do futebol que abarque as dimensões do conteúdo (futebol) em sua totalidade factuais, conceitual, procedimental e atitudinais. Mas atrelado ao “fazer com” em um campo de futebol próximo da escola. Nesse contexto, o objetivo geral do presente trabalho é de apresentar um relato de experiência para discorrer e discutir as possibilidades e dificuldades do trato do Futebol com escolares no contraturno. O projeto foi desenvolvido no contraturno em uma Escola Estadual de Mato Grosso na cidade de Várzea Grande, os alunos do período matutino inscritos no projeto praticaram o futebol duas vezes na semana. O número de turmas foi de acordo com o quantitativo de inscritos no projeto, sendo ofertado para os estudantes do 6º ano ao 8º ano do Ensino Fundamental. O processo de divulgação e inscrição resultou na formação de duas turmas de futebol de meninos, totalizando 33 estudantes (6º ano ao 8º ano) da modalidade esportiva futebol. As situações em que as meninas não participaram foram apresentadas nas discussões sobre o progresso do projeto. O desenvolvimento das aulas não foi centrado em técnicas (perspectiva tradicional), no esporte fragmentado, mas sim no jogo, nas aulas devolvemos o jogo ao jogador conforme os estudos da Pedagogia do Esporte referente aos jogos coletivos. O projeto sendo uma iniciativa sem nenhuma remuneração, almeja buscar reconhecimento e ampliação, o trato com o futebol no contraturno carece de uma discussão e uma sistematização do conteúdo futebol em como conduzi-lo, sendo assim, é um projeto que deve se desenvolver em relação a participação feminina e em sistematizar o seu conteúdo, um currículo de formação incluindo o seu processo avaliativo.

Palavras-chaves: Pedagogia do Esporte, futebol, ensino-treino do futebol.

INTRODUÇÃO

A Pedagogia do Esporte nos permite refletir sobre o quão rico e importante são os esportes e percebê-lo enquanto um reflexo da sociedade. Tudo o que reflete na sociedade reflete no esporte, o mesmo está inserido e acompanha os marcos da humanidade (preconceitos, desigualdade e oportunidades) (OLIVEIRA et al, 2020). A proposta nos

permite perceber que o futebol e qualquer outra modalidade vão além das quatro linhas de uma quadra/campo. O seu processo de ensino-aprendizagem oportuniza o desenvolvimento não apenas técnico de habilidades desportivas ou um repertório motor. Mas de uma formação para a sua vida, não apenas simplesmente jogar e conhecer as regras (REVERDITO; SCAGLIA, 2009).

De acordo com Reverdito e Scaglia (2009) os jogos coletivos integram o grupo dos esportes designados de cooperação/oposição, os quais têm em suas ações resultantes a constante interação entre jogadores cooperando entre si em oposição à outra equipe, que atuam, também, cooperando em oposição à primeira equipe, em cumprimento de um regulamento comum a ambas, com objetivo de conseguir e gerir situações de proveito próprio. Em linhas gerais, essa situação caótica devido à imprevisibilidade marcada pelas tomadas de decisões táticas e a relação da oposição e cooperação marcam os esportes coletivos. E no caso do futebol – Os esportes de invasão essas ações e o ambiente são claros, notamos as relações de ataque e defesa e o seu estado caótico.

De fato, a Pedagogia do Esporte auxilia na percepção e possibilidades do trabalho docente/treinador na escola/clube. Acrescentar no planejamento aspectos de habilidades positivas e ter ênfase na aula. Para além do saber fazer e trazer aspectos significativos para a vida do estudante tais como foco, controle emocional, respeito e responsabilidade (CIAMPOLINI et al., 2020). A iniciação do projeto de futebol em seus aspectos para a aprovação/aceitação junto à gestão escolar apresentou os seguintes objetivos:

Estimular a formação de cidadão críticos, reflexivos e ativos fisicamente com a prática do futebol. Sendo a sua prática voltada para além da formação de jogadores/atletas. Tendo como objetivo específico: Fomentar a prática do futebol na comunidade. Nesse contexto, o objetivo geral do presente trabalho é de apresentar um relato de experiência para discorrer e discutir as possibilidades e dificuldades do trato do Futebol com escolares no contraturno.

PEDAGOGIA DO ESPORTE

A Pedagogia do Esporte é uma área de estudo e prática que combina os princípios da Pedagogia e da Educação Física com o objetivo de promover o desenvolvimento integral dos indivíduos por meio da participação em atividades esportivas. Ela envolve a aplicação de teorias pedagógicas no contexto esportivo, buscando proporcionar

experiências educacionais significativas e eficazes (REVERDITO; SCAGLIA, 2009). A Pedagogia do Esporte reconhece o potencial do Esporte como ferramenta de educação, capaz de contribuir para o desenvolvimento físico, cognitivo, emocional e social das pessoas. Ela vai além do treinamento técnico e tático, enfatizando a importância da formação de valores, habilidades sociais, autoconfiança, respeito, cooperação e responsabilidade.

Dentro da Pedagogia do Esporte, existem diferentes abordagens e metodologias, mas todas têm em comum a preocupação com o processo de ensino-aprendizagem e o desenvolvimento integral dos praticantes. Os professores e treinadores que adotam a Pedagogia do Esporte buscam criar um ambiente de aprendizagem inclusivo, participativo e desafiador, no qual os alunos possam se envolver ativamente, experimentar diferentes papéis, resolver problemas e aprender com as vivências esportivas.

Além disso, a Pedagogia do Esporte também valoriza a importância do jogo e do brincar como elementos fundamentais na aprendizagem esportiva. O jogo é visto como uma forma de aprendizado natural, na qual os praticantes podem experimentar e desenvolver habilidades de forma lúdica e prazerosa.

No âmbito acadêmico, a Pedagogia do Esporte também se dedica à pesquisa e produção de conhecimento sobre a prática esportiva e sua relação com a educação. Busca-se entender como as atividades esportivas podem ser melhor planejadas, desenvolvidas e avaliadas para promover o desenvolvimento pleno dos praticantes.

Em resumo, a Pedagogia do Esporte é uma abordagem educacional que utiliza o esporte como meio para promover o desenvolvimento integral dos indivíduos, enfatizando a aprendizagem, os valores e a participação ativa dos praticantes. Ela busca ir além do desempenho esportivo, visando formar cidadãos conscientes, críticos e autônomos, capazes de utilizar o Esporte como ferramenta de transformação pessoal e social.

METODOLOGIA

O projeto foi desenvolvido no contraturno em uma Escola Estadual de Mato Grosso na cidade de Várzea Grande, os alunos do período matutino inscritos no projeto praticaram o futebol duas vezes na semana. O número de turmas foi de acordo com o

quantitativo de inscritos no projeto, sendo ofertado para os estudantes (meninos e meninas) do 6º ano ao 8º ano do Ensino Fundamental.

Trata-se do ensino do futebol em um espaço fora da escola, se apropriando dos espaços disponíveis para a prática do futebol na comunidade. Nesse sentido, propõe um currículo do futebol que abarque as dimensões do conteúdo (futebol) em sua totalidade factuais, conceitual, procedimental e atitudinais. Mas atrelado ao “fazer com” em um campo de futebol próximo da escola.

O trabalho/projeto não se resumiu em apenas jogar futebol, mas compreender o futebol enquanto um fenômeno cultural e o seu conhecimento, discutiu o esporte como fenômeno sociocultural; desenvolvimento esportivo a longo prazo; contextos e conceitos do Desenvolvimento Positivo de Jovens. O esporte e as habilidades para a vida no futebol, planejamento, condução e avaliação das habilidades para a vida no futebol.

Compreendendo as questões do Esporte em ambiente escolar e a sua transformação para a participação e vivência de todos os estudantes e a discussão do esporte “da” escola (pertencente à escola sendo possível a sua transformação) e o esporte “na” escola o esporte institucionalizado “pronto”. O projeto ocorreu de uma maneira híbrida, para as ações pedagógicas ocorreram aulas separadas para meninas e meninos em horário separados. O motivo se dá por conta da formação de equipes para futuras competições e união, logo participarão das aulas juntos com os aspectos do esporte institucionalizado, separado por gênero.

O processo de divulgação e inscrição resultou na formação de duas turmas de futebol de meninos, totalizando 33 estudantes (6º ano ao 8º ano) da modalidade esportiva futebol. As situações em que as meninas não participaram foram apresentadas nas discussões sobre o progresso do projeto.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Start do nosso primeiro encontro foi simples: "vamos jogar futebol à tarde, professor?". "Olha, vou passar no campo e, se estiverem presentes, jogaremos." Como um dia de futebol no fim da tarde no campo de futebol (mini estádio) ao lado de nossa escola com os amigos. Uma brincadeira de jogar futebol ao qual estavam estudantes moradores do bairro brincando com uma bola murcha no campo de futebol do seu bairro.

A partir daquele momento, decidi organizar uma atividade de futebol com eles e

abri-la para os outros alunos da nossa escola, oferecendo uma atividade saudável para todos, proporcionando a vivência do futebol de campo, o estudo e a diversão no processo de ensino-aprendizagem. Em seguida, foi apresentada à gestão as possibilidades e a criação do grupo de futebol da escola no período do contraturno. O futebol no contraturno é uma atividade esportiva que ocorre no contraturno escolar, geralmente organizada por escolas, clubes ou projetos sociais. É uma oportunidade para que os escolares possam praticar o esporte e desenvolver habilidades físicas, técnicas e sociais. Essas atividades costumam acontecer após o horário regular de aulas, oferecendo uma alternativa de ocupação saudável para os alunos, incentivando a prática esportiva e promovendo a interação entre os participantes (SILVA, 2022).

Um ponto intrigante e que abrange a jornada do futebol na escola foi o impedimento da participação das meninas pela gestão ou por falta de adeptas a participar da prática por falta de autorização dos pais e com o surgimento de práticas alternativas que foram “direcionadas para as mesmas”. Tal situação que decidi não buscar atrito com a gestão por falta de apoio de outros professores. Logo o futebol no contraturno acabou sendo direcionado e validado para os meninos inscritos e autorizados a seguir nas aulas de futebol.

Uma situação cultural escolar, apresentada em anos anteriores já na escola por relatos de estudantes como não participações em jogos estudantis, contudo, a intenção é buscar trazê-las para o projeto do futebol após a sua consolidação e interesses de outros professores. A noção de preconceito nesse esporte é uma temática recorrente que abrange desde preconceitos relacionados ao gênero, que, por sua vez, questionam a sexualidade das atletas, até a falta de visibilidade midiática e a falta de incentivo financeiro e de campeonatos. Outra ideia que se destaca nas discussões sobre o futebol feminino é a de resiliência, ou seja, a força de vontade para se manterem na prática, mesmo diante de tantos fatores desfavoráveis (SALVINI; MARCHI JÚNIOR, 2016).

Durante a semana, utilizei duas horas da hora atividade para a execução do projeto. O objetivo é que ele cresça e abra a possibilidade de vinculação a uma instituição ou reconhecimento de uma possibilidade de ampliação da carga horária dos professores de Educação Física interessados em contribuir com o projeto. No futebol no contraturno, os participantes têm a oportunidade de aprender as técnicas básicas do esporte, como passes, chutes e domínio da bola. Além disso, podem desenvolver habilidades de trabalho em equipe, disciplina, respeito às regras e fair play. Essas atividades esportivas no

contraturno também visam promover a inclusão social e o desenvolvimento integral dos meninos, oferecendo um espaço seguro e estruturado para a prática esportiva. Além disso, o futebol pode ajudar a melhorar a saúde física e mental dos participantes, estimulando a atividade física e proporcionando momentos de lazer e diversão (SILVA, 2018; SILVA, 2022).

O desenvolvimento das aulas não foi centrado em técnicas (perspectiva tradicional), no esporte fragmentado, mas sim no jogo, nas aulas devolvemos o jogo ao jogador conforme os estudos da Pedagogia do Esporte apontados por Reverdito e Scaglia (2009) referente aos jogos coletivos. Uma analogia do jogo e do esporte/ jogos coletivos que possuem em sua essência o ato de jogar. Nesse sentido Scaglia (2003) ao observar o futebol, com o Status de Esporte, o mesmo não deixou de ser jogo.

A Pedagogia do Esporte tem como campo de investigação as práticas esportivo-corporais e os sujeitos dessa prática em sua perspectiva sociocultural, permitidos unicamente pela condição existencial do ser humano em reconhecê-lo como esporte. Dessa forma, o esporte estando condicionado a uma manifestação e a um ambiente de jogo, não poderá ser descaracterizado, pois o jogo está contido na cultura, é produto cultural, concomitantemente se autoafirma, desencadeando contínuos processos culturais (REVERDITO; SCAGLIA, 2009, p. 143).

Por conseguinte, o planejamento das aulas foi pautado nessa concepção de prática esportiva/ jogo. O futebol sendo um jogo que deve ser jogado para o seu processo de ensino-aprendizagem e não fragmentado sem a sua imprevisibilidade, o caos (oposição e cooperação) de jogo “No principio é o jogo! Quero eu dizer: não se trata de uma fase, mas de uma dimensão da própria vida, que gera a cultura, a arte e o desporto, sob o signo da criatividade pessoal e de um sentimento pleno de festa.” (SERGIO, 2003, p. 28).

Nesse sentido, apresento abaixo o exemplo de planejamento de uma aula que seguimos com a turma (12 a 14 anos):

Plano de aula
Objetivo da aula: Vivenciar a prática do futebol e seus fundamentos através de pequenos jogos ao jogo formal.
CONTEÚDO: Esportes Coletivos – Futebol.
Estratégias de ensino/ procedimentos metodológicos: Duração da aula 1h e 20min.

1 - Pique-bandeira com bola: Realizo a delimitação do campo e dividida em dois. No fundo de cada metade, existe uma bola. Os alunos têm que atravessar o campo adversário para chegar ao fundo e pegar a bola. Se o aluno for tocado pelo jogador adversário, ficará paralisado, sendo salvo quando outro colega de sua equipe tocá-lo. Ao pegar a bola, o aluno pode fazer passe com outros do seu time ou lançá-la a outro de sua equipe que esteja esperando no seu campo. A equipe que chegar primeiro com a sua bola, no fundo do próprio campo, é a vencedora.

2 - Passa 10: duas equipes tentam passar a bola entre os seus componentes, visando à contagem de 10. A equipe que conseguir 10 passes consecutivos, sem que a equipe adversária toque a bola, marca um ponto; caso contrário, a equipe que tomou a bola inicia a contagem.

3 - Jogo de futebol em duplas: o jogo com as regras do futebol, mas em duplas (mãos dadas). Em seguida variações até se chegar ao jogo convencional. Ao chegarmos ao jogo “formal” do futebol, o jogo se dará da seguinte maneira:

No primeiro momento – oferecemos o jogo apresentando apenas as regras básicas para que ele aconteça e deixamos os alunos realizarem a atividade livremente, sem interferência alguma.

Segundo momento – Paramos a atividade e promovemos alterações nas regras, estimulando os alunos a recriarem o jogo a partir de regras “não institucionalizadas”.

Terceiro momento – Após algum tempo de execução da proposta, solicitamos que os alunos busquem e realizem o jogo atentando para as novas regras. Por exemplo: não ter saídas laterais, jogar com sete alunos em cada equipe, fazer gol apenas dentro da área, dentre outras. **35 min.**

Obs.: Em todas as atividades ocorrerão feedback, trazer os alunos para demonstrar as falhas, o porquê do jogo não está fluindo e alteração nas regras para reiniciá-lo.

Recursos: Campo de futebol, 8 bolas de futebol e iniciação para somar.

Avaliação: Por meio da observação se avaliará a participação individual e coletiva, o envolvimento e a aceitação das atividades propostas. Verificar como o aluno utiliza os conceitos, ora apresentados pelo professor e os relaciona com o jogo.

Uma aula com atividades simples em que os alunos interagiram e se divertiram e ambas com o jogo, obtendo a imprevisibilidade e as tomadas de decisões. A primeira atividade com a intenção de prepara-los e pensar sobre as suas estratégias, conversar em como superar os desafios. À vista disso “antes de o jogo esportivo coletivo ser unicamente uma modalidade esportiva institucionalizada, é, sobretudo, jogo jogado.” (REVERDITO; SCAGLIA, 2009, p. 201).

A segunda atividade, tendo ênfase na manutenção da posse de bola, apresenta aos estudantes um jogo com passes (situação de jogo), possui condicionantes de pressão o

aluno irá realizar passes tendo adversários da mesma forma que o futebol possui. Essa situação transferida para o jogo formal permitirá ao jogador, em menor unidade espaço-temporal, recorrer a diferentes soluções frente a diversas emergências surgidas no jogo (REVERDITO; SCAGLIA, 2009). Sua posse caracteriza em uma ação ofensiva e sua não posse, uma ação defensiva, logo, um elemento essencial para alcançar com sucesso os objetivos do jogo: no ataque é marcar ponto e na defesa é recuperar a bola ou impedir que a equipe atacante possa alcançar o ponto, tornando imprescindível um bom manejo, assim como, quando de sua posse, ser capaz de tomar decisões adequadas (REVERDITO; SCAGLIA, 2009).

A terceira é o futebol em duplas o qual se transformar conforme a necessidade/sugestão dos estudantes. Iniciaram a partida fora de uma realidade convencional, a princípio ocorreu muitas reclamações pela condição de jogo, mas assim que começou os estudantes foram entrando em “estado de jogo” e buscando as possibilidades para correr juntos, qual e melhor forma de proteger a bola em posse foram se achando na desordem proposta.

Nesse sentido, os alunos demonstram nas aulas de Educação Física, do projeto e a sua relação com a escola uma sensação de pertencimento, abraçar a escola por meio da prática esportiva (futebol). As aulas resultaram também na preparação de times para disputa de jogos amistosos contra escolas de iniciação esportivas e até mesmo outras escolas nos jogos estudantis na modalidade do futsal nos jogos de Várzea Grande. Entre vitória e derrotas vivenciamos o futebol/futsal em situação de disputa. Participar dos gerou conseqüentemente em exclusão de estudante devido ao número máximo permitido (12 atletas).

Nesse período (duas semanas) passamos a praticar o futebol com ênfase no futsal com todos em uma praça que possui uma quadra dentro das condições que permitia aos alunos a vivência próxima da realidade de jogo. As aulas do futsal não puderam ser desenvolvidas na escola devido a mesma não possuir uma quadra.

As ações pedagógicas de ensino/ treino estavam alinhadas com a gestão e autorizadas pelos responsáveis do estudante. Participar de uma competição como essa apresentou aos estudantes o entendimento de um regulamento e a documentação necessária para participar de um evento esportivo. Nesse sentido, muitos estudantes não possuíam o RG – documento com foto e foram impedidos de serem inscritos ou não conseguiam as assinaturas necessárias.

Os jogos estudantis, foi um momento breve, apenas duas partidas em ginásio, infelizmente não foi um momento para todos os alunos do projeto. A exclusão foi, de fato, um ponto negativo do projeto. Para ampliar a experiência para os outros meninos que não puderam participar do jogos estudantis, foi realizado uma partida amistosa com uma escola vizinha. E jogar contra, oportunizou sentirem a diferença e sensações que ocorrem em uma partida de futebol/ futsal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futebol em escolas pode ter benefícios significativos para os alunos. Além dos benefícios físicos, como o desenvolvimento da coordenação motora, resistência e habilidades atléticas, o esporte também promove o trabalho em equipe, a disciplina, a liderança e o respeito às regras. Além disso, o futebol pode ser uma atividade divertida que ajuda os alunos a se socializarem e a construírem amizades.

É importante ressaltar que os benefícios do futebol para os escolares podem variar de acordo com a idade, o nível de habilidade e o ambiente em que o esporte é praticado. O acompanhamento de professores/treinadores qualificados e a promoção de um ambiente seguro e inclusivo são essenciais para maximizar os benefícios e o prazer da prática do futebol.

Voltando para o gramado, trabalhar com os meninos o futebol oportunizou percebermos o quanto esse fenômeno pode ser uma ferramenta educacional poderosa, auxiliando no desenvolvimento de valores como trabalho em equipe, respeito mútuo, responsabilidade e autoconfiança. No entanto, é essencial garantir que essas atividades sejam supervisionadas por profissionais qualificados e que os estudantes tenham acesso a equipamentos adequados e instalações seguras. A segurança e o bem-estar dos participantes devem ser sempre prioridade.

A participação das meninas, é algo que deve ser debatido com a escola, o porquê não da participação e os seus impactos no gosto pela cultura corporal do movimento, sendo o futebol para todos. Com certeza teria mais vantagens a interação dos dois grupos e a relação de jogar com. O projeto sendo uma iniciativa sem nenhuma remuneração, almeja buscar reconhecimento e ampliação, o trato com o futebol no contraturno carece de uma discussão e uma sistematização do conteúdo futebol em como conduzi-lo, sendo assim, é um projeto que deve se desenvolver em relação a participação feminina e em

sistematizar o seu conteúdo, um currículo de formação incluindo o seu processo avaliativo.

REFERÊNCIAS

CIAMPOLINI, V., et al. Percepções sobre um projeto esportivo organizado para o desenvolvimento de habilidades para a vida. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, Brasília, v. 10, n. 1, 2020. Disponível em:

<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBPE/article/view/11372>

GINCIENE, Guy; MATTHIESEN, S. Q.. O modelo do Sport Education no ensino do atletismo na escola. **Revista Movimento**, v. 23, p. 729-742, 2017.

OLIVEIRA, E. A.; REVERDITO, R. S.; BETTEGA, O. B. ; GALATTI, L. R. ; SCAGLIA, A. J. . Currículo de Formação no Futebol: Interface da Teoria Bioecológica e a Pedagogia Do Esporte. **CORPOCONSCIÊNCIA (SÃO PAULO)**, v. 21, p. 97-108, 2017.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.. Pedagogia do Esporte: jogos coletivos de invasão. São Paulo: **Editora Phorte**, 2009. 264p.

SALVINI, L.; MARCHI JUNIOR, W. Guerreiras de chuteiras na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 30, p. 303-311, 2016.

SILVA, M. Lazer e Esporte no Contraturno Escolar em Belo Horizonte-MG. **Revista Brasileira De Estudos Do Lazer**, 9(2), 201-219, 2022.

SILVA, S. Desenvolvimento e Validação de um Teste de Coordenação Motora Com Bola. Orientador: Pablo Juan Greco. 2018. 154 f. **Tese** (Curso de Doutorado em Ciências do Esporte da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SCAGLIA, A. O Futebol e o Jogo/Brincadeira de Bola com os Pés: todos semelhantes, todos diferentes. 2003. 164 f. **Tese** (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas, 2003.

Capítulo 2
**MÉTODOS DE ENSINO APLICADOS EM ESCOLINHAS
PRIVADAS DE FUTEBOL DE CUIABÁ**

Diego Martins Silva
Elson Aparecido de Oliveira



MÉTODOS DE ENSINO APLICADOS EM ESCOLINHAS PRIVADAS DE FUTEBOL DE CUIABÁ

Diego Martins Silva

Elson Aparecido de Oliveira

RESUMO

A presente pesquisa foi realizada com o objetivo identificar e examinar os métodos de ensino conhecidos e aplicados por treinadores (as) durante a iniciação ao futebol em escolinhas privadas de Cuiabá. A pesquisa é de caráter qualitativo, se caracteriza por meio de abordagem descritiva. Foram questionados seis (N=6) treinadores/as atuantes no ensino do futebol para crianças em escolinhas. Foi aplicado um questionário com 12 perguntas. Os resultados mostram que, ainda que tenham novas metodologias de ensino voltadas para iniciação do futebol, alguns treinadores optam pelo meio de ensino com uma abordagem tradicional, desconhecem e/ou tem dificuldades significativas em relação à compreensão do que é método e sua aplicação. Diante disso, surge a reflexão: porque os professores em pleno século XXI têm dificuldades em relação a métodos de ensino aplicados na iniciação esportiva do futebol?

Palavras-chave: Futebol. Metodologia. Pedagogia do Esporte.

INTRODUÇÃO

No processo de ensino-aprendizagem de qualquer modalidade esportiva, um grande dilema é recorrente, refere-se à seleção do modelo pedagógico de ensino. Da premissa que o processo de ensino é essencialmente uma ação de promoção da aprendizagem e treinamento, a seleção da abordagem de ensino e treino deverá considerar que a aprendizagem de um jogo, está relacionada à alteração de um comportamento, relativamente permanente no contexto específico (ILLERIS, 2013; BETTEGA *et al.*, 2015).

Nas Modalidades Esportivas Coletivas, em especial as consideradas de invasão e territorial, os comportamentos no jogo têm uma natureza tático-estratégica e as ações ocorrem no contexto interativo e imprevisível do jogo, requerendo tomadas de decisões e habilidades técnicas específicas. Logo, tanto o processo de ensino-aprendizagem como a avaliação deve privilegiar o desenvolvimento da compreensão do jogo e das suas

dinâmicas perceptuais e decisórias, percebendo que a execução gestual tem também uma dimensão tática inerente (PRUDENTE, 2014; BETTEGA *et al.*, 2015).

Na contemporaneidade cresce o número de escolas de futebol privadas, franquias de grandes marcas e clubes, marcas promovem o marketing e usam de vários artefatos para atrair alunos para seus espaços. Toda essa povoação e ampliação de oferta de espaços de desenvolvimento da prática do futebol devem ser constantemente refletidas, uma vez que esses espaços se concentram no processo de iniciação esportiva da modalidade, impactando toda uma trajetória de relação com o esporte.

Já se sabe que as propostas pedagógicas tradicionais, oriundas de bases epistemológicas matemáticas e físicas (GALATTI *et al.*, 2014), criaram uma cultura ao longo do tempo que caracterizou o professor/treinador (a) como aquele que enfatiza os aspectos procedimentais da tarefa, condicionando o meio na perspectiva da redução dos ensaios e erros (GARGANTA, 2002; GALATTI *et al.*, 2014). Por outro lado, se reconhece que as abordagens de aprendizagem baseada no jogo, a pedagogia da rua e muitas outras (BETTEGA *et al.*, 2022), enfatizam que o aprendiz tenha sua própria tomada de decisão dentro do jogo, resolvendo situações individuais sem o mecanismo tradicionalista.

O treino de futebol é um tema que está em recorrente debate, gerando várias discussões entre estudiosos e treinadores que ainda utilizam treinamentos tradicionais, isso devido aos novos meios metodológicos de ensino. Alguns questionamentos envolvem esses métodos diferentes que auxiliam na melhor criação dos seus treinos e aprendizado de seus alunos/atletas.

Pensando nesses questionamentos, esta pesquisa se centra em abordar os métodos utilizados nas escolinhas franqueadas de futebol, visto a acessão e grande adesão do público a esses espaços. Logo, indagamos a partir de nossa problemática: quais métodos de ensino/treino os profissionais têm utilizado em escolinhas de futebol franqueadas na cidade de Cuiabá? Objetivamos identificar e examinar os métodos de ensino conhecidos e aplicados por treinadores (as) durante a iniciação ao futebol em escolinhas privadas de Cuiabá.

METODOLOGIA

A pesquisa realizada é de natureza descritiva. Gil (2010, p. 28), afirma que “a pesquisa descritiva tem como objetivo a descrição das características de uma

determinada população. Podem ser elaborados também com finalidade de identificar possíveis relações entre variáveis.” São em grandes números as pesquisas que podem ser classificadas como descritivas e a maioria das que são realizadas com objetivos profissionais provavelmente se enquadram nessa categoria.

Além dessa característica, ela assume um caráter qualitativo, tendo em vista identificar as metodologias de ensino e a iniciação do futebol do público-alvo pesquisado. Assim, Marli André (1986, p. 13), diz: “o uso das abordagens qualitativas na pesquisa suscita primeiramente uma série de questões éticas decorrentes da interação do pesquisador com os sujeitos”. A pesquisa contou com a participação de 03 treinadores de ambos os sexos, selecionados por conveniência das escolinhas de futebol categorizadas como franquias do Município de CUIABÁ-MT. Foi aplicado um questionário com 12 perguntas, sendo 11 questões abertas e 01 questão fechada.

O questionário foi enviado de maneira virtual a partir de um formulário Digital Google Forms aos sujeitos da pesquisa junto ao Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), sendo dado aos mesmos, oportunidades de tirar dúvidas por meio de contato telefônico ou por e-mail. Como critério de inclusão foi adotado os seguintes itens:

- Ser treinador com vínculo com uma escolinha categorizada com franquia.
- Ter o CREF;
- Ter mais de 18 anos de idade;
- Atuar na iniciação esportiva do futebol.

Para análise dos dados foi utilizado à análise de conteúdo (BARDIN, 2010). Esse tipo de análise possui três etapas, a leitura dos materiais devolvidos pelos participantes, que permite filtrar os dados em função da pergunta problema do estudo, as quais enalteceram as próximas fases bem como a categorização das respostas para as análises das respostas obtidas pelos participantes. Benites (2007) ressalta que a pré-análise tem como objetivo organizar e sistematizar os materiais que serão utilizados para a pesquisa, assim podendo escolher da melhor forma os documentos, as hipóteses podendo criar indicadores que auxiliará na discussão de seus respectivos resultados.

Na segunda fase, temos a exploração do material. Nesta etapa tem-se por finalidade a categorização das respostas e o afinamento das respostas obtidas no estudo, levando em consideração a frequência de palavras, frases ou códigos de maior relevância nas falas obtidas.

Por fim, na terceira fase temos as inferências. Para Bardin (2004), as inferências

consistem em um conjunto de ações ou ferramentas metodológicas que servem como meio de descrição objetiva dos resultados. Logo, trata-se da etapa em que se sugerem relações, conclusões ou significados dos resultados a partir de um diálogo entre os dados e a literatura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentamos a seguir os resultados a partir de quadros que contemplam as respostas analisadas dos participantes. O quadro 01, a seguir, demonstra a motivação primária dos treinadores (as) professores da amostra sobre o interesse para trabalhar com a prática de ensino do futebol.

Quadro 01. Futebol como campo de atuação

T1- “Acompanhar a evolução motora, psicossocial e por gostar do esporte”.
T2- “Gostar de trabalhar com turmas de crianças e adolescentes”.
T3- “Por amar o esporte e pelo esporte podemos ajudar outras pessoas a ter uma qualidade de vida melhor”.
T4- “A forma de ensinar e ver a evolução de cada aluno”.

Fonte- Autor.

Para Pereira (2006) a carreira de um profissional é resultado de um fenômeno multidimensional e complexo. A desenvoltura e desempenho depende de fatores como atitudes, crenças, conhecimentos, competências, habilidades, comportamentos e práticas que influenciam na maneira que enxerga a profissão. É possível perceber que os treinadores (as) da amostra seguiram este caminho por gostar e acreditar que o futebol poderia mudar a vida socialmente de seus alunos e até mesmo dele, como profissional.

O interesse e gosto pelo futebol é um fator fundamental para a entrada e permanência na carreira esportiva de treinador (a). No entanto, certos vícios ou dificuldades de um olhar restritivo a visão de ex-atleta (praticante) ou aficionado pelo futebol devem ser rompidos para acarretar em associação de conhecimentos de outras áreas científicas, para além do futebol, pois por vezes há apenas uma reprodução da vida de atleta para a vida de treinador (a).

Portanto, é fundamental ter o gosto pela modalidade, mas assumir que a prática profissional enquanto treinador (a) deve envolver compromisso com a qualidade da formação e que é preciso de um plano de desenvolvimento de carreira, o que envolve

conhecimentos inter e intrapessoais que superam apenas a experiência de ex-atleta (MILISTETD *et al.*, 2017).

Quando perguntado aos treinadores sobre quais métodos de ensino eles conheciam, identificamos dificuldades importantes em reconhecer o que seria um método de ensino/treino, como podemos ver na resposta do T3 - “Aplicar e ensinar o que não foi passado”. Mesmo assim, foi possível encontrar nas respostas da maioria dos treinadores (as), o relato dos métodos mais usuais e presentes na literatura.

Quadro 02. Métodos conhecidos pelos treinadores (as).

T1- “Global, situacional e analítico”.
T2- “Analítico, global, misto e situacional”.
T3- “Aplicar e ensinar o que não foi passado”.

Fonte- Autor.

Foi possível verificar que os treinadores (as) têm conhecimento dos métodos mais tradicionais. Os métodos mais conhecidos pelos professores participantes giram em torno dos Métodos Analíticos/ Global e Situacional.

O treinador (a) que esteja inserido em qualquer modalidade esportiva, deve ter conhecimento suficiente para empregar os métodos adequados para cada situação, fazendo que a prática se torne prazerosa e de fácil entendimento para seus alunos. Segundo Milistetd (2017, p. 3)” o sucesso do treinador esportivo depende de uma prática eficaz dirigida ao seu ambiente de intervenção e de seus conhecimentos metodológicos”.

Dessa forma, pode-se analisar que os treinadores (as) não demonstram conhecimentos mais amplos sobre métodos de treino aplicados ao futebol. Além disso, verifica-se ainda uma restrição de conhecimentos centrada apenas no método analítico e global. Mesmo tendo sido citado o método situacional, percebe-se que culturalmente os conhecimentos acerca de metodologia ainda se restringe a uma ideia de analítico e global, o que pode ser uma consequência da formação inicial.

Quando questionados sobre quais métodos são utilizados nas aplicações do treino nas escolinhas, os treinadores (as) responderam:

Quadro 03. Quais são os Método de ensino utilizado em sua escolinha?

T1- “Misto. Esse método mescla a parte técnica e situacional em partes, uma vez que muitos atletas nunca jogaram bola”.
T2- “Situacional e global. Acredito que é mais eficaz o aluno saber o que fazer e como fazer dentro do contexto de jogo, pois aprender os fundamentos, princípios técnicos e táticos de forma isolada, pode ser menos eficaz no desempenho cognitivo, na hora do jogo”.

T3- “Método explicativo e evolutivo com coordenadas pré-definidas para cada atleta. Isso... conseguimos abrir um novo leque dos atletas”.

T4- “Coordenação motora, porque sem a coordenação fica muito difícil ter os movimentos naturais de jogo, a coordenação motora é usada em todos os movimentos no jogo, passe, finalização, corrida etc”.

T5- “Situacional. Envolve vários fundamentos e a parte cognitiva mais rapidamente”.

T6- “Acredito que todos os métodos têm sua importância para o desenvolvimento do jovem futebolista”.

Fonte- Autor.

Costa (2003, p. 73), diz que “método é a maneira unitária de organizar e empregar os meios selecionados com o fim de realizar os objetivos de uma concepção ou sistema”. O treinador (a), acerca de métodos de ensino, precisa compreender e empregar os métodos adequados para cada situação do jogo de, pensando sempre em uma sequência pedagógica, manipulando a complexidade do jogo ou jogos representativos, ou até mesmo hibridizando métodos/modelos de ensino.

Com o passar dos anos notou-se que o ensino do futebol vem se desenvolvendo lentamente apenas com um única forma de aprendizado, que é os métodos tradicionais, deixando de lado outras formas de ensino, mas em meio essa transformação e expansão do futebol as escolinhas, começaram a surgir na década de 80, com forma mais diferentes com propostas avançadas no quesito metodologia para ensino de esportes coletivos deixando de lado o método tradicional tecnicista, surge então às metodologias inovadoras (FRANÇA, 2015, p.17).

Com todas essas mudanças, passou-se a utilizar metodologias de ensino-aprendizagem mais centradas na técnica individual, partindo do princípio de que a soma das partes resultaria no todo. Mas, recentemente a Pedagogia do Esporte, traz diversas reflexões sobre metodologias mais ativas que permitem que durante uma ação o atleta tenha suas próprias tomadas de decisão, resolvendo situações do jogo em que ele se encontra na prática esportiva.

Para Bettega et al (2015, p. 95) “dentre os diferentes fatores que interferem na atuação do jogador, a análise do comportamento tático-técnico deve considerar a sua relação com a estrutura formal do jogo”. Entende-se que é importante a interação com o espaço, a bola, os companheiros, que assim participa do jogo. Mas, como vimos nas respostas, algumas treinadoras (as) sequer sabiam que método utilizavam. Comumente relatam os meios (exercícios), sem conhecer a fundo o método. Logo, fica claro que a base teórica acerca dos métodos por parte da maioria dos treinadores ainda é superficial.

Nessa premissa, partimos a questão, sobre como esses profissionais se capacitam a fim de compreender trajetórias e meios de qualificação continuada que podem implicar em suas práticas metodológicas.

Quadro 04. Meios de atualização para a atuação profissional

T1- "Cursos, livros etc."
T2- "Através de artigos científicos, conhecimentos empíricos de treinadores mais experientes e cursos".
T3- "Estudando, pesquisando e visitando outros grandes profissionais da mesma área".
T4- "Livros, vídeos, troca de informações pessoais, cursos presencial".
T5- "Me atualizo através de cursos, livros, vídeo aulas, network com outros profissionais".

Fonte- Autor.

Diante de tantas possibilidades de aprendizado, cada vez mais os profissionais buscam meios alternativos para suas atualizações profissionais, na qual os profissionais vêm se apropriando para aumentar seus conhecimentos. Nesse sentido, observamos que os treinadores (as) optam na atualidade por desenvolverem conhecimentos a partir de tarefas informais (conversas, vídeos...), não mediadas (MILISTETD *et al.*, 2017), em detrimento a cursos ou oficinas (tarefas mediadas).

A característica de autodidata online, marca essa geração e chega no modo como treinadores (as) se atualizam. Contudo, apesar do amplo conteúdo disponível na internet, poucos filtros ou critérios existem sobre a qualidade desses conteúdos, o que eleva ainda mais a importância de um bom filtro por parte dos treinadores (as). Mesmo com as revistas científicas com restrições nos aspectos das publicações em pedagogia do esporte, a literatura científica ainda requer certos critérios de qualidade para serem publicadas que rompem somente a opinião, muitas vezes encontradas em vídeos ou podcast online.

Podemos entender que o treinador(a) necessita se manter atualizado com seus conhecimentos acerca da prática, para que ele possa inserir seus alunos dentro das atividades propostas, e manter o nível de aprendizado da prática esportiva. Diante desses fatores, o treinador (a) precisa ter clareza nos seus métodos de ensino, com seus objetivos já definidos, mostrando sempre segurança em suas aplicações. Para que isso ocorra é importante ele saber a fases de aprendizado que seus atletas se encontram e, fundamentalmente, manter-se atualizado sobre conhecimentos profissionais relativos aos métodos e abordagens de ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar quais métodos de ensino são conhecidos e quais têm sido aplicados na iniciação do futebol em escolinhas privadas de Cuiabá, conclui-se que os métodos conhecidos são o analítico, global, misto e situacional. Porém, evidenciamos que os treinadores apresentam grandes dificuldades acerca dos métodos de ensino, evidenciando assim, a falta de clareza ou profundidade sobre essa dimensão do processo de treino. Observou-se ainda, que uma parte destes professores são ex-atletas de futebol, que utilizam de tarefas não mediadas para a formação continuada o que pode implicar apenas em conhecimento de senso comum.

Na prática relatada, o método situacional foi o dito mais utilizado na hora dos treinos nas escolinhas franqueadas. De maneira geral, os métodos que usam o jogo como ambiente de aprendizagem apresentaram-se destacados, o que pode revelar um momento de transição do uso de métodos baseado no princípio global, em detrimento dos baseados no princípio analítico.

Logo, compreendemos que o conhecimento sobre as metodologias de ensino acerca da modalidade futebol deve ser mais bem refletida pelas gestões das escolinhas a fim de estimular seus treinadores a dominarem esse conhecimento e ampliarem as possibilidades de intervenção. Sugere-se novos estudos, com uma amostra maior e com triangulação de dados de observação, além disso, pesquisa-ação. Este estudo apresenta limitações, dentre as quais, a ausência de uma pergunta para os treinadores explicarem cada método que diziam conhecer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004. BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BENITES, L. C. **Identidade do professor de educação física: um estudo sobre os saberes docentes e a prática pedagógica**. 2007. 188 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2007.

BETTEGA, O. B. *et al.* **Formação de jogadores de futebol: princípios e pressupostos para composição de uma proposta pedagógica**. Movimento, v. 21, n. 3, p.791-801,

2015.

BETTEGA, O. B.; MACHADO, J. C.; PASQUARELLI, B. N.; AQUINO, R. y SCAGLIA, A. J. **Pedagogia do esporte: bases epistemológicas e articulações para o ensino esportivo**. Revista Inclusiones, v. 8, n. Especial, p. 185-213, 2021.

COSTA, C. F. **O Futsal: Aprenda a Ensinar**. Florianópolis. BookStore.2003.

FRANÇA, S. A. C. **ESTRATÉGIAS E METODOLOGIAS UTILIZADAS PELOS PROFESSORES EM ESCOLINHAS DE FUTEBOL DO MUNICÍPIO DE CACHOEIRA-BA**. 2015, p.17.

GALATTI, L. R. et al. **Pedagogia do esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos**. Revistada Educação Física/UEM, v. 25, n. 1, p. 153-162, 2014.

GARGANTA, J. **O treino da tática e da técnica nos jogos desportivos à luz do compromissocognição-ação**. In: BARBANTI, V. J. *et al.* (Org.). Esporte e atividade física: interação entre rendimento e qualidade de vida. Barueri: Manole, 2002. p. 281- 306.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

ILLERIS, K. *et al.* **Uma compreensão abrangente sobre a aprendizagem humana**. Teoriascontemporâneas da aprendizagem. Porto Alegre: Penso, p. 15-30, 2013.

MILISTETD, M. *et al.* **Formação de treinadores esportivos: orientações para a organização das práticas pedagógicas como componente curricular**. Journal of Physical Education, v. 28,n. 1, 2017.

PEREIRA, A. **A excelência em Educação Física e Desporto a partir de Histórias de Vida**. In:PEREIRA, A. L.; COSTA, A.G., R. P. (Org.). O desporto entre lugares: o lugar das Ciências Humanas para a compreensão do Desporto. Porto: Universidade do Porto, 2006.

PRUDENTE, JF. (2014). **A Avaliação nos Jogos Desportivos Coletivos: um Instrumento de Gestão no Processo de Ensino/Aprendizagem**. Um Exemplo Prático Através do Andebol. InLopes, H., Gouveia, ÉR., Alves RJ., Correia AL. (Eds). Problemáticas da Educação Física I (pp. 55-58). Funchal. Universidade da Madeira. ISBN: 978-989-8805-00-3.

Capítulo 3
PEDAGOGIA DO ESPORTE - FUTSAL PARA ALÉM DAS
QUATRO LINHAS: SEQUÊNCIA PEDAGÓGICA DO ENSINO
DO FUTSAL NA ESCOLA

Dormedino Francisco Leoncio Neto
Thamires Silva Campos



PEDAGOGIA DO ESPORTE - FUTSAL PARA ALÉM DAS QUATRO LINHAS: SEQUÊNCIA PEDAGÓGICA DO ENSINO DO FUTSAL NA ESCOLA

Dormedino Francisco Leoncio Neto

Thamires Silva Campos

RESUMO

Este trabalho trata-se de um relato de experiência, fruto da Intervenção Pedagógica conteúdo Esporte/Futsal realizada durante o segundo bimestre letivo de 2023 em uma Escola Estadual de Cuiabá-MT, onde participam uma turma de sexto ano do ensino fundamental na disciplina de Educação Física. O objetivo principal deste estudo foi construir e aplicar uma sequência pedagógica no ensino do futsal por meio da pedagogia do esporte, que seja motivante a todos os alunos, mantendo-os em estado de jogo o tempo todo, este, entendido segundo Scaglia et al como ato de entrega total ao jogo, condição imprescindível para o aluno lograr êxito na aprendizagem. Nesse sentido, serão utilizados pequenos jogos que incluam o ensino da técnica/tática de maneiras não dissociadas, ou seja, situações reais de jogo, mantendo os elementos e a complexidade dos jogos coletivos, favorecendo o entendimento e a compreensão do jogo como um todo de maneira prazerosa para os alunos, buscando assim, construir uma fonte de consultas a futuros professores e estudantes de Educação Física que estejam preocupados em formar não só jogadores, mas futuros cidadãos participativos, colaboradores, respeitadores e capazes de tomar as melhores decisões dentro e fora de quadra, bem como, contribuir para tornar as práticas mais igualitárias nas aulas de Educação Física, não havendo espaços para exclusões tanto de gênero, níveis de habilidade ou qualquer outra, buscando desenvolver as habilidades para a vida através do futsal.

INTRODUÇÃO

Vivemos em um país onde uma das identidades cultural é o futebol, o esporte mais praticado e difundido em nosso país, não precisa mais que uma bola, algum espaço e duas crianças para dar jogo. Os praticantes desse esporte em sua maioria, influenciados pela mídia das massas, reproduzem valores capitalistas, entre eles, o individualismo (DAMATTA, 1994, apud TEIXEIRA, 2013). Os meninos veem em seus ídolos, inspirações para mudar de vida através da bola e acabam por reproduzir em seus jogos os pensamentos capitalistas: “vencer a qualquer custo”, mesmo que para isso tenha que excluir seus colegas menos habilidosos, ou suas colegas por serem meninas, reproduzindo

o que a sociedade sempre pregou “bola para meninos e boneca para meninas”.

Devemos estar atentos a estes fatos na Educação Física, já que o esporte, enquanto prática escolar, pode oferecer inúmeras possibilidades de atividades que estimulem para além da técnica/tática, valores positivos como: Respeito, solidariedade, cooperação, autoestima, lazer, entre outros. Contrapondo a atividades que contenham apenas como principal objetivo o desenvolvimento de movimentos específicos e técnicos da modalidade e a busca desenfreada pela vitória. Pois para Teixeira (2016), “Quase todas as modalidades esportivas tornam o confronto, o conflito e a competição matérias- primas, essas dissensões agora são institucionalizadas, programadas, planejadas e transformadas em um espetáculo.”

Dessa forma, buscamos neste trabalho entender a prática do futsal a nível escolar como uma modalidade inserida no contexto dos esportes coletivos de invasão, que é um dos conteúdos da cultura corporal de movimento. Assim sendo, o futsal deve ser ensinado, conforme preconizam os documentos normativos educacionais, deve-se também levar em consideração as dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais do conhecimento (BRASIL, 2018). Nesse sentido, deve ser: Atrativo para todos, prazeroso e formativo, sendo nossa obrigação enquanto professor de Educação Física, oferecer aos alunos a oportunidade desse aprendizado e formação para as quadras e para além delas.

Freire (2003, apud Cláudio Schleder, 2013) alerta;

[...] Não basta ensinar; é preciso ensinar bem. A tarefa de quem ensina futebol não é ensinar qualquer coisa. Temos que ensinar cada aluno, não importa o nível de habilidade com que inicie, com as melhores técnicas, com o maior cuidado, de modo que possa, ao longo do tempo, expressar habilidades para jogar futebol de boa qualidade. Tenho motivos para acreditar que todos podem jogar futebol de boa qualidade, alguns em menor tempo, outros com maior demora. Não importa; todo processo pedagógico exige paciência. [...]

Procurou-se, com esta Unidade Didática ancorados na pedagogia do esporte, sugerir atividades teóricas/práticas de Futsal em aulas de Educação Física escolar, que busquem além da formação técnica do movimento, explorar outras dimensões do conhecimento para além das quatro linhas, buscando assim transformações de âmbito social. E assim, provar que podemos através de atividades físicas no ensino do Futsal, que é uma modalidade extremamente competitiva, incentivar a cooperação, proporcionando muitas vantagens e experiências agradáveis a todos os seus praticantes, e ao mesmo tempo, banir as desagradáveis, como: A exclusão, a discriminação e o preconceito.

METODOLOGIA

Este estudo se caracteriza por um relato de experiência, desenvolvido para o trabalho de conclusão de curso da Especialização em Pedagogia do Esporte: Ensino-treino do Futebol e Futsal da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT em parceria com a Universidade Estadual de Mato Grosso - UNEMAT.

As aulas foram planejadas e encaminhadas para validação da coordenação pedagógica da escola pesquisada, obtendo parecer favorável. As intervenções aconteceram no período vespertino durante as aulas de Educação Física do 2º bimestre letivo de 2023 na Escola Estadual Victorino Monteiro da Silva em Cuiaba-MT, totalizando oito aulas de 45 minutos cada, para 26 estudantes matriculados no 6º ano F do Ensino Fundamental, sendo 10 meninas e 16 meninos na faixa etária de 12 anos de idade.

O método de ensino utilizado foi o global funcional, pautado na lógica do jogo, entendido na pedagogia do esporte como relata Scaglia et al (2013):

Assim, em uma metodologia que explore conteúdos por meio de uma situação de jogo na aula/treino, exigirá do professor/técnico o cuidado didático na garantia de um ambiente de jogo, em que os planos pedagógicos (planejamento, objetivos, conteúdos) sejam orientados pela natureza do jogo. Porém, isso não significa que é deixar jogar (jogo pelo jogo). Mas garantir um ambiente de aprendizagem em que os procedimentos e objetivos pedagógicos sejam alcançados na medida em que o jogador mobiliza suas competências e habilidades (ato de jogar) a fim de elucidar a lógica do jogo (jogar melhor/obter êxito).

As aulas de Educação Física previstas na grade curricular e relacionadas à modalidade de futsal foram aplicadas através de atividades práticas e teóricas com objetivos previstos no planejamento, buscando a participação voluntária e prazerosa de todos os estudantes. Faz se necessário o olhar atento do educador no sentido de, sempre que julgar necessário, adaptar as regras para que as atividades não acabem virando competições extremas, estando sempre atento a atitudes que acabem comprometendo o real objetivo das atividades.

Os conteúdos estruturantes das aulas permanecem inalterados, apenas essas atividades são sugeridas como forma e possibilidade de tornar as aulas mais atrativas.

As aulas seguiram o cronograma abaixo:

- Aula 01 - Apresentação e diagnóstico da turma acerca do entendimento dos

esportes de invasão - futsal

- Aula 02 - Histórico e regras do futsal - Relação jogador/bola.
- Aula 03 - Controle e domínio de bola
- Aula 04 - Passes
- Aula 05 - Drible e finta
- Aula 06 - Finalizações
- Aula 07 - Sistemas de jogos
- Aula 08 - Controle, domínio, passes e finalizações

1ª AULA - Apresentação e diagnóstico da turma acerca do entendimento dos esportes de invasão - futsal

Aula dialogada/vivenciada – Foi apresentado um vídeo sobre esportes de invasão disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=J11nST5GXic>, na sequência foram indagados sobre seus conhecimentos sobre o futsal; História, conceito, fundamentos e regras, a resposta a estas perguntas foram negativas, como atividade, deveriam pesquisar: Qual país surgiu o futsal? Quem criou? Em que ano? Quais as principais regras? Entre outras informações.

Após esse momento, realizamos uma atividade prática de invasão “rouba bandeira” adaptada, a turma foi dividida em duas equipes mistas, onde os alunos após o alongamento no centro da quadra foram enumerados com os números 1 e 2, dividindo assim as equipes, posicionando-as uma em cada lado da quadra de futsal. O jogo consiste em invadir a quadra adversária e buscar as três bolas que se encontram na área do goleiro, uma por vez. Ao invadir o campo adversário, deverá fingir seus adversários para não ser tocado, se isso acontecer permanecerá “colado” até que um colega de equipe o “descole”. Ao adentrar a área do goleiro, o atleta não poderá mais ser “colado”, e deverá conduzir uma bola controlando-a com os pés (não poderá chutar) para seu campo, a equipe que conduzir as três bolas para sua quadra primeiro, vence o jogo.

Ao final da atividade em roda de conversa, foram questionados sobre as estratégias utilizadas para atacar e defender ao mesmo tempo e a importância da participação de todos para obtenção de êxito nos esportes coletivos. (Atividades adaptadas de brincadeiras populares disponível em <https://portal.ifma.edu.br/wp-content/uploads/2020/12/LIVRO-OFFICIAL-BRINCADEIRAS-POPULARES.pdf>).

2ª AULA - Histórico e regras do futsal – Relação jogador/bola

Aula dialogada/vivenciada – Foi apresentado o histórico e desenvolvimento do Futsal utilizando o vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LVtRRoPhVj8>, slides e explanação verbal em sala. Na quadra os alunos organizados em círculo realizam o alongamento/aquecimento e receberam as instruções para realizarem as atividades que desenvolverão a relação jogador/bola.

A turma é dividida em 4 grupos, sendo enumerados os alunos com números do 1 ao 4, cada grupo ocupa $\frac{1}{4}$ da quadra, cada jogador deverá conduzir sua bola com os pés pelo espaço livremente. Dificuldade, na escola nunca teremos uma bola de futsal para cada aluno, no entanto foi pedido para cada aluno trazer uma bola, juntamente com todas as bolas da escola de diversos tamanhos, a atividade foi possível.

O trabalho foi enriquecido pela diversidade do material, promovendo diferentes experiências, ao sinal do professor todos deveriam trocar de bolas. Variações – Um jogador em cada $\frac{1}{4}$ de quadra fica sem bola, os alunos com bola devem fugir, enquanto o aluno sem bola deverá “roubar” a bola de alguém com apenas uma tentativa por vez, a próxima tentativa deverá ser em outro aluno.

Ao final da aula em roda de conversa, foram convidados a inspirar/expirar corretamente, analisar e discutir as dificuldades encontradas e novas formas de realizar as atividades. (Atividades adaptadas baseadas nas vivências práticas na Especialização Ensino Treino do Futsal – Investigação e prática pedagógica na Educação Física escolar)

3ª AULA - Controle e domínio de bola

Aula demonstrativa/vivenciada – Atividade prática realizada na quadra, os alunos foram reunidos em círculo para realização do alongamento/aquecimento e orientações, na sequência cada um com uma bola, deveram conduzi-la pelo espaço da quadra, depois foram orientados a trocar passes livremente em duplas, trios e quartetos, após isso, deveram trocar passes de maneira diferente do colega, liberando a criatividade ao passar e a dominar a bola.

Após um momento de hidratação, foi realizado a atividade “mãe da rua”. a turma foi dividida em dois grupos mistos separados utilizando a primeira letra do nome, cada um

dos grupos foi posicionado nas linhas laterais da quadra de vôlei, ao meio, entre as duas equipes, foi posicionado quatro alunos sem bola, ao sinal do professor, as equipes deveram atravessar de lado conduzindo sua bola, os alunos sem bola deveram “roubar” a bola, se isso ocorrer, quem perdeu a bola fica no meio, e a atividade se reinicia.

A terceira atividade aconteceu em seis minicampos na quadra de futsal, no formato de jogos reduzidos 2x2, onde o objetivo das equipes era de fazer a bola ultrapassar a linha de fundo da equipe adversária conduzindo a bola. Ao final das atividades, em roda de conversa, as equipes refletiram sobre as estratégias utilizadas para atacar e defender e o respeito ao colega, enfatizando o jogo com o outro e não contra o outro. (Atividades adaptadas baseadas nas vivencias práticas na Especialização Ensino Treino do Futsal – Investigação e prática pedagógica na Educação Física escolar)

4ª AULA – Passes

Aula demonstrativa/vivenciada – Atividade prática realizada na quadra com os alunos reunidos em círculo para realização do alongamento/aquecimento e orientações, na sequência com a turma dividida em equipes com cinco integrantes, cada equipe disposta em $\frac{1}{4}$ de quadra identificados com coletes, realizam o jogo dos passes, consistindo em trocar dez passes sem perder a posse da bola para um dos integrantes das equipes adversarias que poderá entrar nos campos adversários, interceptar os passes e passar a bola para seu campo. A cada dez passes completos a equipe marca um ponto, vence a equipe que marcar mais pontos no final da atividade.

Após a hidratação, a turma foi dividida em equipes com 04 alunos, organizados em 06 quadrados sinalizados por cones, 03 alunos ocupam 03 espaços entre os cones, um espaço fica vazio, 01 integrante da equipe, ocupa o meio do quadrado, sua função é interceptar os passes, quando conseguir, ocupa o espaço deixado por quem perdeu a bola, os 03 integrantes que trocam passes, não podem atravessar a bola, eles devem se mover constantemente para os espaços vazios, criando linhas de passes.

A aula finaliza com dois jogos 5x5 em meia quadra, onde os integrantes devem trocar passes com o objetivo de fazer a bola chegar ao seu capitão, que será posicionado na linha de fundo da equipe adversaria, podendo se deslocar sobre a linha para facilitar o passe da sua equipe. (Atividades adaptadas baseadas nas vivencias práticas na Especialização Ensino Treino do Futsal – Estruturas e funcionalidades do futebol.)

5ª AULA - Drible e finta

Aula demonstrativa/vivenciada – Atividade prática realizada na quadra com os alunos reunidos em círculo para realização do alongamento/aquecimento e orientações, na sequência com a turma dividida em equipes, são organizados em 04 mini quadras no jogo de "travinha", no formato 1 x 1 e 2 x 2 progressivamente, o objetivo das equipes é marcar o maior número de pontos, toda vez que as equipes marcarem um gol nas travinhas organizadas com cones vale um ponto, todo drible realizado com sucesso vale dois pontos, se ao driblar realizar um drible diferenciado, exemplos: Da vaca, chapéu, lençol, lambreta, entre as pernas, entre outros, marca três pontos, vence a equipe que marcar mais pontos no tempo determinado.

Após a hidratação, a turma foi dividida em equipes com 05 integrantes e realizado o jogo "Vingança", consiste em dois jogos simultaneamente, um em cada meia quadra, o jogo é realizado no formato 4 na linha, cada um por si e 1(goleiro), onde o goleiro lança a bola e os jogadores driblam entre si até alguém finalizar (só valido de fora da área), se fizer o gol, o jogo reinicia, se errar, assume a posição do goleiro, vence o jogador que fizer 05 gols primeiro. (variações: Equipes 2 x 2, 2 x 2 + 1 (curinga) + goleiro. Ao final da aula, os alunos são convidados a inspirar/expirar corretamente, e provocados a refletir sobre diferentes possibilidades para resolver os problemas do jogo. (Atividades adaptadas baseadas no livro Pedagogia do Esporte, SANTANA, 2019).

6ª AULA - Finalizações

Aula demonstrativa/vivenciada – Atividade prática realizada na quadra, os alunos foram reunidos em círculo para realização do alongamento. O aquecimento foi realizado com a atividade "Bobinho finalizador", com a turma dividida em 04 grupos em círculo com um cone ao centro, os alunos do círculo trocam passes tentando finalizar acertando o cone, o "bobinho" (aluno que está ao centro) devera interceptar os passes e roubar a bola ao mesmo tempo que protege o cone, se roubar a bola, o aluno que perdeu a bola deverá automaticamente defender o cone e assumir o espaço do bobinho.

Na sequência, todos reunidos no círculo central recebem as orientações e demonstrações sobre as atividades do dia. Divididos em equipes formadas por três integrantes cada, organizados em 4 minicampos, realizaram o jogo "múltiplas metas",

vários golzinhos são formados no campo de jogo aleatoriamente, as equipes se enfrentam no formato 3 x 3, elas pontuam toda vez que realizarem uma tabela entre jogadores da mesma equipe entre os golzinhos, vence a equipe com maior número de pontos ao final do tempo anotado.

Após a hidratação, na mesma formação acima, realizam o “jogo das quatro metas”, dispostos no formato 3 x 3, se enfrentam em quatro jogos simultaneamente, um em cada $\frac{1}{4}$ de quadra, o campo de jogo é em formato de quadrado, com 04 golzinhos, dispostos um em cada lado, sendo 02 golzinhos de ataque e dois de defesa por equipe, o objetivo das equipes é defender suas metas, ao mesmo tempo que ataca as metas adversaria, vence a equipe com mais pontos ao final do tempo estipulado, a aula termina com um coletivo misto 4 x 4 + 1, onde os curingas apoiarão suas equipes apenas no campo de ataque. (Atividades adaptadas baseadas no livro Ensinando e aprendendo esportes no Programa Segundo Tempo, OLIVEIRA [et al.], 2011).

7ª AULA – Sistemas de jogos

Aula dialogada/vivenciada – Com a turma reunida no círculo central, o professor dialoga com a turma sobre os principais sistemas táticos do futsal, na sequencia organiza as equipes em grupos de 05 integrantes, as equipes se enfrentam em um jogo de futsal formal, porém, cada um dos jogadores deveram ocupar $\frac{1}{4}$ da quadra, fazendo as transições ataque/defesa, após isso, as equipes divididas em 03 integrantes se posicionaram no centro da quadra, realizam um jogo no formato 3 x 2 + 1 goleiro, uma equipe se posiciona para defender e a outra em posse de bola devera atacar, porem cada atleta de ataque deverá respeitar uma faixa de quadra no sentido horizontal.

Em superioridade numérica, deverá realizar passes, infiltrações, criar linhas de passes e finalizar, se realizar o gol, reinicia o jogo no ataque, se a defesa interceptar o lance, o trio defensor troca de lugar com o ataque. Na outra meia quadra acontece uma variação desse jogo. Os jogadores não terão faixas de quadra e contaram com um curinga auxiliando o ataque que será posicionado na linha lateral, mas não poderá finalizar (3 + 1(curinga) x 2 + 1(goleiro)). A aula termina com uma roda de conversa, onde as equipes refletiram sobre as dificuldades encontradas e as possíveis soluções para resolver os problemas do jogo. (Atividades adaptadas baseadas nas vivencias práticas na Especialização Ensino Treino do Futsal e no livro Pedagogia do Esporte, SANTANA, 2019).

8ª AULA - Controle, domínio, passes e finalizações

Aula dialogada/vivenciada – Com a turma reunida no círculo central, o professor dialoga com a turma sobre realização de um evento esportivo, ressalta a importância do respeito, solidariedade e jogo limpo, enfatiza a participação de todos de forma igualitária e instiga a reflexão dos alunos sobre as adaptações nas pontuações para que todos possam lograr êxito nas atividades, utilizando as diferentes habilidades, na sequência as equipes são formadas em grupos com 05 integrantes mistos, após sorteio inicial, cada equipe assume uma função: Duas se enfrentam em jogo formal 5 x 5, uma assume a arbitragem, cronometro e anotações, outra assume o papel de imprensa, narração, som e entrevistas. A outra assume a função de torcida, incentivando e motivando os colegas, ao final do tempo especificado, as equipes trocam de papéis, marca um ponto a equipe que vence o seu jogo, marca cinco pontos a torcida mais animada e respeitadora, marca três pontos a equipe de arbitragem mais imparcial e respeitadora das regras, marca dois pontos a melhor equipe de imprensa, ao final dos jogos, são eleitas as equipes do quinto colocado ao primeiro, todos são convidados a relatar suas experiências no evento. (Atividades adaptadas baseadas nas vivências práticas na Especialização Ensino Treino do Futsal e no livro Ensinando e aprendendo esportes no Programa Segundo Tempo, OLIVEIRA [et al.], 2011).

CONCLUSÃO

Analisando a participação, o entusiasmo, a empatia, o respeito demonstrado nas atividades e os relatos dos alunos no decorrer das aulas, pude concluir que a utilização da pedagogia do esporte através das atividades realizadas, atingiu satisfatoriamente os objetivos propostos: Foi motivante e atingiu a participação e envolvimento de todos, contribuindo para a formação integral do aluno, desenvolvendo uma visão crítica e participativa para além das quatro linhas, pois ao final da unidade didática, ficou visível a evolução técnica/tática dos alunos, ampliando ao pensamento inicial dos alunos de ganhar a qualquer custo, corroborando a tornarem futuros cidadãos cooperativos, solidários, empáticos, respeitadores, e praticantes do futsal, descobrindo o prazer de jogar com o outro, construindo assim, uma sequência pedagógica para consultas de futuros professores e alunos de Educação Física.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1998.

OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bassoli de et al. Ensinando e aprendendo esportes no Programa Segundo Tempo / Amauri Aparecido Bassoli de oliveira. – 1. Ed. – Maringá, PR: Eduem, 2011.

SANTANA, Wilton Carlos de. Pedagogia do Futsal: jogar para aprender / Wilton Carlos de Santana. – 1. Ed. – Londrina, PR: Companhia Esportiva, 2019.

SCAGLIA, Alcides José et al. O ensino dos jogos esportivos coletivos: as competências essenciais e a lógica do jogo em meio ao processo organizacional sistêmico. Movimento, v. 19, n. 4, p. 227-249, 2013.

SCHLEDER, Claudio. A Prática do Futsal pelo Prazer. Ponta Grossa: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE: Produção Didático-pedagógica, 2013. Curitiba: SEED/PR., 2016. V.2. (Cadernos PDE).

TEIXEIRA, C. E. S. DA INFÂNCIA POBRE AOS CAMPOS: A ASCENSÃO SOCIAL DE JOGADORES DE FUTEBOL PROFISSIONAL. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, [S. l.], v. 15, n. 1, 2017.

Capítulo 4
PEDAGOGIA DO ESPORTE: UMA REFLEXÃO
PEDAGÓGICA SOBRE ENSINO DO FUTSAL NO IFMT
CAMPUS OCTAYDE JORGE DA SILVA

Edezio da Silva Moreira
Elson Aparecido de Oliveira



PEDAGOGIA DO ESPORTE: UMA REFLEXÃO PEDAGÓGICA SOBRE ENSINO DO FUTSAL NO IFMT CAMPUS OCTAYDE JORGE DA SILVA

Edezio da Silva Moreira

Elson Aparecido de Oliveira

RESUMO

O professor de Educação Física atuante no ensino esportivo deve desenvolver sua práxis educativa, entendida com a intencionalidade na ação reflexiva, consciente, que se efetiva na intervenção planejada, com pleno conhecimento sobre o objeto, visando à alteração da realidade e sua transformação em humanizar e emancipar o aluno(a). Assim, neste estudo temos como objeto apresentar uma proposta para o ensino do futsal para o IFMT, com base em um guarda-chuva de abordagem interacionista, destacando o ensino por competências e a partir da dinâmica do jogo. A proposta visa promover a reflexão e discussão sobre os conteúdos do currículo formativo de jovens praticantes do futsal em ambiente escolar, especialmente, no contraturno.

Palavras-Chave: Futsal. Pedagogia do Esporte. Esporte.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz uma reflexão sobre o ensino do futsal no Instituto Federal de Mato Grosso, em especial o Campus Octayde Jorge da Silva. Ao focar nesse objeto de estudo, visamos provocar uma reflexão acerca da estrutura e filosofia das práticas esportivas atuais, a fim de fomentar o desenvolvimento do contexto esportivo da instituição a partir de uma proposição pedagógica. Tendo em vista a existência de formas de prática distintas de esporte, as propostas pedagógicas precisam ser refletidas, desde os conteúdos até a abordagem. Ao longo do tempo, uma prática de ensino fechada na repetição e tecnicismo foi destacada e está presente na cresça do ideal de ensino. Por outro lado, a Pedagogia do Esporte, também apresenta outras perspectivas apoiada nas novas tendências (PAES, 2001; RIVERDITO; SCAGLIA; MONTARGNER, 2023; BETTEGA et al., 2021).

O contexto investigado, consiste em uma Instituição que atende muitos alunos (as), e oferece muitos cursos técnicos em período integral e subsequentes do ensino médio. Há

um grande complexo de áreas desportivas, que são disponibilizadas para as aulas. No cenário, há constante debate sobre “certo ou errado” acerca da proposta de conteúdos e a metodológicas. E os alunos têm aulas de modalidades esportivas em sua grade.

Nesse sentido, cabe-nos contextualizar o cenário de investigação. As aulas no Instituto são divididas em subáreas: Educação física esporte com opção por modalidade: (futsal, handebol, voleibol, vôlei de areia, basquetebol, natação, Judô, xadrez, dança), Educação Física escolar. São duas aulas por turmas com os conteúdos gerais da Educação Física. As aulas ocorrem na grade horária comum e no contraturno. Ainda, tem-se o projeto de treinamento desportivo que visa partições desportivas a nível escolar e jogos realizados pela própria instituição a nível estadual, regional e nacional.

No geral, é percebido uma filosofia instaurada a muito tempo, de uma abordagem tradicional do ensino do esporte, especialmente nos treinos. Com efeito, focada nos padrões estereotipados talvez a cultura esportiva se oriente na metodologia pautada no tecnicismo, que busca a automatizar os movimentos por meios de repetições até a exaustão, favorecendo a robotização dos gestos técnicos, reprimindo as expressões mais criativas, desprezando a diversidade de respostas sem favorecimento da premissa da existência de um estímulo para cada resposta (FILGUEIRAS, 2014).

Considerando o contexto explicitado, este trabalho visa apresentar uma proposta pedagógica para o ensino do futsal no ensino médio para o Campus Octayde Jorge Da Silva. A proposta visa apresentar indicadores de conteúdo e sistematização para o futsal, considerando abordagem baseada no jogo, uma visão interacionista e um olhar para o desenvolvimento das competências.

Da pedagogia do esporte à uma proposta pedagógica

O que é pedagogia do Esporte? O que é Pedagogia do Jogo? Inicialmente é preciso esclarecer que a Pedagogia é a ciência da prática educativa (LIBÂNEO, 1994). A Pedagogia, então, tem como objetivo maior a humanização da sociedade, comprometida com a emancipação do homem. Ela é organizadora do percurso formativo (PAES, 2002). Para delinear o campo específico de estudo da pedagogia e das práticas educativas, Libâneo refere-se a pedagogia como “sendo ciência da e para a educação, estudando a educação, a instrução e o ensino” (1994, p. 25). Já a Pedagogia do Esporte consiste em uma subárea das Ciências do Esporte, que como disciplina estuda o processo de ensino, a vivência

aprendizagem e do treinamento dos esportes, nos seus mais diversos cenários e contextos (SCAGLIA; REVERDITO; GALATTI; PAES, 2003).

A pedagogia do jogo, por sua vez, consiste em uma abordagem de ensino que vai ao encontro das teorias do jogo e perspectiva interacionista. É uma abordagem que trata do ensino do jogo a partir da experiência do jogo com foco na aprendizagem (GIUSTI et al., 2017; BETTEGA et al., 2021; AQUINO; MENEZES, 2022). A abordagem que está centrada no jogo, busca superar a lógica tecnicista. As Games Based Approach (GBAs) são abordagens que parte de uma lógica interacionista, que abandonaram o inatismo e o empirismo e buscam superar o ensino tradicional, valendo-se do ensino do esporte a partir da inserção nos jogos com objetivos de aprendizagem (BETTEGA et al., 2021).

Uma proposta pedagógica para o ensino do futsal no ensino médio

Elaboramos uma proposta pedagógica com diretrizes e conteúdos para o ensino do futsal a acadêmicos do ensino médio, ressaltamos a necessidade constante de revisitar a proposta ao longo do tempo de aplicação. Considerando que o público é alunos (as) do ensino médio, a partir da leitura do Manual de Futsal apresentado pela CONMEBOL (2021), apresentamos a seguir uma proposta com objetivos, competências, habilidades e conteúdos que podem ser desenvolvimentos (sistemizado) ao público de adolescente cursistas do ensino médio e matriculados nas aulas específicas de futsal.

A seguir a proposta pedagógica para turmas mistas (meninos e meninas) do ensino médio:

Quadro 1. Proposta pedagógica para o 1º, 2º e 3º anos do ensino médio

Objetivos de aprendizagem
Objetivos de Ataque <ul style="list-style-type: none">- Ocupar os espaços de maneira inteligente;- Desenvolver a criação de linhas de passes;- Criar chances diversificadas de finalizar;
Objetivos de Defesa <ul style="list-style-type: none">- Realizar coberturas;- Fechar os espaços do adversário;- Defender de maneira equilibrada;

Objetivo Socioeducativo			
<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver a consciência e autonomia no jogar; - Desenvolver o fortalecimento do trabalho cooperativo; - Responsabilidade social; - Usufruir do esporte como meio de desenvolvimento humano; - Cumprir com as regras de maneira ética e priorizar o fair play; 			
Competências Gerais			
<ul style="list-style-type: none"> - Relação com a bola; - Dinâmica Coletiva; - Organização posicional; - Consciência esportiva; 			
Sugestões de jogos e brincadeiras			
Relação com a bola	Dinâmica Coletiva	Organização posicional	Consciência Esportiva
Bobinho e suas variações - Jogos de alvo Jogos para manutenção diversificada	- Jogos de mobilidade e equilíbrio - Jogos de cobertura Jogos em diferentes posições	- 3x1 - 3x3 + 1 - Proteger o gol ou alvo Jogos em diferentes sistemas	- Palestras educativas - Atividades extra-treino com foco em pesquisa Sala de aula invertida, trazer de casa algum jogo ou regra.
Estratégias Pedagógicas			
Sugerimos que os conteúdos propostos sejam desenvolvidos a partir de metodologias ativas e baseadas no jogo.			

Fonte - Autor. Adaptação CONMEBOL (2021)

Para chegar ao objetivo desejado devemos levar em conta: a estruturação do plano de aula que atenda os objetivos e a realidades das turma, objetivos bem definidos Ex. (ataque/ defesa); saber qual capacidade, habilidades e competências podem ser estimuladas a partir da estruturação da aula que está sendo desenvolvida; definir as estratégias metodológica, a abordagem que vou utilizar para dar ao processo de ensino-

aprendizagem dinâmica, como é que vai começar e terminar o minha aula/treino (parte inicial, principal e final). Tudo isso tem que estar dentro da ementa e do planejamento com as características dos alunos.

Logo, refletir o ensino no bojo da Pedagogia do Esporte é fundamental. Para Freire (2002), uma pedagogia do esporte deverá ser pensada sob uma nova ótica, deflagrada com críticas diretas aos modelos apresentados de maneira reducionista, em que o indivíduo se torna apenas objeto resultante do processo, em apenas meros reprodutores acríticos. Considerando essa premissa de ruptura com modelos tradicionais de ensino, buscamos na proposta possibilidades de aulas com uma preocupação de métodos ativos que foque no processo de interação ativa entre sujeito e conteúdo.

Paes (2022), dá indicadores necessários para transformação do esporte: 1) o esporte deve ser bem mais compreendido como fenômeno, sobretudo quando tratamos de suas funções; 2) O conteúdo que será desenvolvido deverá acontecer de maneira planejada, organizada e sistematizada; 3) Deverão ser considerados os diferentes níveis de ensino; 4) Deve ser considerada a diversificação de possibilidades, tanto do movimento quanto da modalidades esportivas, disponibilizando ao aluno gama variada de possibilidades.

A seguir, a partir da proposta, apresentamos dois planos de aula que exemplificam a natureza da proposta e que foram aplicados, permitindo uma reflexão ao professor de futsal (autor).

PLANO DE AULA 01 (2º ano ensino médio)

Competência da Educação Física	Experimentar, desfrutar, apreciar e criar diferentes jogos e práticas corporais, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo.
Unidade Temática	Pedagogia do Jogo
Objeto de Conhecimento	Pedagogia do esporte: Jogos coletivos de invasão (Ensino médio 2º ano)
Habilidade(s)	Experimentar, fruir e manipular diversos tipos de jogos no futsal, identificando seus elementos comuns e criando estratégias individuais e coletivas básicas para sua execução, prezando pelo trabalho coletivo e pelo protagonismo.
Objetivos Específicos	Cognitivo: Conhecer pequenas regras e fundamentos básicos do Futsal. Físico- motor: Vivenciar a prática dos fundamentos técnicos do Futsal. Socioafetivo: Respeitar os colegas e trabalho em equipe.

Conteúdo	Passes e variações: Ataque/ defesa (2x2), (3x3)
Dimensão conceitual: Dimensão Procedimental: Dimensão atitudinal:	Conhecimento de pequenas regras e Fundamentos Técnicos Aproximação/ projeção no espaço próximo instantâneo, Condução, recepção, passe, chute finalização, marcação e antecipação, atacar pressão na bola, Respeito e cooperação.
Estratégias Utilizadas	Ilustrativa, Demonstrativa, Verbal e Rotação por estações.
Descrição da Aula	Parte Inicial: Joga-se 3 grandes círculos; Os alunos deverão ficar dispostos em círculo, onde deverão trocar passes variados utilizando as suas habilidades. Parte Principal: Joga-se 2x2, 3x3 colete: (branco/ preto); Jogo normal, seu objetivo é troca de passes, chutar a gol; movimentação em espaço vago. REGRAS DE AÇÃO OFENSIVAS: Colocar os Goleiro para ajudar no ataque como goleiro linha. REGRAS DE AÇÃO DEFENSIVAS: Alertar quando for dado mais de dois toques na bola; Parte Final: Nos minutos finais da aula os alunos formarão um círculo onde conversaram com o professor, apontando suas dificuldades, possíveis aperfeiçoamentos e sobre a modalidade praticada.
Recursos de espaço utilizados	Quadra, apito, bola e colete.
Avaliação e instrumento	Observação e registro digital.

PLANO DE AULA 02 - 3º ano do ensino médio

Competência da Educação Física	Experimentar, desfrutar, apreciar e criar diferentes jogos e práticas corporais, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo.
Unidade Temática	Pedagogia do Jogo
Objeto de Conhecimento	Pedagogia do esporte: Jogos coletivos de invasão (Ensino médio 2º ano)
Habilidade(s)	Experimentar, fruir e manipular diversos tipos de jogos no futsal, identificando seus elementos comuns e criando estratégias individuais e coletivas básicas para sua execução, prezando pelo trabalho coletivo e pelo protagonismo.

Objetivos Específicos	<p>Cognitivo: Conhecer pequenas regras e fundamentos básicos do Futsal.</p> <p>Físico- motor: Vivenciar a prática dos fundamentos técnicos do Futsal.</p> <p>Socioafetivo: Respeitar os colegas e trabalho em equipe.</p>
Conteúdo	Bobinho com (1,2,3) Ataque/ defesa (2x2), (3x3) com um curinga no ataque
Dimensão conceitual: Dimensão Procedimental: Dimensão atitudinal:	Conhecimento de pequenas regras e Fundamentos Técnicos Aproximação/ projeção no espaço próximo instante, Condução, recepção, passe, chute finalização, marcação e antecipação, atacar pressão na bola Respeito e cooperação.
Estratégias Utilizadas	Ilustrativa, Demonstrativa, Verbal e Pedagogia do Jogo..
Descrição da Aula	<p>Parte Inicial: Em 3 grandes círculos, os alunos deverão ficar dispostos em círculo, com sorteio escolherá os alunos que iniciarão no centro do círculo para tomar a bola. REGRA 1) na troca de passe encostando no bobinho se torna bobinho. REGRA 2) - Jogador do círculo só poderá tocar a bola duas vezes consecutivas.</p> <p>Parte Principal: Joga-se 3x3 colete branco/ preto; 1(coringa de colete vermelho) é um jogador livre que joga entre as duas demarcações de 10m para quem tem a bola. Seu objetivo é se aproximar dos atacantes entre linhas defensivas. O curinga somente pode jogar a um toque, a fim de que se evite que ele jogue de frente para a meta que ataca. Os atacantes podem ou não usar o curinga, mas somente podem fazer gol com bolas de espaço. Por isso devemos evitar receber a bola em profundidade, isto é, posicionado previamente na quadra ofensiva. Se os marcadores recuperarem a bola na quadra ofensiva, devem fazer o gol imediatamente; mas se passarem para a quadra defensiva, obrigam todos os jogadores a entrarem nesta (flutuar) a fim de poderem entrar na quadra defensiva com bolas de espaço, usando ou não curinga. REGRAS DE AÇÃO OFENSIVAS: O curinga somente pode dar um toque na bola; O curinga é somente jogador do sistema ofensivo; O curinga não pode fazer gol, o goleiro passa a jogar como goleiro linha. REGRAS DE AÇÃO DEFENSIVAS: Alertar quando o coringa der mais de um toque na bola;</p> <p>Parte Final: Nos minutos finais da aula os alunos formarão um círculo onde conversaram com o professor, apontando suas dificuldades, possíveis aperfeiçoamentos e sobre a modalidade praticada.</p>

Recursos de espaço utilizados	Quadra, apito, bola e colete.
Avaliação e instrumento	Observação e registro digital.

Fonte- Autor.

REFLEXÕES DA PRÁTICA: O OLHAR DO PROFESSOR

Quando predispus esse desafio da pós-graduação “Pedagogia do Esporte: Ensino-Treino do Futebol e Futsal”, vi a possibilidade de aumentar meu cabedal de conhecimento, pois me encontrava desmotivado e criticamente dizendo, ultrapassado! E digo, com relação às minhas aulas. Com novas leituras e o desenrolar do programa, iniciei uma nova trajetória de trabalho, atrelada a nova perspectiva de ensino, com a abordagem interacionista voltada para a pedagogia do jogo (SCAGLIA, 2003), onde defini como meta elaborar a aprendizagem baseada no “jogo”.

Então iniciei com a determinação de trabalhar a aprendizagem na conscientização do jogar com base no plano da proposta pedagógica e, ajustando a complexidade de manipular: regras, número de companheiros e adversários, tipos e características da bola, números, dimensões e características de alvos, tamanho e largura dos espaços. Usando essas estratégias já observei que houve uma grande diferença da aula que antes eu ministrava.

Quando entendi que deveria estudar para suprir necessidades perante a execução das aulas praticadas e a aprendizagem que os alunos teriam que alcançar, vi o quanto a Pós-Graduação em curso estava me dando a oportunidade de avançar em um ensino lógico da prática como: entender os referenciais estruturais e os referenciais funcionais para dar um passo no entendimento da lógica interna do jogo. Buscar no estudo os conceitos básicos dos níveis do jogo, as faixas-etárias, iniciando no descentrado (10, 13, 15 anos de idade) e acabando no nível elaborado (16,17,19 anos de idade) (CONMEBOL, 2021).

Quando iniciei os estudos e acompanhando de perto o progresso de minhas turmas, e chamando atenção de outros alunos de modalidades diferentes, realmente vi que os resultados estavam dando certo. Olhando o referencial teórico dos aspectos da lógica do jogo, avaliando minhas turmas nos quesitos: dinamismo (mobilidade constante),

marcação (atitude de pressionar), espaço (tomada de decisão), auto-organização (ações de atitudes), rotação (criar espaços), imprevisibilidade (ação de prever acontecimentos), organização (compreender as dimensões estratégicas), percebi bons avanços.

Estou desenvolvendo também a aprendizagem preocupada com as competências sociais, transcendendo os aspectos técnicos da modalidade. As estratégias selecionadas tangem a temas transversais como: reunião com pais (participação e produtividade nas aulas), dinâmica cooperativa (incentivo e criação de grupo na internet, família futsal), Filmes e reportagem (campeonato em andamento), tematização atuais e importantes para o desenvolvimento humano (temas como Doping no esporte, Alimentação e condicionamento físico e saúde), Treino Invertido (preparação e criação de jogadas defensivas e ofensivas, desenho tático etc.).

Essa preocupação com outras dimensões do desenvolvimento do aluno (a) praticante de futsal, também reflete um olhar sobre os referenciais da Pedagogia do Esporte (MACHADO; GALATTI; PAES, 2014). Ou seja, olhar para além da técnica- tática, que permite ampliar a formação para a vertente socioeducativa e histórico-cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sei que devo estudar muito, e que a Pós- graduação é o início de uma tarefa árdua para proporcionar aos alunos, o melhor da Educação Física através da Pedagogia do Jogo e na modalidade do futsal. A minha grande dificuldade na implementação da proposta foi quando decidi reformular a metodologia das minhas aulas, senti a necessidade de promover renovação em muitas ações.

O grande desafio foi mudar a mim mesmo (quebra de paradigma). Com a realização do curso de pós-graduação acendeu uma luz, e tem feito muitas reflexões, como por exemplo: Será que eu estou atendendo plenamente o meu planejamento? Será que os objetivos das atividades escolhidos estão estruturados conscientemente conforme desenvolvimento dos alunos? Será que as aulas estão atendendo às características de todos os alunos (as)? Ao aplicar essa aula no que eu estou ajudando meu aluno? Estou atingindo os objetivos pedagógicos propostos na ementa?

Com a mudança vieram críticas, mas compreendo ser um processo lento, de aculturação e desenvolvimento de novas práticas. E estou satisfeito pelas mudanças em minhas práticas e resultados junto aos alunos.

REFERÊNCIAS

BETTEGA, O. B. et al. Pedagogia do esporte: bases epistemológicas e articulações para o ensino esportivo. **Revista Inclusiones**, p. 185-213, 2021.

CONMEBOL. **Manual de Futsal** (2021). Disponível em:
<https://cdn.conmebol.com/wp-content/uploads/2022/01/Manual-Futsal-Port.pdf> -

FILGUEIRAS, L. F. Comparação entre a metodologia de abordagem sistêmica e a metodologia tecnicista: razões para promover o processo de ensino aprendizagem dos JECs através de jogos. **RBFF - Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 6, n. 22, 2014.

LIBÂNEO, J.C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MACHADO, G. V.; GALATTI, L. R.; PAES, R. R. **Pedagogia do esporte e o referencial histórico-cultural: interlocução entre teoria e prática**. Pensar a prática, v. 17, n. 2, 2014.

PAES, R. R. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In DE ROSE JR., D. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PAES, R. R. **Educação física escolar: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental**. Canoas: ULBRA, 2021

REVERDITO, R. S. **Pedagogia do esporte: jogos coletivos de invasão**. Riller Silva Reverdito, Alcides José Scaglia. São Paulo: Phorte, 2009.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA A. J.; MONTARGNER, P. C. - **Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados**. São Paulo: Phorte, 2013.

SCAGLIA, A. J. **O futebol e o jogo/brincadeira de bola com os pés: todos semelhantes, todos diferentes**. 2003. 164f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

SCAGLIA, A. J. **O futebol que aprende e o futebol que se ensina**. 238f. Dissertação de mestrado-Faculdade de Educação Física – FEF-UNICAMP, Campinas, 1999.

Capítulo 5
METODOLOGIAS DE TREINAMENTO UTILIZADAS NO
PROJETO SOCIAL NOVA INTEGRAÇÃO, EM BARRA DO
BUGRES -MT

Elias Vicente da Silva Junior
Edesio Rodrigues da Silva Junior



METODOLOGIAS DE TREINAMENTO UTILIZADAS NO PROJETO SOCIAL NOVA INTEGRAÇÃO, EM BARRA DO BUGRES -MT

Elias Vicente da Silva Junior

Edesio Rodrigues da Silva Junior

RESUMO

O esporte é um fenômeno sociocultural que está presente na vida das pessoas, com um potencial enorme de mobilização que envolve diversos ambientes, possibilidades e sentidos. Com o auge do esporte, os projetos sociais esportivos também têm aumentado e quando bem trabalhados podem trazer grandes impactos na vida dos participantes. Sobre o olhar da Pedagogia do Esporte, o estudo tem objetiva analisar como ocorre o ensino treino do futebol no projeto social da polícia militar denominado Nova Integração, localizado no município de Barra do Bugres MT. Foi utilizado uma entrevista com perguntas previamente elaboradas, aplicadas com 4 professores do projeto. Foi possível notar a utilização de uma metodologia mista pelos professores dentro do projeto, mesclando o método analítico e o método global. Ficou evidenciado que os professores possuem objetivos semelhantes, e mesmo que não realizem o trabalho de maneiras iguais, entendem o intuito do projeto social.

Palavras-chave: Esporte; Projeto Social; Metodologia; Pedagogia do esporte.

INTRODUÇÃO

O esporte é um fenômeno global e sociocultural, presente na vida de grande parte da sociedade (MACHADO; GALATTI; PAES, 2014). É um elemento integrador, que auxilia na recuperação e fortalecimento de identidades nacionais no contexto mundial, além de possuir uma grande relevância na economia mundial, sendo um fenômeno sociocultural de múltiplas manifestações que alcança às demandas das pessoas que o praticam ou o consomem, mobilizando pessoas de diferentes classes, gêneros, credos, seja por meio dos esportes de rendimento ou grupos que se reúnem para prática esportiva com diferentes objetivos e significados (PAES; BALBINO, 2009; GALATTI *et al.*, 2018).

O esporte é uma ferramenta motivadora para a ação educativa, visto que ele ao mesmo tempo que proporciona lazer, tem potencial para educar através dos jogos, prevenir doenças, melhorar a vida social e evitar comportamentos ilícitos, como uso de

drogas (NETO; DANTAS; MAIA , 2015). Esse fenômeno tem o poder de atrair crianças e adolescentes , através das práticas corporais , que são atrativas para eles, e proporciona o controle livre do tempo, ensina regras de convivência, ética, comportamentos (GUEDES *et al.*, 2006).

Nos tempos contemporâneos, o esporte tem grande importância dentro da sociedade, nos mais variados campos, sendo importante para a economia, cultura, saúde, lazer e educação. Com o auge do esporte, os projetos sociais esportivos também têm aumentado e quando bem trabalhados podem trazer grandes impactos na vida dos participantes, que muitas vezes são pessoas menos favorecidas na sociedade (MEIRELES *et al.*, 2020).

Um projeto social é uma unidade de destinação de recursos, que através de algumas atividades, visam transformar uma parcela de realidade, suprimindo necessidades e ou auxiliando em uma solução de um problema social (COHEN; FRANCO, 1993). O surgimento dos projetos sociais é resultado da necessidade de reduzir a desigualdade no acesso a algumas necessidades básicas para a população, como a saúde, educação, emprego e habitação (SERRANO, 2008 apud KRAVCHYCHYN *et al.*, 2019). Os projetos sociais contribuem para a busca da liberdade e a igualdade perante a lei, minimizem as desigualdades sociais e mantêm o bem estar social, através da socialização (MEIRELES, *et al.*, 2020).

Existe uma grande quantidade de organizações não governamentais, órgãos públicos e privados, institutos de artistas e atletas que desenvolvem a promoção destes projetos sociais. A maioria oferece atividades esportivas, profissionalizantes e/ou complementares à escolarização formal, voltadas principalmente para as crianças e adolescentes que se encontram em uma situação de risco social ou vulnerabilidade social (GOMES; CONSTANTINO, 2005; MELO, 2005; GUEDES *et al.*, 2006; BRETÃS, 2007; MELO, 2007; SILVA; SILVEIRA; ÁVILA, 2007; THOMASSIM, 2006, apud SOUZA *et al.*, 2010).

Os projetos sociais cumprem com alguns papéis sociais importantes, tais como a sociabilização, oferecem um espaço seguro, proporcionam acesso a atividades físicas, afasta as crianças e adolescentes das ruas, fornecem lazer, dão oportunidades escolares e uma possibilidade de profissionalização (ZALUAR, 1994; ABRAMOVAY *et al.*, 2003; GUEDES *et al.*, 2006; MARQUES; KRUG, 2008 apud SOUZA *et al.* , 2010). Existem vários tipos de projetos sociais, que trabalham a sociabilização e o auxílio à sociedade de diferentes maneiras. A exemplo disso, vários atletas e ex-atletas criam projetos esportivos

para atender a sociedade, muito além de apenas ensinar a prática do esporte (RIBEIRO, 2005). Exemplos de projetos sociais famosos, são o Instituto Ayrton Senna, o Instituto Neymar Jr, amigos do bem, Fundação Abrinq, Vagalume, Childhood, Uneafro Brasil e o Programa Segundo Tempo.

Se tratando de projetos esportivos, o Programa Segundo Tempo é um grande exemplo de projeto social. O programa segundo tempo é um projeto da secretaria Especial do esporte, que objetiva democratizar o acesso à prática da cultura e esporte, auxiliando no desenvolvimento das crianças e adolescentes, prioritariamente para aquelas que se encontram em situação de vulnerabilidade social e estejam matriculados na rede pública de ensino (SANTOS; ANDRADE; SANTOS, 2014).

O programa segundo tempo atende crianças de 06 a 17 anos e traz como princípios o direito da cidadania, a participação irrestrita, a diversidade de experiências, a transcendência pedagógica e o ensino de valores. Ele se dá pela parceria e convênios entre a secretaria especial do esporte e os governos dos Estados, municípios e instituições públicas de ensino. A utilização de projetos sociais esportivos se norteia pela expectativa de que através das vivências no projeto, os praticantes aprendam conhecimentos úteis para suas vidas, e possam ter uma nova perspectiva de futuro (THOMASSIM, 2010).

O Futebol dentro do projeto social é um meio muito aceito para propor saídas para os problemas que atingem o cotidiano de uma parte considerável da sociedade, principalmente para crianças e adolescentes (NETO; DANTAS; MAIA, 2015). O futebol é um esporte que chama muita atenção e traz muito interesse tanto de praticantes como de espectadores (COSTA et al., 2010). A utilização de projetos sociais voltados para o futebol busca promover o desenvolvimento humano, através de espaços para transformações nas competências cognitivas, sociais, pessoais e produtivas (NETO; DANTAS; MAIA, 2015).

Dentre os benefícios presentes nos projetos sociais voltados para o futebol, encontram-se a inclusão social, melhora de comportamento, aprendizagem motora, melhora de rendimento escolar, entre outros (NETO; DANTAS; MAIA, 2015). Para que projeto social atinja seus objetivos, ele deve ser trabalhado de maneira que fomente a cultura esportiva e estimule a criticidade da cultura geral da comunidade que abriga a sua prática, ou seja, deve estruturar a oferta do esporte de maneira que ofereça práticas de reflexões, para formar e transformar o praticante (MACHADO; GALATTI; PAES, 2015)

Uma área das Ciências do Esporte que vem crescendo nas últimas décadas é a Pedagogia do Esporte, que trata do processo de ensino, vivência, aprendizagem e

treinamento de modalidades esportivas, ou seja, ensina o esporte por meio do esporte, da prática do jogo (LEONARDI et al., 2017). A pedagogia do Esporte, ao tratar do esporte coletivo, organiza, sistematiza, aplica e avalia procedimentos pedagógicos com o intuito de formar jogadores pensantes, que são capazes de resolver os problemas do jogo, e que consigam trabalhar em conjunto, fazendo com que os aprendizados transcendam o esporte, através de uma educação para e pelo o esporte (GALATTI, 2006).

Dada a necessidade de reflexão sobre a formação dos participantes dos projetos sociais, há questionamentos importantes a se fazerem: Quais conteúdos devem ser trabalhados nesses locais? E como devem ser trabalhadas (REVERDITO ; SCAGLIA, 2009)? Não há como listar uma fórmula específica e inflexível para realizar esse trabalho, se tem a proposta dos três referenciais da pedagogia do esporte, necessitando um equilíbrio entre eles: Referencial técnico tático, referencial socioeducativo e referencial histórico-cultural (REVERDITO; SCAGLIA, 2009).

O referencial técnico tático trata sobre a organização e sistematização pedagógica das modalidades esportivas para a vivência das mesmas. Seus conteúdos são os fundamentos e técnicas, elementos táticos ofensivos, defensivos e de transição. O ensino deve proporcionar aos praticantes a convivência com o esporte como lazer, continuidade de aprendizagem em outros ambientes, manutenção da saúde e até a prática dele como profissão (REVERDITO; SCAGLIA, 2009) Trabalhar o referencial socioeducativo, é trabalhar além das questões técnicas e táticas, abordando valores, comportamentos, respeito, trabalho em equipe, honestidade, responsabilidade disciplina, paciência, saber competir, entre outros. O referencial histórico- cultural trabalha os elementos do esporte e como ele se transformou em um elemento cultural e social. É trabalhado sobre a história e trajetória dos esportes, seus eventos, o ensino das regras, influência da mídia nas modalidades, personalidades do esporte, entre outros (GALATTI, 2006).

Para se trabalhar tais conteúdos com excelência, é necessário aplicar os conteúdos através de procedimentos pedagógicos. Procedimento pedagógico é toda ação consciente, pensada, planejada organizada pelo professor, objetivando o processo de ensino vivência aprendizagem da prática esportiva, que visa a melhoria do ambiente esportivo para propósitos educacionais (FERREIRA, 2009). Há alguns procedimentos pedagógicos passíveis de se utilizar para se trabalhar cada um dos três referenciais citados pela pedagogia do esporte (REVERDITO; SCAGLIA, 2009) sendo eles: Referencial Técnico tático, Referencial sociocultural e Referencial histórico cultural.

Dentro do referencial técnico tático, são apresentados os seguintes procedimentos pedagógicos:

- **Utilização de jogos e situações problema:** Um trabalho realizado fora do contexto do jogo minimiza o potencial de formação de um jogador, por isso o treinador deve elaborar exercícios e treinamentos imprevisíveis, assim como é o jogo propriamente dito, para que os alunos possam encontrar as soluções de maneira autônoma. Pode-se utilizar jogos reduzidos, pré desportivos ou mesmo o jogo formal (REVERDITO; SCAGLIA, 2009).
- **Construir ou transformar jogos:** A utilização de jogos deve se adequar a necessidade dos alunos, não podendo ser difíceis demais ou fácil demais, necessitando de modificações constantes nas estruturas do jogo. Essas estruturas são o espaço, tempo, número de participantes, regras, entre outros. As modificações podem partir do professor ou dos alunos, ao identificar alguma situação que seja necessária. Os jogos também auxiliam no desenvolvimento da cognição, criatividade e solução de problemas (FREIRE, 1994; GALVÃO, 1996).
- **Vivência de outros papéis:** A vivência em outras funções auxilia o aluno a enxergar o esporte de pontos de vistas diferentes. Como treinador, o mesmo poderá entender alguns aspectos para melhorar ações do seu time e limitar o time adversário. Na posição de árbitro, desenvolverá o conhecimento sobre as regras e como aplicá-las (REVERDITO; SCAGLIA, 2009).

Dentro do referencial Socioeducativo, são apresentados os seguintes procedimentos pedagógicos:

- **Grupo de debates:** Propor temas para se debater, de acordo com o interesse do grupo de alunos. Ensiná-los a respeitar a opinião dos outros, e formar uma opinião também, é importante (REVERDITO; SCAGLIA, 2009).
- **Momento de reflexão e diálogo:** Motivar os alunos a refletirem e conversarem sobre os problemas e conflitos que surgiram durante a aula/treino (REVERDITO; SCAGLIA, 2009).
- **Construção de um painel de atitudes:** a ideia é fazer um painel com o nome dos alunos, para que no fim de cada treino, o aluno se auto avalie, e dá um conceito para si mesmo (REVERDITO; SCAGLIA, 2009).

Dentro do referencial Histórico-cultural, são apresentados os seguintes procedimentos pedagógicos:

- **Pesquisas:** Fazer com que o aluno adquira conhecimento, através da leitura. Os temas podem ser variados, como recordes de esportes, principais nomes, história das modalidades, entre outros (REVERDITO; SCAGLIA, 2009).
- **Vídeos e documentários:** Utilizar vídeos para passar conhecimentos e informações úteis sobre os conteúdos trabalhados (REVERDITO; SCAGLIA, 2009).
- **Construção de painel de notícias:** Fazer com que os alunos além de pesquisarem e debaterem, criem um painel com as notícias da modalidade praticada (REVERDITO; SCAGLIA, 2009).

O ensino do esporte deve estar pautado nesses referenciais da Pedagogia do Esporte, e aplicar as aulas através de procedimentos pedagógicos, melhorando os aspectos motores, cognitivos, afetivos e culturais (MACHADO; GALATTI; PAES, 2012).

Em um projeto social, tendo o esporte como conteúdo, acreditamos que seja fundamental uma organização de forma clara e objetiva, ter um sentido pedagógico, que vá ao encontro da missão pretendida e dos resultados esperados, portanto temos a seguinte questão: Como se dá o processo metodológico do ensino treino do futebol dentro do projeto social Nova Integração? Com base nisso, o presente estudo objetiva entender como se dá o processo metodológico do ensino treino do futebol dentro do projeto social Nova Integração de Barra do Bugres – MT, através da perspectiva dos professores. Ainda, analisar os métodos utilizados pelos professores e verificar se as metodologias do projeto social atendem a missão pretendida.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, do tipo exploratório descritivo. O estudo possui a característica qualitativa exploratória pois se busca compreender o contexto e ambiente na qual os participantes estão inseridos (CRESWELL, 2007), e também descritivo pois busca classificar e descrever fenômenos efetuados a partir de dados obtidos por meio de uma entrevista (DURAN; TOLEDO, 2011). A pesquisa se dá através de uma entrevista semiestruturada com os professores da Escolinha Nova Integração. A Entrevista é um encontro em duas pessoas, na qual uma delas tem por

objetivo obter respostas para determinados assuntos, de forma profissional (MARCONI; LAKATOS, 2008).

A entrevista semiestruturada é aquela que parte de questionamentos básicos apoiadas em algumas hipóteses, que conforme a conversa, abre possibilidade para novas hipóteses, ou seja, nela o entrevistado consegue liberdade e espontaneidade para responder (TRIVINOS, 1987). A entrevista é inspirada nas questões trazidas por Machado, Galatti e Paes (2015), tendo algumas adaptações, sendo elas:

- A) - Qual a finalidade do projeto? O que se espera que o aluno aprenda no projeto?;
- B) Quais os conteúdos trabalhados? O que se trabalha dentro da sessão de treino?;
- C) Quais os métodos de ensino utilizados? o que se propõe dentro dos treinamentos? Quais atividades são realizadas? Como exemplo, tem o bobinho, o jogo em si, ou outros?;
- D): Como normalmente é realizada uma sessão de treinamento? Como você faz a escolha de exercícios, se segue algum planejamento, já sabendo o que vai realizar no dia?

CONTEXTO E SUJEITOS DA PESQUISA

O projeto Social Nova Integração é um projeto da 12ª Companhia Independente de Polícia Militar, localizada no município de Barra do Bugres, que surgiu em 1º de outubro de 2014. Inicialmente o projeto tinha apenas uma atividade, que era o futebol, possuindo 30 alunos. Hoje, o projeto social conta com 406 alunos.

Em 2017 o Projeto Nova Integração criou um subprojeto, denominado Polícia Militar Mirim, destinado a adolescentes de 12 a 17 anos, que passa o ano com policiais militares, recebendo orientações sobre disciplina, respeito, responsabilidade, patriotismo, entre outros. Ao fim do ano possuem uma formatura, na qual os cinco melhores são escolhidos para monitorar a turma do ano seguinte. Durante o curso realizam atividades como ações orientativas e educativas no trânsito junto com policiais militares, atividades voltadas para a área ambiental, que incluem a limpeza de rios, auxiliam em ações sociais em escolas. Ou seja, participam de várias atividades que promovem a oportunidade de crescimento aos adolescentes. O projeto também possui aulas de violão e teclado para adolescentes, e está com um planejamento para iniciar aulas de informática no ano de 2023.

Além de atender o município de Barra do Bugres, o projeto também atende os

distritos de Currupira e Assari, tendo cerca de 55 alunos em Currupira e 40 alunos em Assari. O projeto até o ano de 2021 se mantinha apenas com doações de patrocinadores, e a partir de 2022 a prefeitura passou a ajudar na remuneração dos professores que auxiliam no funcionamento do projeto, pagando-os parcialmente, necessitando ainda do auxílio de patrocinadores para completar o pagamento desses profissionais.

O projeto Nova Integração possui em sua diretoria 28 membros, sendo compostas de civis, que se voluntariam. Os únicos remunerados pelo projeto são os professores que ministram as aulas.

O projeto iniciou com a preocupação da polícia militar, em trabalhar preventivamente e também se aproximar da sociedade, cuidando das crianças através de orientações e trabalhos, para que futuramente possa se formar cidadãos para a sociedade, sendo esse o principal objetivo do projeto social.

Portanto, o projeto é de fundamental importância no município de Barra do Bugres, e possui mais do que um meio de trabalho com crianças e adolescentes. Para o desenvolvimento dessa pesquisa, destacamos apenas a área relacionada aos esportes, mais especificamente sobre o trabalho realizado com o futebol. Em relação às atividades de esportes, onde é trabalhado o futebol e futsal, o projeto social trabalha de maneira a tentar oferecer todas as condições possíveis para que o aluno possa se desenvolver, e contribuir para que ele se torne um jogador profissional, se assim for o desejo dele, porém, o objetivo principal do projeto é a formação do cidadão para a sociedade. Foram entrevistados 04 professores do projeto, através de questões semiestruturadas, na qual os mesmos tiveram liberdade ao responder, não se limitando a uma resposta fechada. Um outro professor foi deixado de fora da pesquisa, pois o mesmo é voltado ao treino de futsal. Optamos por não divulgar os nomes dos professores, apenas os classificarem numericamente. O professor número 01 já trabalha com o esporte há muito tempo, tendo experiências como massagista de clubes profissionais de futebol e grande envolvimento em eventos e programas esportivos do município. O professor número 02 possui 28 anos, formado em educação física e auxilia no projeto desde o início do mesmo. O professor número 03 possui 48 anos é ex-jogador de futebol, que contribui com o esporte no município desde antes de sua aposentadoria, atuando em eventos e posteriormente em escolinhas. O professor número 04 tem 32 anos de idade, formado em educação física, atua como professor em escolas do município e atua em todas as faixas etárias do projeto.

A entrevista foi previamente agendada conforme a disponibilidade do participante

e seguiu um roteiro de perguntas com questões direcionadas ao tema central do estudo. Nas entrevistas, por meio das falas dos professores, buscamos informações que pudessem apresentar os objetivos do projeto Nova Integração, em seguida sobre os conteúdos trabalhados no projeto e os métodos utilizados nas aulas. Para se analisar as respostas, foi utilizada uma metodologia de análise de dados baseada na análise de discurso, que através das respostas, busca-se chegar a realidade do local. Na análise de discurso, entende-se que a situação está dentro do próprio texto, buscando a compreensão do processo de produção do discurso, seu contexto, do que da interpretação do texto (CAPPELE;MELO;GONÇALVES, 2003).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi possível observar que o professor 01 é responsável pelos alunos de 09 a 10 anos. O professor número 02 é responsável pelos alunos de 11 a 13 anos. O professor número 03 é responsável pela turma de 14 a 16 anos, e o professor número 04 auxilia os demais treinadores em todas as faixas etárias. Analisando as respostas dadas pelos professores é evidente que todos possuem a visão que o projeto social prioriza o lado social, apesar de também tentar ensinar a prática do esporte.

Professor 01: fazer o aluno ser um cidadão de bem, um bom filho, um bom aluno. Caso vingue como jogador, ótimo, mas o trabalho é voltado para a sociedade, em formar cidadãos de bem. Existe dentro do projeto algumas questões de disciplinas, como o horário a chegar, o respeito ao professor e os colegas, aguardar a vez de falar.

Professor 02: Educar a criança, fazer com que o aluno se torne um cidadão de bem dentro da sociedade, transformando a criança desde os 05 anos até aos 16 anos, fazendo com que ela consiga sair do projeto sendo uma boa pessoa, para buscar seus objetivos.

Professor 03: Proporcionar para os alunos a prática do esporte e lazer, visando a formação do cidadão de bem, com caráter.

Professor 04: O projeto objetiva formar cidadãos, por ser um projeto social desenvolvido pela polícia militar, ele visa formar o indivíduo dentro da sociedade. A educação, comportamento perante a sociedade, através do respeito com os colegas são priorizados. O foco não é ser uma escolinha esportiva, claro que também disputa competições, mas o foco é a formação do cidadão.

Dois professores, sendo eles o 1 e 4, relataram que além do foco principal de formar cidadãos, também possibilitam o desenvolvimento das habilidades esportivas. O trabalho com fatores além das capacidade motoras é fundamental, e por isso o ensino de valores,

respeito e conhecimento deve estar presente na formação do aluno (MACHADO; GALATTI; PAES, 2015). O professor número 1, citou algumas normas internas utilizadas dentro dos treinamentos que objetivam o respeito dentro do ambiente.

É importante que o esporte seja trabalhado com uma visão humanizada, levando em consideração aspectos como emoções, sentimentos. Desse modo, é fundamental que os ensinamentos do esporte trabalhem valores e comportamentos dos alunos (BENTO, 2006 Apud MACHADO; GALATTI; PAES, 2015). Essa visão relatada pelos professores, se enquadram dentro do referencial socioeducativo defendido pela pedagogia do esporte, sendo alguns exemplos o trabalho de características como o respeito, trabalho em equipe, responsabilidade, honestidade, paciência, disciplina, entre outros (MACHADO; GALATTI; PAES, 2012). Sempre vai existir um componente educacional na prática do esporte, podendo ser positivo ou negativo (MACHADO; GALATTI; PAES, 2015), e por isso o referencial socioeducativo deve ser trabalhado, para que esse componente se torne positivo.

O professor 2 citou ainda sobre o acompanhamento que faz com alunos que permanecem muito tempo no projeto, podendo ser acompanhados dos 5 anos (5 a 6 anos faz parte do futsal) até aos 16 anos. A continuidade do projeto social é um fator fundamental para que se possa alcançar os benefícios esperados da prática esportiva, portanto, o projeto deve proporcionar interações contínuas e mais complexas (MEIRELES *et al.* 2020). Destaca-se que o professor número 3, citou também sobre a importância de proporcionar o momento de lazer para essas crianças, sendo esse talvez o principal motivo para que as crianças pratiquem a atividade.

É importante saber que os professores possuem consciência sobre o objetivo do projeto social, e que sabem quais são os valores e princípios que devem prevalecer dentro das sessões de treinamentos.

Em relação aos conteúdos trabalhados, os professores 1, 2 e 3 citaram especificamente aquilo que normalmente trabalham durante as sessões de treino, sendo os trabalhos físicos, técnicos (finalização, cabeceio, passe, cruzamento), táticos e a coordenação motora.

Professor 01: O físico, a coordenação motora e o futebol em si, tudo globalizado.

Professor 02: Trabalhamos bastante a parte física, a parte tática, a coordenação motora, visto que há muitas crianças com dificuldades motoras, pois alguns são muitos novos. Trabalhamos também a

finalização, passe, cabeceio, cruzamento, fazendo com que ele aprimore o máximo possível suas condições físicas e técnicas de jogo.

Professor 03: Realizamos trabalho para parte técnica, parte tática, coordenação motora, trabalhos físicos e com bola.

Professor 04: Observamos a necessidade de cada aluno, como são separados por categorias, vamos avaliando o nível dos alunos para elaborar as atividades conforme aquilo que necessitam desenvolver. Se há alunos mais desenvolvidos, realizamos uma atividade para aquele certo grupo. Por exemplo, se algum aluno possui uma dificuldade na parte motora, ou no passe ou domínio, então elaboramos atividades conforme o desenvolvimento dos alunos.

A aplicação dos conteúdos citados pelos professores estão dentro dos fundamentos básicos (Finalização, cabeceio, passe) e fundamentos derivados (Cruzamento) para a prática esportiva, que acaba sendo uma base para se desenvolver posteriormente outras habilidades (SCAGLIA, 1996). Os conteúdos citados são enquadrados dentro do referencial técnico tático da pedagogia do esporte, que ensinam sobre aspectos do jogo em si, como ações ofensivas e defensivas (MACHADO; GALATTI; PAES, 2012).

Não basta apenas o ensino do conteúdo, mas também é necessário saber se ele está sendo trabalhado de maneira correta. O ensino do referencial técnico tático deve ser trabalhado de maneira contextualizada ao jogo (LEONARDI *et al.*, 2017). Ao observar a resposta dada pelo professor 4, notamos que o professor trabalha com todas as categorias com os demais professores, o mesmo rotineiramente lida com alunos com capacidades bem destoantes entre si. Podemos perceber que há algumas atividades que existe a divisão de grupos para trabalhar mais especificamente alguma dificuldade dos alunos. O ensino do esporte para crianças e adolescentes, e conseqüentemente do futebol deve ser organizado em função de quem pratica, ou seja, o conteúdo os métodos e a complexidade do exercício deve ser de acordo com as idades e o nível de desenvolvimento dos alunos (GRECO; BRENDA, 1998; CARDOSO, 2007).

Além do referencial socioeducativo citado na primeira questão respondida pelos professores, é possível notar que ao falar sobre os conteúdos ministrados, os professores citaram trabalhos que, majoritariamente, se encaixam dentro do referencial técnico tático da pedagogia do esporte. Os conteúdos ao ensinar o esporte devem ir além dos fundamentos técnicos táticos, e devem incluir os elementos socioeducativos e histórico Cultural (MACHADO *et al.*, 2011 ; REVERDITO; SCAGLIA, 2009; PAES, 2012) . Aparentemente, existe pouca atenção para o referencial histórico cultural. Para se obter uma formação por inteiro do aluno, é fundamental que os três referenciais sejam

trabalhados, não privilegiando apenas um deles (MACHADO *et al.*, 2011). É importante que o aluno diante da experiência com o esporte, possa aprender fundamentos, regras, história e evolução da modalidade, de maneira teórica e prática (PAES, 1996).

Em relação aos métodos de ensino, os professores 1, 2 e 4 citaram sobre as atividades em campo reduzidos, para as crianças terem mais contato com a bola.

Professor 01: Trabalhos com campo reduzidos, às vezes usa-se o campo inteiro para já fazer o trabalho físico enquanto joga. Mas evitamos fazer os exercícios fora do que a capacidade deles suportam

Professor 02: Cada professor tem seu método de trabalho de acordo com sua categoria, mas realizo treinamentos com apenas um toque na bola, outros com dois toques, realizar jogos com campo reduzido, recreativos, para trabalhar a noção do espaço do campo.

Professor 03: Os conteúdos trabalhados dependem da quantidade de alunos no dia. Realizamos um plano de trabalho para realizar o treinamento, mas moldamos de acordo com a quantidade de alunos.

Professor 04: Realizamos trabalhos recreativos, atividades em campos reduzidos, trabalho de troca de direção e noção de espaço de campo. Como há turmas de idades diferentes, especificamos para cada categoria.

O trabalho com campo reduzido, e o jogo em si são tipos de jogos que trazem situações problemas reais do jogo, fazendo com que o aluno precise tomar decisões para superar a situação, sendo uma ferramenta bastante utilizada para o ensino das capacidades técnicas táticas (MACHADO; GALATTI; PAES, 2012). O jogo não necessariamente possui um modelo único, ele pode ser feito e modificado de acordo com o estímulo que se busca é a capacidade de quem está praticando, sendo variável e manipulável (OLIVEIRA, 2004; GOMES, 2008). O professor 3 citou que apesar do planejamento feito, em alguns casos alteram o treino de acordo com o contexto, a quantidade de alunos que estão presentes no dia do treino.

O professor 1 citou que se preocupa em realizar atividades que estejam ao alcance dos alunos, evitando ultrapassar o limite dos mesmos. O respeito ao limite dos alunos é importante para o interesse e a continuidade do aluno no ambiente. O ensino do esporte, se tratando dos conteúdos técnicos táticos não devem nem serem em níveis de profissional, e nem ser descompromissado, não oferecendo oportunidade de aprendizado para o aluno. Portanto, o ensino do jogo não pode ser pautado em nenhum desses dois extremos (ZALUAR, 1994 apud MACHADO; GALATTI; PAES, 2012).

O esporte só terá sucesso na função educacional se ele for intencionalmente organizado, sistematizado e aplicado de maneira a alcançar seus objetivos, não só ocupar o tempo dos alunos (MACHADO, GALATTI, PAES, 2015). É evidente que cada professor

possui um método de trabalho diferente do outro, e analisando as respostas dadas pelos 04 professores, é possível notar que não há apenas um método de ensino utilizado, variando de acordo com o treino.

De acordo com as respostas dos professores, é possível notar que em muitas situações os mesmos utilizam ferramentas de ensino que vão de acordo com as tendências defendidas pela pedagogia do esporte, como por exemplo o trabalho com campo reduzido e recreativos, importante para o referencial técnico tático (MACHADO; GALATTI; PAES, 2012). O trabalho de acordo com a pedagogia do esporte permite ao aluno se tornar um jogador inteligente, que consegue resolver problemas através da cooperação, podendo transcender os conteúdos para além do campo (GALATTI, 2006). Foi relatado que em alguns momentos os professores realizam atividades de acordo com as capacidades do grupo.

O professor possui o poder de alterar as estruturas do jogo, para que ele possa tanto ser facilidade, possibilitando a prática do exercício, quanto dificultado. Tanto a falta de desafio, quanto a impossibilidade de realização, gera a desmotivação do aluno (GALATTI, 2008). Há também um trabalho que depende muito da quantidade de alunos presentes, fazendo com que o professor altere ou modifique o seu planejamento daquele dia.

As sessões de treinamento são diferentes de professor para professor, e também dependem do dia. Um exemplo dado é o professor 2, que realiza treinamentos mais curtos nas quartas feiras devido ao tempo, e no sábado realiza atividades mais trabalhadas.

Professor 01: Normalmente dividimos em duas turmas, às vezes fazemos um rachão. O trabalho varia também de professor para professor, mas com um objetivo só. Às vezes quando o número de alunos é reduzido, fazemos o trabalho com todos juntos.

Professor 02: Costumo fazer um coletivo no campo nas quartas feiras, pois o tempo é menor. No sábado, faço um recreativo para se distraírem no início. Após, faço um treino físico, exercícios com bola, cones, escadas, e logo após fazemos um coletivo para trabalhar mais a parte tática do jogo [...]

Professor 03: Como já dito antes, as sessões dependem da quantidade de alunos que compareceram no dia. Conforme a quantidade, moldamos os exercícios do dia.

Professor 04: A sessão varia a cada dia. Depende de fatores como a quantidade de alunos, o nível de desenvolvimento dos alunos presentes e a faixa etária dos mesmo.

Ao juntar as respostas dadas pelos professores nas questões 03 e 04, sobre os

métodos de ensino e como se dá a sessão de treinamento, podemos notar que os professores não utilizam apenas um método de ensino, e acabam mesclando durante as sessões de treinamentos. Pelas atividades relatadas, podemos notar a existência de exercícios com conceitos que se caracterizam pelo método analítico e exercícios com características do método global, além de outros como metodologias de jogos com espaço reduzido.

O método analítico é caracterizado pelo ensino do jogo por partes, na qual os alunos realizam exercícios que enfatizam os gestos técnicos necessários para se completar a ação desejada (CORREA; SILVA; PAROLI, 2004). Portanto, são movimentos que são realizados com intuito de aperfeiçoar o fundamento, mas é feito sem estar dentro do contexto do jogo. Algumas das atividades realizadas pelos professores se assemelham com tal método, como atividades com cones, cruzamento e cabeceio, que em determinados momentos são feitos de maneira isoladas.

O método global é caracterizado pelo ensino através do jogo, da complexidade que o jogo traz, aumentando as experiências vividas pelo praticante, fazendo com que ele aprenda a jogar jogando (GONÇALVES, 2012). Algumas atividades relatadas pelos professores são caracterizadas através desse método, pois relataram que às vezes realizam o jogo em si. Como por exemplo a fala do professor 02, que relatou que nas quartas utiliza mais atividades coletivas no campo, ou seja, deixam os alunos jogarem por mais tempo, devido ao pouco tempo que o mesmo possui para trabalhar outros aspectos, deixando essas atividades para o sábado.

O método analítico sintético, ainda muito utilizado nos tempos contemporâneos, são aquelas atividades feitas descontextualizadas do jogo, que vem sendo minimizadas nos estudos recentes sobre o ensino treino de esportes coletivos. Não significa necessariamente que o método deve ser excluído totalmente dos treinos, pois possui uma fundamentação e história importante que contribuiu para o avanço dos métodos de ensino, porém, é importante priorizar os treinos com a característica global, que visam a prática dos jogos esportivos coletivos (GALATTI *et al.*, 2014). A experiência de vivenciar situações autênticas de contextos e situações do jogo, permite a motivação e a aprendizagem, pois os jogadores buscam as soluções para essas situações, não apenas realiza gestos estereotipados, possuem um intuito ao realizar o movimento (KIRK; MACPHAIL, 2002 apud CASARIN *et al.*, 2011). As situações enfrentadas pelos jogadores no contexto do jogo faz com que eles constantemente avaliem, criem, tomem decisões,

com e sem bola (DE SOUZA; MITCHELL, 2010 Apud CASARIN *et al.*, 2011).

É evidente que cada professor possui um método de trabalho diferente do outro, formado pelas experiências que possuem, mas é importante ressaltar que conforme as respostas dadas, todos possuem objetivos consensuais, que visam a formação do cidadão, proporcionar o lazer às crianças e ensinar a prática do esporte.

Após a pesquisa dentro do projeto social Nova Integração e respostas concedidas pelos professores de futebol do projeto, podemos notar que o projeto é importante para o município, e que os objetivos traçados pelo projeto são compreendidos e trabalhados pelos professores, transmitindo aos alunos os conteúdos desejados. O projeto possui uma continuidade dentro do município, alcançando uma grande quantidade de alunos durante a sua existência. Sobre o processo metodológico do ensino do futebol dentro dos projetos, através das respostas é possível se ter uma noção sobre como é feito o trabalho, e que fica evidente que é utilizado o método global de ensino, mas que em alguns momentos ainda é utilizado o método analítico.

CONCLUSÕES

Este estudo buscou entender, através da perspectiva dos professores, como se dá o processo metodológico do ensino treino do futebol dentro do projeto social Nova Integração de Barra do Bugres – MT. Sabemos que os projetos sociais possuem o objetivo de ajudar a sociedade de alguma maneira, e o projeto social nova integração não é diferente. Possuem objetivos de formar cidadãos através de ações voluntárias e projetos como o PM mirim e através do esporte. O projeto Nova Integração se torna um projeto social muito importante dentro do município de Barra do Bugres, principalmente por atingir uma grande quantidade de alunos, alcançando distritos próximos e conseguindo alcançar resultados positivos, devido a continuidade que ele tem ao longo dos anos, sendo iniciado em 2014 e se mantendo até o presente momento.

Em relação ao futebol, área estudada no presente trabalho, é possível concluir que possui capacidade e potencial para alcançar as propostas objetivadas por um projeto social voltado ao esporte. Observamos que os professores possuem consciência da importância do ensino das habilidades sociais, que irão auxiliar a preparar e educar os alunos para a sociedade, como de fato é um dos objetivos do projeto Nova Integração, e também objetivo dos mais variados projetos sociais existentes em vários lugares do país

COHEN; FRANCO, 1993; MEIRELES, *et al.* 2020; NETO, DANTAS; MAIA, 2015). Ao observarmos as respostas dos professores, não vemos um dos referenciais da pedagogia do esporte, que seria o referencial histórico cultural. Entretanto, apesar de não ser citado durante as entrevistas, seria ideal o acompanhamento das sessões de treino para verificar como ele é trabalhado, e também nas demais áreas do projeto social Nova Integração, além do esporte.

Quanto à metodologia utilizada pelos professores, com base em suas respostas, observa-se a mescla de métodos, fazendo algumas atividades com a característica analítica, e outras com as características globais. Foi possível perceber uma utilização de uma metodologia mista durante as sessões de treinamento.

Portanto, foi possível evidenciar que existe um trabalho esportivo importante dentro do projeto social Nova Integração, na qual todos os profissionais se empenham para atingir os objetivos. Com as respostas obtidas, é notável que o trabalho realizado possui potencial para melhorar ainda mais. A redução dos treinamentos analíticos, junto com uma priorização dos métodos globais pode gerar um efeito mais positivo ainda na formação do cidadão. Isso inclui a inserção do referencial histórico cultural dentro das aulas, assim como o aumento do referencial socioeducativo, fazendo com que possam ser trabalhados tanto quanto o referencial técnico tático, potencializando o desenvolvimento e formação dos alunos.

Para se obter uma análise mais precisa sobre o processo de ensino/treino dentro do projeto, é necessário um acompanhamento das sessões de treinamento. Portanto, obtivemos um sucesso parcial sobre o objetivo geral do trabalho, sendo necessário um acompanhamento aos treinos para analisar, comparar e confirmar como são feitos os treinamentos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Programa Segundo Tempo**. Brasília, DF: Secretaria Especial do Esporte, 2021.

CAPPELLE, Mônica Carvalho Alves; MELO, Marlene Catarina de Oliveira Lopes; GONÇALVES, Carlos Alberto. **Análise de conteúdo e análise de discurso nas ciências sociais**. Organizações Rurais & Agroindustriais, [S. l.], v. 5, n. 1, 2003. Disponível em: <http://www.revista.dae.ufla.br/index.php/ora/article/view/251>.

CARDOSO, Marcelo Francisco da Silva. **Para uma teoria da competição desportiva**

para crianças e jovens -Um estudo sobre os conteúdos, estruturas e enquadramentos das competições desportivas para os mais jovens em Portugal. - Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Marcelo Cardoso, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, 2007.

CASARIN, Rodrigo Vizenci; REVERDITO, Riller Silva; GREBOGGY, Dênis de Lima; AFONSO, Carlos Alberto; SCAGLIA, Alcides Jose. **Modelo de jogo e processo de ensino no futebol: Princípios globais e específicos. Movimento**, [S. l.], v. 17, n. 3, p. 133–152, 2011. DOI: 10.22456/1982-8918.16302.

CASTRO, Suelen Barbosa Eiras de; SOUZA, Doralice Lange. **Significados de um projeto social esportivo: um estudo a partir das perspectivas de profissionais, pais, crianças e adolescentes. Movimento**, [S. l.], v. 17, n. 4, p. 145–163, 2011. DOI: 10.22456/1982-8918.22268.

COHEN, Ernesto; FRANCO, Rolando. **Avaliação de Projetos sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993. ISBN 978-85-326-1057-7.

COTTA, Tereza Cristina. **Metodologias de avaliação de programas e projetos sociais: análise de resultados e de impacto**. Revista do Serviço Público, [S. l.], v. 49, n. 2, p. 103- 124, 2014. DOI:10.21874/rsp.v49i2.368.

CORRÊA, Umberto Cesar; SILVA, Antonio Sabino da; PAROLI, Rejane. **Efeitos de diferentes métodos de ensino na aprendizagem do futebol de salão**. Revista Motriz, Rio Claro, v. 10, n. 2, p. 79-88, 2004.

COSTA, Israel.; GRECO, Pablo.; GARGANTA, Júlio.; COSTA, Varley.; MESQUITA, Isabel. **Ensino-aprendizagem e treinamento dos comportamentos tático-técnicos no futebol. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, [S. l.], v. 9, n. 2, 2010.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DURAN, Erika Christiane Marocco; TOLEDO, Vanessa Pellegrino. **Análise da produção do conhecimento em processo de enfermagem: estudo exploratório descritivo**. Rev Gaúcha Enferm. 2011.

FERREIRA, Henrique Barcelos. **Pedagogia do Esporte: identificação, discussão e aplicação de procedimentos pedagógicos no processo de ensino-vivência e aprendizagem da modalidade basquetebol**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

FREIRE, João Batista: **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física**. São Paulo> Scipione, 1994.

GALATTI, Larissa Rafaela; FERREIRA, Henrique Barcelos; SILVA, Ylane Pinheiro Gonçalves da; PAES , Roberto Rodrigues. **Pedagogia do Esporte:procedimentos pedagógicos aplicados aos jogos esportivos coletivos. Conexões**, Campinas, SP, v. 6,

p. 397– 408, 2008. DOI: 10.20396/conex.v6i0.8637843.

GALATTI, Larissa Rafaela. **Pedagogia do esporte: o livro didático como um mediador no processo de ensino e aprendizagem de jogos esportivos coletivos**. 2006. 139f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

GALATTI, Larissa Rafaela; PAES, Roberto Rodrigues; COLLET, Carine; SEOANE, Antonio Montero. **Esporte contemporâneo: Perspectivas para compreensão do fenômeno**. *Corpoconsciência, [S.l.]*, v.22, n.3, p.115–127, 2018.

GALATTI, Larissa Rafaela; REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides Jose; PAES, Roberto Rodrigues; SEOANE, Antonio Motero. **Pedagogia do esporte: Tensão na ciência e ensino dos jogos esportivos coletivos**. *Revista da Educação Física / UEM*, v. 25, n. 1, p. 153– 162, jan. 2014.

GALVÃO, Zenaide. **A construção do jogo na escola**. *Motriz*, v. 2, n.2, p. 106 – 109. 1996.

GOMES, Marisa Silva. **O desenvolvimento do jogar segundo a periodização tática**. Madrid: MCSports, 2008.

GONÇALVES, Andreza. **Análise frente aos professores de Educação Física quanto ao seu conhecimento, utilização e diversificação dos métodos no ensino dos jogos esportivos coletivos**. *RBFF - Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, v. 4, n. 14, 23 dez. 2012.

GUEDES, Simone Lahud; DAVIES, Julio D'angelo; RODRIGUES, Michelle Antunes; SANTOS, Rafael Medeiros. **Projetos sociais esportivos: notas de pesquisa**. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, XII, 2006, Niterói. Anais... Rio de Janeiro: ANPUH, 2006. p. 92.

KRAVCHYCHYN, Claudio; SOUZA, Juliano de; STAREPRAVO, Fernando Augusto; RINALDI, Ieda Parra Barbosa ; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bassoli de. **Projetos e programas sociais esportivos no Brasil: Antecedentes históricos e reflexividade social**. *Revista da ALESDE, [S.l.]*, v. 10, n. 1, p. 53-68, jul. 2019. ISSN 2238-0000.

LEONARDI, Thiago José; GALATTI, Larissa Rafaela; SCAGLIA, Alcides José; DE MARCO, Ademir; PAES, Roberto Rodrigues. **Pedagogia do Esporte: Sinalização para a avaliação formativa da aprendizagem**. *Pensar a Prática, Goiânia*, v. 20, n. 1, 2017. DOI: 10.5216/rpp.v20i1.36744.

MACHADO, Gisele Viola; GALATTI Larissa Rafaela; PAES, Roberto Rodrigo; RIBEIRO, Sheila. **Pedagogia do esporte e autonomia: um estudo em projeto social de educação não formal**. *Pensar a Prática, Goiânia*, v. 14, n. 3, 2011. DOI: 10.5216/rpp.v14i3.10913.

MACHADO, Gisele Viola; GALATTI, Larissa Rafaela; PAES, Roberto Rodrigo. **Pedagogia do esporte e projetos sociais: interlocuções sobre a prática pedagógica**. *Movimento, [S.l.]*, v. 21, n. 2, p. 405 – 418, 2015. DOI: 10.22456/1982.48275.

MACHADO, Gisele Viola; GALATTI, Larissa Rafaela; PAES, Roberto Rodrigo. **Pedagogia do Esporte e o Referencial Histórico-Cultural: Interlocução Entre Teoria E Prática.** Pensar a pratica, Goiânia, v. 17, n.2, 2014. DOI: 10.5216/rpp.v17i2.24459.

MACHADO, Gisele Viola; GALATTI, Larissa Rafaela; PAES, Roberto Rodrigo. **Seleção de conteúdos e procedimentos pedagógicos para o ensino do esporte em projetos sociais : reflexões a partir dos jogos esportivos coletivos.** Motrivivencia, Florianópolis, v.24, n. 39, p. 164-176, dez 2012.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MEIRELES, Livia Gomes Viana, SALDANHA, Daiany Mayara de França, MENESCAL, Danielle Maria Pereira; OLIVEIRA, Raiany Kelly Abreu de; GONZALEZ, Ricardo Hugo. **Projetos esportivos sociais para adolescentes no Brasil: Impactos, implicações e barreiras.** Caderno de educação física e Esporte, Marechal Candido Rondon, v. 18, n. 1, p 77-82, 2020.

NETO, Ewerton Dantas Cortes; DANTAS, Maihana Maira Cruz; MAIA, Eulalia maria Chaves. **Benefícios dos projeto sociais esportivos em crianças e adolescentes.** Saude & transformação social, 6(3):109-117,2015.

PAES, Roberto Rodrigo: **Educação física Escolar: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental.** Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de educação, 1996.

PAES, Roberto Rodrigo.; BALBINO, Hermes Ferreira. **A pedagogia do esporte e os jogos coletivos.** In: DE ROSE JR,D. *et al.* Org). Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2009.

REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José: **Pedagogia do Esporte: jogos coletivos de invasão.** São Paulo: Phorte, 2009

RIBEIRO, Carlos Henrique de Vasconcelos. **Projetos sociais de ex- jogadores de futebol famosos: quando o sucesso se transforma em bem coletivo.** Corpus et Scientia – v.1 – n.2 - 2005.

SANTOS, Edmilson Santos dos; ANDRADE, Jean Carlos de Sá; SANTOS, Roberto Silva. **Programa Segundo Tempo e o papel das prefeituras na sua difusão.** Pensar a pratica, Goiânia, v. 17, n. 4, 2014. DOI: 10.5216/rpp.v17i4.29020.

SCAGLIA, Alcides Jose. **Escolinha de futebol: uma questão Pedagógica. Relato de experiência.** Revista de educação física, V.2, n.1, 1996. DOI: 10.5016/6513.

SILVA, Sidinei da Cruz. **Investigação no uso do método analítico e global e sua contribuição para o ensino-aprendizagem do Futebol e Futsal.** Revista Brasileira de Futsal e futebol, Vol. 10, N. Extra 39, pags. 399-410, 2018.

SOUZA, Doralice Lange de; VIALICH, Andrea Leal; EIRAS, Suelen Barboza; MEZZADRI, Fernando Marinho. **Determinantes para a implementação de um projeto social.** 2010.

THOMASSIM, Luis Eduardo Cunha. **O "público-alvo" nos bastidores da política: um estudo sobre o cotidiano de crianças e adolescentes que participam de projetos sociais esportivos.** 296 f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) - Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

Capítulo 6
**JOGOS REDUZIDOS PARA O ENSINO DO FUTEBOL:
EFEITOS SOBRE AS CARGAS INTERNAS E EXTERNAS E
VARIÁVEIS TÉCNICO-TÁTICA**
Ivan de Souza



JOGOS REDUZIDOS PARA O ENSINO DO FUTEBOL: EFEITOS SOBRE AS CARGAS INTERNAS E EXTERNAS E VARIÁVEIS TÉCNICO-TÁTICA

Ivan de Souza

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de compilar as informações disponíveis na literatura científica que versam sobre a aplicação de jogos reduzidos para o ensino- aprendizagem do futebol. Para isso foi realizada uma busca, utilizando os termos de busca “soccer” (“futebol”) e “small-side-games” (“jogos reduzidos”), nas bases de dados Pubmed e Web of Science. A compilação dos achados é dividida em três tópicos, organizados da seguinte forma: Efeitos dos jogos reduzidos nas variáveis técnico-táticas; Efeito dos jogos reduzido nas variáveis de carga interna; Efeito dos jogos reduzidos nas variáveis de carga externa. As informações disponíveis na literatura indicam que os jogos reduzidos é um método de treino capaz de induzir as adaptações necessárias para a aprendizagem do futebol. Manipular as variáveis é o que permite definir quais adaptações aos fundamentos técnico-táticos, carga interna e externa, serão produzidas.

Introdução

Se entendermos o futebol como um sistema complexo e não linear, em que os jogadores necessitam da habilidade de entender as demandas do ambiente e, a partir desta leitura, serem capazes de executar as ações técnico- tática adequada para solucionar os problemas apresentados no ambiente de jogo, assim, a escolha do método que induzirá o desenvolvimento destas competências, deve guardar relação com a visão de futebol do professor/treinador (Chow et al. 2014; Folgado et al. 2018; Machado et al. 2019).

Tradicionalmente o futebol tem sido ensinado utilizando métodos de treino definidos como lineares. Estes métodos priorizam o ensino da técnica e desenvolvimento das capacidades físicas em ambientes fora do contexto de jogo. Neste cenário, altamente previsível, os praticantes tendem a executar uma única solução para a tarefa que estão realizando, ocasionando assim, um pobre repertório motor e capacidade de identificar e resolver os problemas impostos pelo jogo. Ainda, o uso de exercícios em que os participantes precisam driblar cone, esperar em filas, além de serem desinteressantes, podem gerar esperas para participar das atividades. Por estes motivos, estes modelos de

treino parecem ensaios e não jogo (Machado et al. 2019).

Os métodos tradicionais são criticados por não permitirem a experimentação da execução das ações motoras em um ambiente aberto, que irá demandar diferentes padrões de movimento e, principalmente, tomadas de decisão de acordo com as exigências do momento e não entendimento do jogo (Machado et al. 2019).

Para superarmos esta visão tecnicista e linear, sugerimos a utilização de métodos que proponham uma visão ecológica e não linear para o ensino do futebol. Um método em que, a manipulação do ambiente de jogo seja capaz de favorecer o desenvolvimento das habilidades necessárias para o futebol. Dentre os métodos de treinamento não lineares, podemos destacar os jogos reduzidos.

Os jogos reduzidos têm sido amplamente utilizados no processo de ensino do futebol, desde a iniciação ao alto rendimento. Este método propõe a utilização de jogos que mantenham as características fundamentais do esporte. Por meio da manipulação de variáveis como quantidade de jogadores, tamanho do campo, dimensão do gol, alterações das regras, relação trabalho-descanso e instruções verbais do treinador, os treinadores buscam oferecer diferentes estímulos para o desenvolvimento das capacidades técnico-táticas e físicas.

Como uma das principais vantagens, quando comparado aos métodos tradicionais (lineares), é a capacidade de manter o caráter imprevisível da modalidade, e a execução dos fundamentos técnico-táticos em um contexto mais próximo ao jogo real, bem como o entendimento do jogo e suas dinâmicas. Desta forma, os alunos desenvolvem suas habilidades técnicas e táticas em um contexto mais próximo ao do jogo oficial (Clemente; Sarmiento 2020; Folgado; Duarte; et al. 2018). Ainda, em razão da característica lúdica do jogo, este método permite o desenvolvimento das capacidades físicas em um ambiente mais motivante.

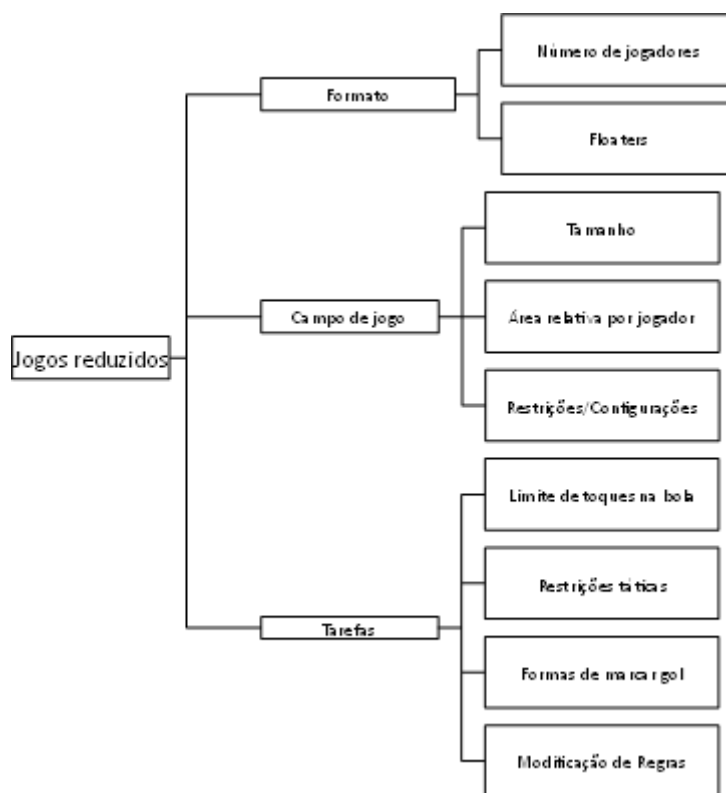
Como os jogos reduzidos têm sido amplamente aplicados ao treinamento do futebol, e tem recebido grande atenção da comunidade científica, este trabalho tem o objetivo de compilar os achados disponíveis na literatura especializada sobre o efeito dos jogos reduzidos nas cargas internas e externas e demandas técnico-táticas em jogadores e equipes de futebol.

Para cumprir este objetivo iremos dividir este trabalho em 3 sessões que versarão sobre as respostas dos jogos reduzidos às demandas de carga interna e externa e variáveis técnico-táticas. Para auxiliar na construção dos tópicos deste trabalho serão utilizados

artigos científicos indexados nas bases de dados PubMed e Web of Science, foram utilizados os termos de busca “small-side games”, “soccer”. Foram selecionados artigos originais, meta-análise e revisões sistemáticas, que versaram sobre os efeitos dos jogos reduzidos nas características e demandas dos jogos de futebol.

Manipulação das variáveis do ambiente/jogo

Nos jogos reduzidos os treinadores realizar manipulações no ambiente e tarefa do jogo de acordo com os objetivos do treino. As principais alterações estão relacionadas ao número de jogadores, área de jogo e tarefa do jogo e regime de treino (Figura 1).



O treinador pode realizar ajustes no número de jogadores que irão participar do jogo. Os jogos podem ser separados de acordo com o número de jogadores envolvidos, assim, podemos classificarmos como extremos (1 vs. 1), pequenos (2 vs. 2 a 4 vs.4), médio (5 vs. 5 a 8 vs. 8) e grandes (9 vs. 9 a 11 vs.11). Situações de superioridade numérica, com a adição de um ou mais jogadores (*floaters*), também podem ser utilizadas como estratégia de treino.

Em relação a área em que o jogo acontece, o treinador pode realizar mudanças nas

dimensões de largura e comprimento. As modificações do campo de jogo se dão em razão da relação comprimento-largura do campo de jogo, área relativa por jogador e restrições de acesso a áreas do campo de jogo.

As principais modificações em relação a tarefa são, limitar o número de toques na bola, definir um número de passes para poder finalizar e utilizar tipos específicos de defesa.

O controle do regime de treinamento diz respeito a duração do estímulo (contínuo ou intervalado), relação trabalho descanso e períodos de recuperação/descanso.

Efeitos dos jogos reduzidos nas Variáveis técnico-táticas

As variáveis técnico-táticas podem ser quantificadas de forma notacional, em que são anotadas as ações realizadas e, a partir destas informações, podem ser extraídas informações absolutas ou relativas das ações realizadas. Já as informações táticas, modernamente, têm sido investigadas por meio de métodos capazes de estimar a posição dos jogadores em campo e, a partir destas informações de posição, são extraídas diferentes métricas que descrevem o comportamento tático da equipe (Coito et al. 2020).

As variáveis técnicas mais analisadas são passes e dribles. A meta-análise conduzida por Clemente et. al (2023), não encontrou diferenças no número de passes e dribles quando comparadas áreas de jogo pequenas e grandes. Ainda, independentemente do número de jogadores envolvidos, as características de passes são semelhantes entre os jogos classificados como pequenos, médios e grandes.

Clemente et al. (2021), indicam que menores jogos (2 vs 2 a 4 vs 4), realizados em campos de menores dimensões, induzem um aumento no número de ações técnicas realizadas. Ainda, não realizar nenhuma restrição ao estilo de jogo contribui para o aumento no nível de sucesso das ações realizadas. Entretanto, maiores níveis de fadiga mental contribuem para a queda de ações técnicas realizadas com sucesso. Resultados similares são apontados por Clemente e Sarmiento (2020).

Os estudos têm apontado um maior número de passes, contatos com a bola, envolvimento no jogo, dribles e chutes ao gol, em jogos pequenos e médios. Estes resultados são independentes da idade dos jogadores envolvidos. Portanto, os treinadores podem manipular as variáveis de formato de jogo, área de jogo e restrições ao estilo de jogo para forçar a execução dos fundamentos técnicos do jogo.

Efeitos dos jogos reduzidos nas variáveis de carga interna

Carga interna pode ser definida como as respostas fisiológicas ou psicológicas ao estresse imposto ao atleta durante o treino e jogo (Bourdon et al. 2017). As principais variáveis utilizadas para quantificar as demandas internas dos jogos reduzidos são as concentrações de lactato, frequência cardíaca e escalas de percepção subjetiva de esforço (PSE).

O número de jogadores envolvidos no jogo parece ter relação com o aumento da frequência cardíaca, concentrações de lactato e PSE. Quando mantidos constantes o tamanho do campo de jogo, quanto menor o número de jogadores envolvidos mais será a demanda fisiológica do jogo. A utilização de *floaters* parece ser uma estratégia eficiente para o desenvolvimento da capacidade aeróbia em jogos pequenos (3 Vs 3 + *floater*), pois o *floater* percorre maiores distâncias e reporta maiores valores de PSE. Em jogos médios (5 Vs 5 e 6 Vs 6) os *floaters* realizam mais sprints, assim, se o objetivo é desenvolver o sprint ou resistência anaeróbia, esta configuração de jogo pode ser utilizada (Hill- haas et al. 2011; Sarmiento et al. 2021).

Um formato de treinamento para o desenvolvimento da capacidade aeróbia de atletas que têm sido amplamente utilizados é o HIIT (*High-intensity interval training*). Este método de treinamento preconiza a realização de atividade de alta intensidade (> 90% da frequência cardíaca máxima) alternada com atividade de baixa intensidade. Kunz et al. (2019), em uma recente meta- comparação (), os autores encontram resultados similares entre o HIIT e jogos reduzidos para o desenvolvimento do consumo máximo de oxigênio, economia de corrida e corrida no limiar de lactato. Assim, os dois métodos são eficientes para o desenvolvimento das capacidades fisiológicas demandas no futebol.

Apesar de não encontrarem diferenças entre os dois métodos, a utilização de jogos reduzidos para o desenvolvimento das capacidades físicas de jogadores de futebol é vantajosa. Diferente do HIIT, os jogos reduzidos permitem o treinamento das capacidades técnicas e táticas de maneira simultânea. Ainda, os jogadores sentem maior prazer realizando atividades de alta intensidade, no formato de jogos reduzidos quando comparados ao HIIT (Sarmiento et al. 2021; Selmi et al. 2020)

No momento do planejamento dos treinos o treinador pode manipular o tamanho da área de jogo, número de jogadores e área relativa por jogador para proporcionar os estímulos desejados para a sessão de treinamento. Para jovens atletas, quatro jogos de

quatro minutos de duração, com três minutos de descanso entre os jogos, podem ser utilizados duas vezes por semana para o desenvolvimento da resistência dos atletas (Moran et al. 2019). E para controlar a intensidade do exercício, os treinadores podem manipular a área relativa por jogador, em que, maiores área induzem um aumento na intensidade do jogo (Filipe et al. 2023; Praça et al. 2022).

Efeitos dos jogos reduzidos nas variáveis de carga externa

Definimos como carga externa as medidas relacionadas ao trabalho realizado pelo atleta durante a atividade. Medidas de distância, velocidade, aceleração e mudanças de direção estão entre as principais medidas utilizadas para quantificar esta variável.

A meta análise conduzida por Filipe et al. (2023) indicam que, independentemente do tamanho do formato de jogo (pequeno, médio ou grande) campos de jogo estimulam os jogadores a percorrerem maiores distâncias. Resultados similares foram encontrados quando o desfecho são atividades de alta intensidade. Ainda, não foram encontradas diferenças quando comparados jovens jogadores e adultos.

Em outra revisão sistemática Clemente et al. (2021) apontam que, organizar jogos reduzidos de maneira intermitente parece ser uma modificação capaz de intensificar as cargas externas do jogo. Entretanto, estes jogos devem ser de curta duração (até quatro minutos). Ainda, aumentar as dimensões do campo também contribuem para o aumento da carga externa. Entretanto, utilizar goleiros pode ser uma estratégia para diminuir a carga externa durante o jogo. Por fim, o efeito do formato de disputa e manipulações da tarefa, apresentam resultados inconsistente sobre a carga externa.

O controle da carga externa é fundamental no processo de planejamento do treino. Neste sentido, os treinadores podem controlar o volume e intensidade da imposta nos treinos manipulando variáveis como tamanho do campo, duração dos jogos e presença ou não de goleiros.

Considerações finais

Ao longo do texto apresentamos informações disponíveis na literatura científica sobre a utilização de jogos reduzidos para o ensino do futebol. Partindo do entendimento de que o ambiente de jogo do futebol é complexo e não linear, a utilização de uma proposta

pedagógica que guarde relação com esta visão do fenômeno pode garantir um processo de ensino-aprendizagem do jogo mais completo e prazeroso, especialmente, quando comparado aos modelos tradicionais (lineares).

Cabe ressaltar que os achados apresentados neste trabalho são referentes a aplicação dos jogos reduzidos em atletas homens e jovens. Assim, resultados diferentes podem ser observados em contextos com pessoas de outras idades e sexo.

Existem evidências científicas que comprovam a efetividade da aplicação de jogos reduzidos no processo de ensino-aprendizagem do futebol. Para assegurar que o processo de ensino-aprendizagem seja adequado, o professor/treinador precisa entender quais são as variáveis, e como elas podem ser manipuladas, para garantir a utilização plena desta importante ferramenta pedagógica que, se aplicada corretamente, é capaz de criar múltiplos ambientes de jogo.

Referências

BOURDON, P. C.; CARDINALE, M.; MURRAY, A.; et al. Monitoring athlete training loads: Consensus statement. **International Journal of Sports Physiology and Performance**, v. 12, n. 2, p. 161-170, 2017.

CHOW, J. Y.; DAVIDS, K.; BUTTON, C.; et al. The Role of Nonlinear Pedagogy. **Review of Educational Research**, v. 77, n. 3, 2014.

CLEMENTE, F. M.; AFONSO, J.; SARMENTO, H. Small-sided games : An umbrella review of systematic reviews and meta-analyses. **Plos One** , v.16, n. 2, 2021.

CLEMENTE, F. M.; SARMENTO, H. The effects of small-sided soccer games on technical actions and skills: a systematic review. **Human Movement**, 21(3):100- 119 , 2020.

COITO, N.; DAVIDS, K.; FOLGADO, H.; et al. Capturing and Quantifying Tactical Behaviors in Small-Sided and Conditioned Games in Soccer: A Systematic Review. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 93, n. 1, 2022.

CLEMENTE, M.; PRAÇA, G. M.; AQUINO, R.; et al. Effects of pitch size on soccer players' physiological , physical , technical , and tactical responses during small- sided games : a meta-analytical comparison. **Biology of Sport**, v.40, n. 1, 2023.

FOLGADO, H.; DUARTE, R.; MARQUES, P.; et al. Exploring how movement synchronization is related to match outcome in elite professional football. **Science and Medicine in Football**, v. 2, n. 2, 2018.

FOLGADO, H.; GONÇALVES, B.; SAMPAIO, J. Positional synchronization affects physical

and physiological responses to preseason in professional football (soccer). **Research in sports medicine (Print)**, v. 26, n. 1, 2018.

HILL-HAAS, S. V; DAWSON, B.; IMPELLIZZERI, F. M.; COUTTS, A. J. Physiology of Small-Sided Games Training in Football A Systematic Review.

Sports Medicine, v. 41, n. 3, 2011.

KUNZ, P.; ENGEL, F.A.; HOLMBERG, H.; SPERLICH, B. A Meta-Comparison of the Effects of High-Intensity Interval Training to Those of Small-Sided Games and Other Training Protocols on Parameters Related to the Physiology and Performance of Youth Soccer Players. **Sports Medicine - Open**, v. 5, n. 1, 2019.

MACHADO, J. C.; RIBEIRO, J.; PALHETA, C. E.; ALCÂNTARA, C. Changing Rules and Configurations During Soccer Small-Sided and Conditioned Games . How Does It Impact Teams ' Tactical Behavior?. **Frontiers in Psychology** , v. 10, July, 2019.

MORAN, J.; BLAGROVE, R. C.; DRURY, B.; et al. Effects of Small -Sided Games vs . Conventional Endurance Training on Endurance Performance in Male Youth Soccer Players: A Meta -Analytical Comparison. **Sports Medicine**, v. 49, n. 5, p. 731–742, 2019.

PRAÇA, G. M.; CHAGAS, M. H.; TELES, G. Small-Sided Soccer Games with Larger Relative Areas Result in Higher Physical and Physiological Responses: A Systematic and Meta-Analytical Review. **Journal of Human Kinetics** , v. 81, n.1, 2022.

SELMİ, O.; OUERGUI, I.; LEVITT, D. E. Small-Sided Games are More Enjoyable Than High-Intensity Interval Training of Similar Exercise Intensity in Soccer. **Open Access Journal of Sports Medicine**, v. 4, n. 11, 2020.

Capítulo 7
INICIAÇÃO AO FUTSAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE
UMA PERSPECTIVA ATRAVÉS DO USO DO MODELO DE
ENSINO TGFU EM UMA ESCOLA VOCACIONADA AO
ESPORTE EM BARRA DO BUGRES – MT
Mauro Augusto da Silva



INICIAÇÃO AO FUTSAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PERSPECTIVA ATRAVÉS DO USO DO MODELO DE ENSINO TGFU EM UMA ESCOLA VOCACIONADA AO ESPORTE EM BARRA DO BUGRES – MT

Mauro Augusto da Silva

RESUMO

Objetivou-se analisar através da vivência no âmbito escolar, o modelo de ensino Teaching Games for Understanding (TGFU), para determinar a consistência da aplicação dos conteúdos do futsal, como também o impacto no desempenho tático-técnico dos alunos em uma escola vocacionada ao esporte. A amostra foi composta por 20 alunos do ensino médio (1º, 2º e 3º ano), do sexo masculino e a faixa etária compreendida entre 14 e 18 anos. Essa intervenção teve 22 aulas didáticas e práticas ministradas, com a duração de 2 horas ao dia e frequência de 3 dias na semana. Ao longo das aulas foi identificado que a partir da constância na aplicação dos programas de ensino empregados e, após a intervenção pelo TGFU, os alunos participantes apresentaram melhoras no desempenho de jogo. Quanto à análise individual, não se encontrou diferença após a intervenção para nenhuma das variáveis do estudo. Conclui-se que o programa de ensino aplicado durante a intervenção modificou apenas a inserção do conteúdo de habilidades técnico-tático para os alunos que nunca tiveram contato contínuo com a prática de algum esporte, em específico futsal e ou futebol, sendo o avanço notável ao decorrer das aulas, considerando o efeito tempo para o desempenho tático-técnico através do jogo reduzido.

Palavras-chave: Ensino, Educação Física, Futsal.

INTRODUÇÃO

Os problemas relacionados à iniciação ao futsal têm como base o tipo de abordagem que o professor utiliza em suas aulas, resultando na procura de alternativas para favorecer o processo de ensino-aprendizagem. Segundo Kunz (2006), a metodologia escolhida para alcançar o objetivo do ensino-aprendizagem deve ser elaborada de forma minuciosa. O professor deve escolher o método de ensino que irá aplicar com base no seu público alvo com competência, compromisso e domínio das dimensões, para que possa assumir o comprometimento de atuar de forma eficaz no período em que a prática

esportiva é introduzida na vida do aluno. (SANTANA, 2004).

O Futsal é uma modalidade esportiva que tem conquistado um espaço significativo no cenário esportivo mundial, destacando-se por sua dinâmica, rapidez e técnica apurada. É classificado como um jogo coletivo de invasão, possui uma área comum de disputa entre atacantes e defensores, com ações simultâneas dos jogadores (MENEZES et. al, 2014).

Com o intuito de utilizar uma metodologia adequada nas aulas de futsal, o Teaching Games for Understanding (TGFU), traduzido em "Ensino de Jogos para Compreensão", é uma abordagem pedagógica utilizada no ensino de esportes que visa desenvolver o entendimento tático e estratégico dos jogos, em contraste com o foco tradicional apenas nas habilidades técnicas. O conceito foi desenvolvido por Bunker e Thorpe na década de 1980.

Segundo Fagundes e Ribas (2020), a proposta do TFGU consiste em construir situações-problemas para que os alunos façam uma descoberta condicionada, conforme as ações objetivadas pelo professor. Entende-se que um dos principais objetivos do TGFU é ensinar os esportes através de jogos adaptados, simulações e situações contextualizadas, de forma que os alunos compreendam as dinâmicas e princípios táticos envolvidos em cada modalidade esportiva, como nesse experimento, por exemplo, que está sendo utilizado no futsal, através do jogo reduzido.

De acordo com Clemente (2012), é necessário que o jogo reduzido tenha constrangimentos necessários para atingir os objetivos planejados pelo professor. Através do TGFU, os alunos foram encorajados a analisar e solucionar problemas táticos, tomar decisões estratégicas, trabalhar em equipe e desenvolver habilidades cognitivas importantes, como pensamento rápido e adaptação às mudanças durante a partida, a fim de permitir uma aprendizagem significativa e que seja utilizada posteriormente nas situações reais de jogo, desenvolvendo assim, uma maior autonomia durante a prática esportiva.

Neste contexto, a escola vocacionada ao esporte permite que o aluno usufrua de práticas esportivas que beneficiam a formação e desenvolvimento integral do cidadão através do esporte. Apresentaremos as etapas do processo de ensino simplificadas, as estratégias utilizadas para promover a compreensão do jogo e os resultados observados durante a aplicação do modelo TGFU.

O principal intuito deste estudo consiste na possibilidade de contribuir para aprimorar os métodos de ensino da modalidade, proporcionando uma vivência esportiva

mais rica e completa para os alunos, além de apresentar aos profissionais da área uma alternativa pedagógica eficiente e fundamentada em evidências teóricas. O interesse neste estudo surgiu em detrimento da experiência como professor de educação física junto à vivência do futsal no ambiente escolar, a fim de procurar entender a iniciação esportiva e contribuir para um desempenho mútuo na modalidade.

Este estudo tem como objetivo apresentar um relato de experiência sobre a iniciação ao Futsal em uma escola vocacionada ao esporte, utilizando o Modelo de Ensino Teaching Games for Understanding (TGFU).

MÉTODOS

Esse trabalho tem por finalidade realizar uma pesquisa de natureza básica, uma vez que gera conhecimento, focando na melhoria de teorias científicas já existentes. Para alcançar os objetivos propostos e melhor apreciação deste trabalho, foi utilizada uma abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave (TRIVIÑOS. 1987 p. 128-30).

Participantes

A amostra foi composta por 20 alunos do ensino médio (1º, 2º e 3º ano) da Escola Alfredo José da Silva, uma escola vocacionada ao Esporte na cidade de Barra do Bugres – MT. Todos os participantes são do sexo masculino, com idade compreendida entre 14 e 18 anos.

Procedimentos e instrumentos

Inicialmente o projeto de estudo foi apresentado à direção da escola, comunicado aos pais dos alunos para explicação dos objetivos da pesquisa e dos procedimentos pelos quais as crianças seriam expostas. Com o aval de ambas as partes e consentimento dos alunos, iniciou-se a intervenção.

Os alunos foram submetidos a 22 sessões de aulas. Entre esses alunos, alguns já praticavam algum tipo de esporte em escolinhas de futebol e ou futsal, já outros alunos do grupo praticavam apenas a Educação física escolar. O Instrumento para a coleta e análise

de dados foi o diário de aula.

A fim de avaliar e aprimorar o comportamento tático individual em situações nos jogos de futsal foi utilizado os jogos reduzidos com técnicas de ataque e defesa em detrimento da posse de bola, reduzindo o número de jogadores e o espaço do jogo, por exemplo: ataque (1x1, 2x2, 3x3, 4x4) ou defesa (1x2, 2x1, 3x1, 2x4), sempre aumentando o grau de dificuldade em decorrência do aprimoramento das habilidades de forma gradativa. A ordem para definir quem atacava ou defendia no jogo era determinada inicialmente por sorteio, onde no jogo seguinte seguiria o papel inverso. Desta forma, os alunos teriam que experimentar as duas formas dentro do jogo.

Sabemos que um jogo de futsal convencional possui o total de 10 jogadores em uma quadra, na qual o seu espaço de ocupação está entre 40 metros de comprimento e 20 metros de largura aproximadamente. Já no experimento citado utilizamos o jogo reduzido que diferentemente do jogo de futsal convencional tem o número de jogadores e espaço utilizado reduzido substancialmente.

As aulas sempre seguiam um roteiro pré-determinado com início, meio e fim (apêndice A). No primeiro momento da aula acontecia a apresentação da proposta de aula, onde o professor colocaria os conceitos do modelo de ensino, objetivos a serem alcançados, como também as táticas e técnicas utilizadas, tendo duração de aproximadamente 30 (trinta) minutos. Tendo esse momento sanado, iniciavam-se os jogos no formato então proposto na aula, com duração de 1 hora. Nos últimos 30 minutos de aula, o professor novamente reunia os alunos em uma roda de conversa a fim de discutir a aplicação dos métodos inicialmente citados, os erros e acertos e o que poderia ser melhorado, além de deixar o ambiente aberto ao diálogo para que os alunos colocassem ali as suas dificuldades.

Na prática do jogo reduzido durante o experimento, os alunos já praticantes de futsal ou futebol realizaram as atividades propostas juntamente com os alunos não praticantes. Ou seja, não teve a separação por nível de habilidade e ou experiência. Tendo em vista que, a principal finalidade do experimento foi identificar os níveis de evolução dos alunos diante do método aplicado.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na comparação entre os alunos no desempenho das habilidades referenciadas na

amostra, não se encontrou diferenças consideráveis. Entretanto, observamos que os alunos que já praticavam algum tipo de esporte como futsal e/ou futebol, tiveram rendimentos melhores que os demais que praticavam apenas a Educação Física escolar, quando considerado o efeito tempo de prática, facilitando o manuseio de habilidades e coordenação motora, principalmente quando tratado das primeiras intervenções.

Corroborando com os nossos resultados, Bunker e Thorpe (1982) apontam que a técnica é importante para que ocorra a execução da habilidade. Logo, aqueles alunos que já tinham a vivência na modalidade destacaram-se desde o início, pois o tempo de prática é importante para as habilidades técnicas serem desenvolvidas.

Tabela 1. Demonstração da evolução progressiva dos alunos durante as sessões de aulas, levando em consideração o tempo de prática de intervenção do método (TGFU) no Jogo reduzido:

HABILIDADES REFERENCIADAS NA INTERVENÇÃO	ALUNOS PRATICANTES DE ESPORTES	ALUNOS NÃO PRATICANTES DE ESPORTES	PERÍODO
Aceitação e afinidade com o modelo pedagógico e método aplicado (Jogo reduzido)	Nível médio	Nível baixo	10/05/2023 a 31/05/2023
Coordenação Motora	Nível médio	Nível baixo	
Técnico-tática na execução da tarefa	Nível médio	Nível baixo	
Aceitação e afinidade com o modelo pedagógico e método aplicado (Jogo reduzido)	Nível alto	Nível médio	02/06/2023 a 23/06/2023
Coordenação Motora	Nível alto	Nível alto	
Técnico-tática na execução da tarefa	Nível alto	Nível alto	
Aceitação e afinidade com o modelo pedagógico e método aplicado (Jogo reduzido)	Nível alto	Nível alto	26/06/2023 a 28/07/2023
Coordenação Motora	Nível alto	Nível alto	
Técnico-tática na execução da tarefa	Nível alto	Nível alto	

Fonte: Autoria própria.

Conforme exposta na tabela 1, no item “Aceitação e afinidade com o modelo pedagógico e método aplicado (Jogo reduzido)”, foi possível identificar através das amostras que durante as 10 primeiras sessões das aulas os alunos eram praticantes de futsal e/ou futebol conseguiam absorver melhor o conteúdo pedagógico apresentado

direcionado para o método (TGFU) no Jogo reduzido, enquanto os alunos não praticantes apresentavam certa resistência, supõe-se que estavam adaptados apenas aos métodos comuns e tradicionais apresentados nas aulas de Educação física escolar. Essa habilidade foi evoluindo no decorrer do tempo através do aprimoramento e execução do método. Destaca-se que após a sessão de aula número 10 os alunos não praticantes já tinham elevado os seus níveis em termos de aceitação e aplicação do método, tendo um crescimento gradativo durante o trabalho experimental.

Resultados semelhantes foram encontrados no estudo de Gil e colaboradores (2019), os autores utilizaram o TGFU no ensino do basquete e investigaram se os questionamentos feitos durante os treinos melhoravam a tomada de decisão. Constataram que os os alunos que receberam esses questionamentos melhoraram nesses aspectos em relação ao grupo que não recebeu. Entretanto, como não optamos pela separação em grupos, todos os alunos do nosso estudo receberam os questionamentos, consequentemente tivemos melhoria na aceitação e afinidade com os jogos reduzidos.

No item de Habilidade “*Coordenação Motora*”, conforme a característica do método de ensino aplicado que se caracteriza por formas de jogo em que se reduz o número de jogadores e o espaço do jogo, assim como no item anterior supracitado, os níveis de progresso dos alunos se comportaram de maneira semelhante, evoluindo na medida que o experimento avançava em suas sessões de aula. Como se observa na tabela, a coordenação motora dos alunos teve uma crescente após a sessão de número 10.

Com a melhoria da coordenação motora os alunos conseguiram melhorar nas outras habilidades de execução em conjunto com a tomada de decisão. Sierra-Ríos e colaboradores (2020), apontam que neste modelo de ensino o aluno é o personagem do jogo conforme a importância dada ao seu aprendizado. Logo, o TGFU propicia ao aluno que tenha consciência e inteligência tática.

No último item de Habilidade “*Técnico-tática na execução da tarefa*”, tivemos resultados semelhantes dos itens anteriores, tendo em vista que a evolução no aspecto Técnico-tática ocorreu de forma gradativa, tendo uma expressiva relevância após a sessão de número 10. Graça e Mesquita (2007), afirmam que o jogo utilizando o modelo TGFU não tem como objetivo aplicar as técnicas durante o tempo/espaço, esse momento serve para a resolução de problemas, a parte mais tática do jogo.

Práxedes e colaboradores (2016) analisaram o efeito de um programa de ensino baseado no TGFU, com questionamento sobre a tomada de decisão e execução no futebol.

Os resultados obtidos pelos autores apontam para a importância do questionamento durante o treino tático de jovens praticantes de futebol, pois promovem melhorias no comportamento tático.

Percebe-se que no experimento os alunos não praticantes de escolinhas de futsal/futebol iniciaram com níveis baixos de habilidades e chegaram ao nível alto de forma gradativa evoluindo a cada aula nos aspectos: Aceitação e afinidade com o modelo pedagógico e método aplicado (Jogo reduzido); Coordenação Motora e Habilidade técnico-tática na execução da tarefa. Isso ocorreu em detrimento de um planejamento de aula bem elaborado, do qual foi executado pensando nas características do grupo como um todo, enfatizando os conceitos de aprendizagem da iniciação ao futsal, além de aprimorar as suas habilidades através dos graus de dificuldades a fim de resolver situações para obter resultados satisfatórios, inclusive nos jogos convencionais.

CONCLUSÕES

Conclui-se que, conforme os objetivos do experimento que foram a princípio analisar a evolução das habilidades de coordenação motora, técnica e tática, como também os conceitos e finalidades da aplicação do modelo de ensino pedagógico Teaching Games for Understanding (TGFU) e método aplicado (Jogo reduzido), os programas de ensino tiveram consistência na categorização dos conteúdos aplicados, salientando-se também a importância do papel do profissional de Educação Física nesse processo de aprendizagem, onde o mesmo deve procurar estar sempre aprimorando e atualizando os seus conhecimentos, tendo em vista que não só nesse método em específico, mas tantos outros dependem exclusivamente de um bom planejamento, o que contribui para que os alunos desenvolvam suas capacidades em sua totalidade e de forma segura, de forma a garantir uma evolução satisfatória na prática de jogos formais de futsal e outros, dos quais exigem conhecimento aguçado das habilidades propostas para uma execução correta, eficiente e eficaz. Essa evolução gradativa dos alunos no experimento deu-se especificamente ao tempo de prática, podendo estas serem ainda mais aprimoradas ao longo do tempo de acordo com adaptações adequadas, visando ganhos na habilidade técnica esportiva, onde através destes estímulos, no experimento em questão foi possível desenvolver essas habilidades no jogo reduzido e conseqüentemente poderão ser utilizadas nos jogos convencionais de futsal.

REFERÊNCIAS

BETTEGA, Otávio Bagiotto et al. **Pedagogia do esporte: o jogo como balizador na iniciação ao futsal**. Goiânia: Pensar a Prática, v.18 n. 2. Abril/Maio. 2015.

Bunker, D., & Almond, L (Ed.), **Repensando o ensino de jogos** (pp. 7-10). Loughborough: Universidade de Tecnologia, Loughborough.

BUNKER; THORPE. **O modelo curricular. Repensando o ensino de jogos**. Loughborough University Of Technology, p.7-10, 05 out. 1986.

BunKer D,Thorpe R. **A model for theaching of games in secondary schools**. Bulletin of Physical Education, Bulletin 1982; 18 (1): 5-8.

COSTENARO, L.A.; MENDES, J.C. **Futsal: reflexão da prática escolar**. 2009.

CARMO, G. C. M.; PEREIRA, C. M. S. **Pedagogia do Esporte II**. Ponta Grossa: UEPG/NUTEAD, 2017.

CLEMENTE, Filipe Manuel. **Princípios Pedagógicos dos Teaching Games for Understanding e da Pedagogia Não-Linear no Ensino da Educação Física**. Porto Alegre, v. 18, n. 02, p. 315-335, abr/jun de 2012.

FAGUNDES, Felipe Menezes; RIBAS, João Francisco Magno; FRANCHI, Silvester; LANES, Bruno Minuzzi; OLIVEIRA, Raquel Valente de. **Organização didática dos conteúdos da Educação Física a partir dos Domínios De Ação Motriz**. In: VIII Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão, 8, Uruguaiana, 2016. Anais eletrônicos... Uruguaiana: Universidade do Pampa.

FAGUNDES, Felipe Menezes. **Princípios pedagógicos do modelo teaching games for understanding: uma visão praxiológica sobre o ensino para compreensão do esporte**. Motrivivência, (Florianópolis), v. 32, n. 62, p. 01-22, abril/junho, 2020. Universidade Federal de Santa Catarina. ISSN 2175-8042. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020e67040>.

GIL, V. M. G. et. al. **O questionamento como ferramenta fundamental para o desenvolvimento da tomada de decisão de estudantes em educação física**. Porto Alegre, v. 25, e25028, 2019.

GIUSTI, João Gilberto M.; VOSER, Rogério da Cunha. **O Futsal e a Escola: uma perspectiva pedagógica**. Porto Alegre: Penso, 2015.

GRAÇA, A.; MESQUITA, I. **A investigação sobre os modelos de ensino dos jogos desportivos**. Rev Port Cien Desp 7(3) 401–421. DOI: <https://doi.org/10.5628/rpcd.07.03.401>.

KUNZ, E. **Didática da Educação Física**. 5ª Ed: Editora Unijuí. Brasil.2006.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte** [recurso impresso e eletrônico] / Elenor Kunz. 9. ed. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2020. – 160 p. – (Coleção educação

física).

MENEZES, Rafael Pombo et.al. **Especialização esportiva precoce e o ensino dos jogos coletivos de invasão**. Porto Alegre, v. 20, n. 01, p. 351-373, jan/mar de 2014.

Praxédes AP, García-González L, Cortés AM, Arroyo MPM, Domínguez AM. **Aplicación de um programa de intervenção para mejorar la comprensión táctica em fútbol sala: Um estudo em contexto educativo**. *Movimento* 2016; 22(1):51-62. Doi: 10.22456/1982-8918.55024. Publicado em Bunker, B., & Thorpe, R. (1986). O modelo curricular. Em R. Thorpe.

PRAXÉDES, A. et. al. **Um Estudo Preliminar dos Efeitos de um Programa de Ensino Integral, Baseado no Questionamento, para Melhorar as Ações Táticas em Jovens Futebolistas**. Volume 122, Edição 3. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1177/00315125166497>.

SANTANA, Wilton Carlos de, **Futsal: apontamentos pedagógicos na iniciação e na especialização** / Wilton Carlos de Santana. – Campinas, SP: Autores associados, 2004.

SANTANA, W. C. Pedagogia do esporte na infância e complexidade. In: PAES, R. R.; BALBINO, H. F. **Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 01-22.

SANTOS, Leandro Carvalho et al. **A prática do futsal possibilidades para o ambiente escolar**. 1. ed. Belém-PR: Rfb editora, 2021. 54 p.

SIERRA-RÍOS, J. V. et. al. **Effects of 6 Weeks Direct Instruction and Teaching Games for Understanding Programs on Physical Activity and Tactical Behaviour in U-12 Soccer Players**. *Int. J. Environ. Res. Public Health* 2020, 17(14), 5008; <https://doi.org/10.3390/ijerph17145008>.

SOUZA, Alex Luryan de; ANTUNES, Alfredo Cesar. **Iniciação ao futsal: Análise de duas escolas de iniciação na cidade de Ponta Grossa/Pr/Brasil**. *Revista Atlante: Cuadernos de Educación y Desarrollo*, 2018.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

APÊNDICE A
PLANOS DE AULA

Quadro 1 – Plano de aula apresentação proposta e modelo do TGFU, jogo reduzido e realização jogo diagnóstico.

Jogo 1 (20 minutos)	<p>Atividade: apresentação do modelo e proposta do TGFU Relação número de participantes: todo o grupo de alunos (20) Explicação da apresentação dos conceitos do modelo de ensino, diálogo diagnóstico sobre jogo reduzido. Observação: questionar se conhece este modelo? O que sabe sobre jogo reduzido? Se já vivenciou este modelo ou algo similar em alguma escolinha?</p>
Jogo 2 (20 minutos)	<p>Atividade: apresentação atividade de nível baixo (jogo reduzido) 1x1, 2x2, 3x3 Relação número de participantes: dois grupos de alunos Dimensão do espaço: quadra 20 x10 m 1ª parte: Objetivo do jogo é progredir ao lado adversário, utilizando dos componentes táticos e técnicos do futsal. Obs: não haverá meta (gol), o ápice da atividade é ultrapassar a área adversária assim pontuando a equipe. (10 minutos) 2ª parte: em jogo manipular as variações de jogadores na atividade.</p>
Questão inicial (10 minutos)	<p>1- É importante a relação com o companheiro para desempenhar o objetivo? Por que? 2- As situações em que se deparou é vivenciada em jogo? ou apenas neste? 3- Como você se deparou com a redução de espaço e a quantidade de adversário?</p>
Jogo 3 (20 minutos)	<p>Atividade: Ajuste corporal defensivo Relação número de participantes: 2x2 / 3x3 1ª parte: objetivo é uma equipe continuar atacando a equipe adversária a fim de ultrapassar a bola na meta adversária, porém, orientando os alunos sobre o posicionamento defensivo, feedback para ajustar o corpo quem está defendendo sempre se posicionar ao lado oposto do companheiro. 2ª parte: continuando com o objetivo, porém agora com a inversão das equipes, quem atacou defende. Feedback para ajustar o corpo e o posicionamento.</p>
Jogo 4 (20 minutos)	<p>Atividade: Ajuste corporal ofensivo Relação número de participantes: 2x2 / 3x3 1ª parte: objetivo é o mesmo da atividade anterior, agora com ajuste para ambas as equipes no posicionamento do ataque. Obs: apenas uma equipe ataca outra se defende. 2ª parte: inverter os papéis, dar feedbacks para ajuste no ataque, como movimentação, ocupar espaços vazios, antecipar ao marcador.</p>
Jogo 5 (20 minutos)	<p>Atividade: jogo reduzido 1x1, 2x2, 3x3, e todos os conceitos táticos e técnicos dos jogos anteriores.</p>

	<p>Relação número de participantes: dois grupos</p> <p>1º parte: objetivo é cada grupo dar progresso ao objetivo no campo adversário, iniciando pelo quantitativo de 1x1 até chegar no 3x3, utilizar de forma como um jogo formal tudo que foi proposto nas aulas anteriores.</p> <p>2º parte: mini competição estimular os alunos a se superar diante da atividade extraíndo o máximo de cada um na execução das tarefas diante da situação proposta.</p>
<p>Questão final (10 minutos)</p>	<p>Qual a relação das atividades com o jogo formal?</p> <p>O que vimos nos jogos passados como se relaciona com o jogo formal?</p> <p>A interação com o jogo neste modelo? Qual?</p>

Fonte: Autoria própria.

Quadro 2 – Plano de aula do princípio das ações técnico tático no jogo reduzido.

<p>Jogo 1 (20 minutos)</p>	<p>Atividade: Manutenção da posse de bola</p> <p>Relação número de participantes: 3x3 / 4x4</p> <p>Dimensão do espaço: 20x10m</p> <p>1º parte: objetivo é cada grupo é manter a posse de bola, utilizar os fundamentos técnicos do futsal, passe, movimentação, drible, recepção. Obs.: não á meta, todos podem se movimentar por todo o espaço.</p> <p>2º parte: mesmo objetivo, porém estimular a movimentação e ação do adversário a fim de recuperar a bola, limitar um quantitativo de toque por equipe, exemplo: a equipe que estiver com a posse tem de trocar 10 passes a adversaria tentar recuperar no menor numero de tempo.</p>
<p>Jogo 2 (20 minutos)</p>	<p>Atividade: Manutenção da posse de bola com utilização do goleiro</p> <p>Relação número de participantes: 2x2+G / 3x3+G / 4x4+G</p> <p>1º parte: objetivo manter posse de bola, através da participação do goleiro, ambas equipes utilizando da meta com o goleiro tem de se manter com a posse da bola, a utilização do goleiro acaba se tornando uma opção a mais para se obter o objetivo. Obs.: em primeiro momento o “G” goleiro não faz defesa, e o mesmo fica determinado a tocar na bola com os pés por inúmeras vezes.</p> <p>2º parte: objetivo estimular a posse de bola com intuito de finalizar á meta. Buscar as variações dos números de jogadores, propor uma ação de jogo forma no espaço reduzido, criando espaços, deslocamentos a fim de encontrar a melhor oportunidade em finalizar.</p>
<p>Questão inicial (10 minutos)</p>	<p>Na sua concepção, a manutenção da posse de bola é favorável para uma finalização a meta? porque?</p> <p>Ação do marcador em ter domínio das ações que encontra no jogo é de caráter fundamental no jogo formal? Ou apenas neste?</p> <p>A interação de todos com as ações do jogo neste modelo? Justifique?</p>
<p>Jogo 3 (20 minutos)</p>	<p>Atividade: marcação em superioridade numérica</p> <p>Relação número de participantes: 2x2+G / 3x3+G / 4x4+G</p> <p>1º parte: diante do jogo de futsal a momentos que os jogadores irão se deparar com a ação de marcar o adversário, onde o objetivo é criar a superioridade para anular o ataque, nesta situação utilizamos até mesmo o goleiro. Em um sistema tático defensivo 3x1, o pivô fica</p>

	avançado quando o mesmo está em contato com o adversário com a bola os alas se aproximam onde encontrasse a superioridade, faz-se a cobertura de quem está marcando. Obs.; varias estas ações com as duas equipes. Questionar os alunos a respeito do objetivo.
Jogo 4 (20 minutos)	Atividade: Ataque com superioridade numérica Relação número de participantes: 3x3+G / 4x4+G Objetivo deste jogo é que o ataque esteja sempre em vantagem ao marcador, a movimentação da equipe tende ser constante, saída de jogo rápido é essencial a fim de surpreender os adversários, ligação direta entre goleiro e pivô com apoio de alas.
Jogo 5 (20 minutos)	Atividade: Marcar o gol em condições favorável. Relação número de participantes: 1x1 / 2x2 / 3x3 Dimensão do espaço: 20x10m Objetivo ensinar os elementos táticos de ataque individual para a finalização. 1ª parte: jogo é realizado com as metas e goleiro, objetivo é finalizar em condições favoráveis e marcar o adversário diretamente sem seguir a bola. Obs.; limitar a quantidade de toque, se o mesmo estiver sem marcação deve finalizar.
Questão final (10 minutos)	As vivências com as aulas são de importância para o desenvolvimento da modalidade? Por que? Objetivo proposto foi de encontro com a realidade do jogo? A finalização passa pela sua tomada de decisão? Por que?

Fonte: Autoria própria.

Capítulo 8
FUTEBOL E FUTSAL DE MULHERES: DIFICULDADES NA
TRANSIÇÃO ENTRE AMADOR E PROFISSIONAL PARA
ATLETAS DE CUIABÁ-MT

Raphaella Leticia da Costa e Silva Magalhães

Leticia Ferreira Conti



FUTEBOL E FUTSAL DE MULHERES: DIFICULDADES NA TRANSIÇÃO ENTRE AMADOR E PROFISSIONAL PARA ATLETAS DE CUIABÁ-MT

Raphaella Leticia da Costa e Silva Magalhães

Leticia Ferreira Conti

RESUMO

O presente artigo aborda as dificuldades enfrentadas pelas mulheres no processo de transição do futebol/futsal amador para o profissional. Uma das principais barreiras é a disparidade de investimento entre o futebol masculino e o feminino. Enquanto o futebol masculino recebe significativos recursos financeiros, patrocínios e cobertura midiática, o futebol feminino muitas vezes é negligenciado, resultando em condições desfavoráveis para as jogadoras que buscam uma carreira profissional. Para superar esses desafios, é essencial a criação de mais ligas e torneios profissionais, com maior visibilidade e cobertura midiática, abrindo mais oportunidades para as atletas se destacarem e se desenvolverem no cenário esportivo. O estigma de gênero também é uma questão relevante, que influencia negativamente a transição do futebol/futsal amador para o profissional para as mulheres, seja em Cuiabá-MT ou em outras regiões do Brasil. Para entender melhor a situação, aplicou-se um questionário com 10 mulheres atuantes no futebol/futsal. Esse estudo buscou analisar os desafios enfrentados pelas jogadoras, independentemente de atuarem em times amadores ou profissionais. É importante ressaltar que com esforços coletivos e ações concretas, é possível superar esses obstáculos e criar um ambiente mais favorável para que as jogadoras talentosas possam alcançar o sucesso em suas carreiras profissionais no futebol/futsal feminino. Isso envolve uma maior equidade de investimento, valorização midiática e a promoção de uma cultura esportiva inclusiva e igualitária.

Palavras-chave: futebol e futsal de mulheres; transição de carreira; profissional e amador; pedagogia do esporte.

INTRODUÇÃO

O esporte é o maior fenômeno sociocultural do século XX, e vem avançando de forma eminente até o presente. O esporte vem se consolidando culturalmente por meio das renovações sociais e dos significados que vão sendo atribuídos em cada momento da história, apresentando-se ainda como elemento mutável pois adequa-sea temporalidade alcançando diferentes dimensões e cenários das atividades humanas (desenvolvimento científico, relações sociais, conhecimento, comunicação, cultura, política, economia),

produzindo uma infinidade de experiências, perspectivas, possibilidades e olhares (BENTO, 2006; PRIORE; MELO, 2009; REVERDITO *et al.*, 2009; GALATTI *et al.*, 2014).

No que se refere ao esporte que contempla a mulher como indivíduo praticante, sabemos que a participação feminina no universo esportivo sempre esteve atrelada a dificuldades, preconceitos e invisibilidades (MORAES, 2009). Contudo, mesmo esse percurso sendo um tanto quanto desencorajador, inúmeros esforços têm se direcionado para que a participação feminina possa ganhar reconhecimento e atratividade (ENDLER, 2004).

É notório o quanto meninas e mulheres têm se unido para defender seus espaços entre as quatro linhas. Por exemplo, é possível visualizar que a inserção de mulheres no âmbito esportivo tem sido cada vez maior. No caso do futebol/futsal, mesmo sendo atrelado a imagem de esporte tradicionalmente associado à virilidade e ao esforço físico masculino, tem-se percebido certo aumento na participação feminina nas modalidades (SILVA; ROMANO; ROXO, 1999; OLIVEIRA *et al.*, 2006).

No Brasil, entretanto, a presença feminina dentro das quatro linhas ainda busca a sua afirmação. Segundo dados recentes da Confederação Brasileira de Futebol, o país tem cerca de 400 mil jogadoras, número irrisório se comparado ao de nossos jogadores profissionais, ou então aos 12 milhões de atletas que pisam os gramados norte-americanos (FRANZINI, 2005).

Franzini (2005) apresenta que por muitos anos o mito da mulher como “sexo frágil” sustentou forte movimento contrário à aceitação do futebol como possibilidade de prática para as mulheres. Por meio da institucionalização de leis e veiculação de propagandas, mostravam o futebol como inadequado à delicadeza. A insegurança da permanência na modalidade, bem como a aceitação da imagem de corpos femininos jogando, sempre gerou instabilidade para a legitimação desse espaço para as mulheres. Por meio de uma análise epistemológica podemos dizer que o ambiente futebolístico sempre foi de dominância masculina.

Se considerarmos, portanto, a noção de dominação masculina somada às lutas que se instauram no interior dos espaços esportivos não teremos muita dificuldade em visualizar que as mulheres, de fato, ocupam posição de dominadas no “locus” futebolístico. Ademais, é necessário lembrar que a própria violência simbólica originada pela dominação masculina toma forma nos questionamentos que pairam sobre a legitimidade do corpo feminino nesse “locus”, promovendo certa instabilidade ou insegurança por parte das jogadoras (SALVANI, LEILA *et al.*, 2012).

Mesmo com esses “obstáculos”, autores relatam que a modalidade cresce diariamente de maneira exponencial no número de praticantes e principalmente em desenvolvimento científico (SILVA *et al.*, 1999; SILVA; ROMANO E SILVA, 1999; VICENTE JUNIOR, *et al.*, 2007; CHAVES *et al.*, 2010). Contudo, as dificuldades enfrentadas por mulheres perpassam os aspectos sociais, alcançando o acesso, permanência e a profissionalização na modalidade. Muitas das atletas que atuam em times amadores não recebem remuneração ou têm baixos salários, devido à falta de investimento no ambiente futebolístico feminino.

Quando nos referimos ao futebol, notamos enorme distanciamento a respeito das condições e possibilidades de acesso, prática, permanência e profissionalização entre homens e mulheres (SOUZA JUNIOR, 2013). Por mais que a legislação atual obrigue o futebol masculino e feminino a ser um esporte profissional, essa possibilidade ainda somente é efetiva aos homens, mantendo as mulheres imersas no esporte amador, cenário este que por vezes não possibilita o recebimento de salários, nos quais em algumas situações as equipes dispõem apenas de ajuda de custo para o transporte e alimentação durante competições, ou ofertam vínculo por meio de bolsa com instituições de ensino superior.

A consequência disso é que aquelas atletas que não dispõem de apoio/suporte familiar ou um bom empresário, acabam sendo forçadas a trabalhar em outros setores para custear os gastos básicos do dia a dia, além de ter um(a) bom(a) empresário(a) que consiga viabilizar o acesso a um time/clubes profissionais. Após essas considerações, compreendemos que poucas mulheres conseguem se dedicar integralmente à modalidade, não conseguindo ascender do futebol amador ao profissional, o que pode gerar queda de qualidade técnica das competições, evasão da modalidade ou a mudança de país por parte das atletas, como relatado por Souza Junior (2013) e Marchi Júnior, Ferreira e Salvini (2014).

Isso significa que muitas mulheres habilidosas e apaixonadas pela modalidade acabam desistindo da prática do futebol por não conseguirem uma oportunidade de serem remuneradas pelo seu trabalho. Em Cuiabá-MT esse cenário apresentado não é diferente, portanto, o objetivo deste estudo é descrever e analisar por meio do relato de atletas de Cuiabá-MT se as mulheres praticantes de futebol/futsal em Cuiabá-MT, passaram por alguma dificuldade de permanência entre a iniciação ao esporte amador e profissionalização.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para este estudo optamos pela pesquisa de abordagem qualitativa, onde a pesquisa é um levantamento e estudo de caso, que é caracterizada pela compreensão dos significados dos eventos, sem a necessidade de recorrer a informações estatísticas. Ela concentra-se no universo de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes. Esse tipo de pesquisa analisa pequenas amostras, que não precisam ser representativas da população. Diferentemente das pesquisas quantitativas, a pesquisa qualitativa não se preocupa com o nível de realidade que pode ser quantificado. Seu foco reside no entendimento aprofundado e rico dos fenômenos, ao trabalhar com o universo de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes dos indivíduos envolvidos (MINAYO, 2014).

Contexto da Pesquisa e Participantes

A pesquisa foi realizada com 10 mulheres, pertencentes a times de futebol ou futsal amador e profissionais do município de Cuiabá-MT, contendo em média 17 a 29 anos.

Para a seleção das participantes, optou-se pela amostragem não probabilística intencional, a partir de dois critérios: a) participar dos times de futebol/futsal amador e profissionais de Cuiabá-MT, incluindo times universitários, b) ter interesse e disponibilidade em participar da pesquisa. Após a definição dos critérios, foi realizado visita aos times de futebol/futsal amador de Cuiabá-MT, onde a pesquisadora estabeleceu contato com as atletas e gestão técnica. Após, foi disponibilizado link de formulário via Whatsapp para aquelas que aceitaram participar da pesquisa, ou seja, com o consentimento das participantes.

Técnica e Instrumento de Coleta de Dados

Para essa pesquisa optamos por utilizar o questionário como instrumento de coleta, sendo ele estruturado, com perguntas abertas, com 16 questões, divididas em 6 (seis) categorias: informações pessoais (nome, data de nascimento, contato); motivação para a prática; dificuldades vivenciadas; informações sobre o treino e gestão do treinamento; mulheres em cargos de liderança no futebol e futsal; sugestões para que

mais mulheres possam conseguir chegar ao esporte profissional, contudo apresentaremos nesta pesquisa somente uma parcela dos dados coletados, em busca de aproximar os resultados apresentados com o objetivo principal do trabalho. O referido instrumento possibilitou quantificar resultados e obter informações pessoais dos atletas sobre o fenômeno que buscamos analisar.

Análise de Dados

Já para a análise das questões abertas, optamos pela utilização da análise de conteúdo, que visa categorizar as informações obtidas, sendo responsabilidade do pesquisador realizar discussões e interpretações e redução por aproximação de respostas. “É uma técnica que objetiva a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação. Ela está para a pesquisa qualitativa como a estatística está para a quantitativa ” (TAQUETTE, 2016, p. 529).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio das informações obtidas através das respostas das atletas, pudemos analisar se estas enfrentaram alguma dificuldade entre a iniciação e a profissionalização da carreira. Essa análise nos permitiu obter uma compreensão mais profunda de quais são os desafios enfrentados, além de compreender como tais desafios afetaram o desenvolvimento dessas mulheres na modalidade. Perguntamos as atletas se durante o período de iniciação esportiva, perceberam alguma dificuldade para praticar a modalidade.

Quadro 1 - As dificuldades percebidas para iniciar o esporte

NOME	DIFICULDADES PARA INICIAR A PRÁTICA
LELÊ, TAMIRES, ERIKA, GABI ZANOTTI, MILLENE	Não tiveram dificuldade em iniciar a prática
GABI PORTILHO E VIC ALBUQUERQUE	Encontrar locais de prática do futebol para mulheres.
GRAZI	Falta de competições para as mulheres
LUANA	“Dificuldade só no começo quando jogava na rua, minha mãe só deixava quando tinham outras meninas jogando também”
JHENNIFFER	“(…) para disputa de campeonatos, era acostumada a jogar descalço e quando comecei a disputar, tive que passar calçar tênis ou chuteira”

Fonte: elaborado pela autora

Logo, é possível perceber que nem todas as atletas perceberam dificuldades para iniciar suas práticas, portanto, compreendemos que as dificuldades não se apresentam como algo inerente à modalidade, mas sim ao contexto social, histórico e cultural a qual se insere. Identificamos que os problemas citados são, de modo geral, interdependentes, contemplando a falta de estrutura para a prática, poucas competições para as mulheres, e pouca aderência de outras meninas/mulheres à prática do futebol.

A falta de investimento na modalidade e a masculinização desta, faz com que meninas e mulheres tenham que vivenciar situações que também ocorrem com os homens, contudo, o "fardo" histórico-social se torna muito mais pesado para as mulheres. Por mais que a participação de mulheres em campo tenha aumentado significativamente nos últimos anos, existem estudos que nos apresentam a baixa adesão pela modalidade, (GALATTI *et al.*, 2018; SETANI *et al.*, 2018; OCCHI; TOSCANO; MELLO, 2020; KORSAKAS *et al.*, 2021), e esta pode ser um potencializador social das demais dificuldades percebidas.

As dificuldades percebidas na iniciação direcionam a modalidade para um caminho muito estreito, pois dispõe de agravantes para que essas meninas ou mulheres permaneçam na modalidade.

QUADRO 2 - Dificuldade na permanência da prática esportiva

NOME	DIFICULDADES NA PERMANÊNCIA
LELÊ, ERIKA, JHENNIFFER, GRAZI	Não tiveram dificuldade em permanecer.
LUANA	"Sim, conciliar escola, dinheiro e jogar bola sempre foi muito difícil. Nunca tinha dinheiro para pagar minha parte nas inscrições dos torneios, e não tinha transporte para me locomover"
TAMIRES	Falta de tempo para conciliar treino, jogos e trabalho.
MILENE	Preconceito Familiar.
VIC ALBUQUERQUE	Falta de incentivo e falta de times femininos
GABI ZANOTTI	Sim, tive um problema grave de saúde.
GABI PORTILHO	Sim.

Fonte: elaborado pela autora

O futebol feminino enfrenta uma discrepância significativa em relação ao futebol masculino no que diz respeito à visibilidade, reconhecimento social, possibilidades de prática. Essa situação é resultado de relações conflituosas de gênero, que surgem devido à inserção da mulher em um espaço esportivo culturalmente considerado masculino (FRANZINI, 2005; GOELLNER, 2003). Além disso, o preconceito está intrinsecamente

ligado à necessidade de manter o estereótipo feminino de 'maternidade' e 'dona do lar', como forma de preservar a hegemonia econômica, que legitima a divisão binária entre 'homem/sexo forte' e 'mulher/sexo frágil' como única e correta perante a sociedade.

Além do exposto, as mulheres culturalmente lidam com duplas ou triplas jornadas de trabalho, buscando conciliar os treinos com outras inúmeras necessidades pessoais, familiares, sociais e financeiras. Com isso, percebemos que a falta de apoio financeiro e familiar apresentaram-se como principais dificuldades para a permanência na modalidade.

A transição de carreira, ao sair do amadorismo para o profissional, também é cheia de desafios, os quais por vezes inviabilizam que meninas e mulheres cheguem a participar de times ou jogos de forma profissional.

QUADRO 3 - Dificuldades na transição amador x profissional

NOME	DIFICULDADES NA TRANSIÇÃO DE CARREIRA
LELÊ, ERIKA, LUANA E JHENIFFER.	Não chegaram a jogar em times profissionais.
TAMIRES	Poucas oportunidades
VIC ALBUQUERQUE	Não, pois joguei desde muito jovem.
GABI ZANOTTI	"Sim, muitos times nos quais fui convidada para jogar não ofereciam ajuda de custos, e pagar as passagens e tudo mais fazia ficar mais caro"

Fonte: elaborado pela autora

As políticas de desenvolvimento esportivo precisam atuar de forma a reduzir as desigualdades de gênero existentes no campo esportivo (MESSNER, 2010). Essas desigualdades têm impacto direto no desenvolvimento da carreira das mulheres, especialmente em modalidades esportivas como o futebol, onde as oportunidades de carreira para mulheres oferecem remuneração e condições de trabalho inferiores em comparação com os homens. Como resultado, muitas atletas mulheres enfrentam dificuldades financeiras, tornando o esporte muitas vezes inviável como uma carreira sustentável, levando-as a depositar suas expectativas profissionais em ocupações fora do esporte (KUETTEL *et al.*, 2017).

As dificuldades que permeiam o desenvolvimento de meninas e mulheres em modalidades esportivas também estão relacionadas aos discursos culturais que

permeiam a prática esportiva das mulheres. Como resultado, a transição de carreira entre o amador e o profissionalismo no futebol ainda está, de certa forma, associada a representações de masculinidade, embora não exclusivamente. É notável que as mulheres tendem a priorizar a carreira acadêmica e podem não se sentir capazes de desenvolver outras áreas de suas vidas em paralelo com a carreira esportiva. Além disso, familiares próximos muitas vezes reforçam a ideia de que a carreira esportiva não deve ser o principal foco das mulheres, enquanto a questão parece se inverter quando se trata de homens. Portanto, é de extrema importância que aqueles envolvidos na formação esportiva de meninas e mulheres sejam incentivados e cobrados a proporcionar condições de participação igualitárias para ambos os gêneros, respeitando os princípios de equidade (FRANZINI, 2005; GOELLNER, 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dessa pesquisa, buscamos compreender as dificuldades na transição de carreira entre o amador e o profissional para atletas do município de Cuiabá-MT. Com isso, percebemos que as dificuldades relatadas, remontam a dificuldades encontradas em décadas passadas, ou seja, o cenário por mais avançado que esteja, ainda caminha a passos lentos para ser tratado como profissional para ambos os gêneros. A transição do futebol feminino de um estado amador para um profissional representa um marco significativo na evolução dessa modalidade, impulsionando o reconhecimento e valorização do esporte praticado por mulheres. Esse processo de transição, embora desafiador, tem resultado em um aumento da popularidade do futebol feminino em todo o mundo.

Historicamente, o futebol feminino enfrentou e enfrenta obstáculos, tais como discriminação de gênero, falta de apoio financeiro e pouca visibilidade midiática, que limitaram seu desenvolvimento e reconhecimento. Para melhorar a participação de meninas e mulheres no futebol e possibilitar que alcancem o esporte profissional, é fundamental: a) investimento e apoio financeiro para promover a profissionalização do futebol feminino, proporcionando condições adequadas para as atletas e encorajando uma mentalidade profissional em todo o sistema esportivo; b) maior divulgação dos times femininos e incentivo ao esporte, a fim de atrair talentos jovens e criar modelos de inspiração para futuras gerações de jogadoras; c) criação de mais oportunidades para as mulheres no esporte, tanto nas equipes como em funções de organização e

treinamento; d) disponibilização de informações claras sobre como se tornar uma atleta profissional, direcionando as aspirantes para o caminho adequado e esclarecendo as diferenças entre o atleta profissional e amador; e) abertura de escolinhas de futebol/futsal feminino para trabalhar a base e oportunidades para testes; f) investimento e valorização do futebol feminino por parte dos dirigentes dos clubes, garantindo o mesmo reconhecimento e incentivo dado ao futebol masculino; disponibilização de mais locais para a prática da modalidade, ampliando o acesso ao esporte para as meninas.

Sugerimos que os investimentos destinem-se não somente ao amador ou profissional, mas que também alcance a base, para isso é fundamental promover e incentivar as práticas futebolísticas principalmente no contexto escolar. As aulas de Educação Física são a principal via de acesso de meninas e mulheres ao conteúdo futebol. Nesse contexto, o papel da escola e dos profissionais é crucial, devendo interferir de forma positiva e inclusiva, oferecendo conhecimentos e oportunidades para que todos possam praticar esportes, independentemente de serem considerados tradicionalmente esportes "de meninos" ou "de meninas".

A profissionalização do futebol feminino traz benefícios significativos, incluindo melhores condições de treinamento, aumento de oportunidades de carreira, maior visibilidade do esporte com transmissões e cobertura midiática, além de atrair maior apoio da comunidade local e global. Apesar dos progressos alcançados, ainda há desigualdades a serem superadas, e é crucial que as federações, patrocinadores e a mídia continuem trabalhando em conjunto para eliminar tais desafios e fortalecer ainda mais o futebol feminino. Com o contínuo apoio e investimento no futebol feminino, estamos vislumbrando um futuro promissor para essa modalidade, onde a igualdade de gênero é valorizada e celebrada nos campos de futebol em todo o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ENDLER, C. **Caracterização do Futebol Feminino**: Um estudo etnográfico em um clube na cidade de Curitiba, 2004. Dissertação de mestrado UnicenP, Curitiba, 2004.

FRANZINI, F. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, v. 25, n. 50, p.315-328-2005.

GALATTI, L.; REVERDITO, R.; SCAGLIA, A.; PAES, R.; SEOANE, A. Pedagogia do esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos. **Rev. Educ. Fís/UEM**, v. 25, n. 1, p. 153-162, 2014

GALATTI, L. R.; PAES, R. R.; COLLET, C. Esporte contemporâneo: perspectivas para a compreensão do fenômeno. **Corpoconsciência**, v. 22, n. 03, p. 115-127, 2018.

GOELLNER, S.V - Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidade. **Revista Brasileira De Educação Física E Esporte**, 19(2), 143-151. abr/jun 2005

KORSAKAS, P.; RIZZI, E. G.; GALATTI, L. R. Entre meio e fim, um caminho para o direito ao esporte. *Licere*, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, 2021. **DOI:** <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2021.29534664>.

KUETTEL, A.; BOYLE, E.; SCHMID, J. Factors contributing to the quality of the transition out of elite sports in Swiss, Danish, and Polish athletes. **Psychology of Sport and Exercise**, v.29, p. 27-39, 2017.

MESSNER, M. A. Out of play: Critical essays on gender and sport. **Suny Press**, 2010.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade?. **Cadernos de saúde pública**, v. 9, p. 237-248, 1993.

MORAES, E. O MUSEU DO FUTEBOL E UMA HISTÓRIA PARCIAL; OU NÃO HÁ FUTEBOL FEMININO NO BRASIL? **Revista de História do Esporte** volume 2, número 1, junho de 2009

OCCHI, H.; TOSCANO, M.; MELLO, K. FUTEBOL FEMININO BRASILEIRO E AS DIFICULDADES ENCONTRADAS NESSE SUBCAMPO ESPORTIVO. 2020.

SALVANI, L.; SOUZA, J.; MARCHI JUNIOR, W.; A violência simbólica e a dominação masculina no campo esportivo: algumas notas e digressões teóricas. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.26, n.3, p.401-10, jul./set. 2012

SETANI, S. G.; GALATTI, L. R.; MACHADO, G.V. Desafios e percalços da inserção da mulher nos Jogos Olímpicos (1894-1965). **Recordes, Rio de Janeiro**, v. 11, n. 1, p. 1-22, 2018.

SILVA, P.; Romano, A.; Silva, A. A. Características fisiológicas, músculo-esqueléticas, antropométricas e oftalmológicas em jogadoras de futebol feminino consideradas de elite. **Revista Bras Med Esporte**. Vol. 5. Núm. 1. 1999.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. **Unidade 2 – A Pesquisa Científica**. In: GERHARD, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. Métodos De Pesquisa. Porto Alegre: Editora Da UFRGS, p. 33-41, 2009.

TAQUETTE, S. Análise de Dados de Pesquisa Qualitativa em Saúde. **Atas - Investigação Qualitativa em Saúde**, v. 2, jul, 2016.

Capítulo 9
FUTEBOL DE CINCO NA INSERÇÃO SOCIAL DO
DEFICIENTE VISUAL

Tarsis Rebeka Dias de Souza



FUTEBOL DE CINCO NA INSERÇÃO SOCIAL DO DEFICIENTE VISUAL

Tarsis Rebecka Dias de Souza

RESUMO

O esporte trouxe por meio da sua evolução prática e teórica, uma mudança histórico-social. Na modalidade futebol de cinco tem sido uma ferramenta na inclusão social para os deficientes visuais. Para responder o questionamento o objetivo geral foi abordar o futebol de cinco como uma ferramenta de inclusão social para os deficientes visuais. Tratou-se de um estudo a partir das fontes secundárias por meio do levantamento bibliográfico vivenciados pelos autores pesquisados. Para elaboração dos resultados foi realizada a pesquisa nas bases de dados da SCIELO, CAPES, BDTD, RBFF, EFDeportes e pesquisa redirecionadas para base de dados institucionais e *Google Acadêmico*. Após a pesquisa, realizou-se a leitura das análises para a composição das categorias, onde fez-se o refinamento dos artigos de acordo com os critérios de inclusão. Concluiu-se que o futebol de cinco trazem diversos benefícios emocional, psicológico, financeiro e principalmente o de inserção social.

Palavras-chave: Deficiência visual. Inclusão social. Futebol de cinco.

INTRODUÇÃO

O esporte na linguagem popular é considerado um entretenimento, um modo de diversão ou recreação de qualquer atividade que demande destreza e exercício físico, condicionamento, manutenção corporal, saúde ou competição, que esporte trouxe por meio da sua evolução prática e teórica uma mudança histórico-social (ZAFFALON JÚNIOR; MEDEIROS; SILVA, 2012).

Por ser um fenômeno de múltiplas possibilidades, no campo da ciência, o esporte vem sendo investigado em diferentes áreas de estudo, podendo ser relacionado a diversos aspectos. Alguns documentos e leis reconhecem o esporte como um fenômeno essencial para a sociedade (MANOEL; CARVALHO, 2011). A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (UNESCO) publicou em 1978 a Carta Internacional da Educação Física e do Esporte que assegura a prática da educação e do esporte como um direito fundamental de todos (UNESCO, 2012). No Brasil, a Constituição Federal de 1988 declara o esporte como um direito de todos, e como dever do Estado promover as práticas esportivas (BRASIL, 1988).

Em relação aos indivíduos com deficiência, segundo Decreto nº 3.956, de 8 de outubro de 2001 a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência reafirmam que as pessoas com “deficiência têm os mesmos direitos humanos e liberdades fundamentais” que as demais pessoas, definindo como discriminação com base na deficiência toda diferenciação ou exclusão que possa impedir ou anular o exercício dos direitos humanos e de suas liberdades fundamentais (BRASIL, 2001, p. 1).

Temos o futebol de cinco como uma modalidade de contexto social, muitas pessoas buscam como prática esportiva para lazer, diversão ou profissionalismo. Dentre essas pessoas, encontram-se os deficientes visuais que consideram as competições esportivas adaptadas uma forma de independência, para melhorar a qualidade de vida e autoestima (MELO, 2021).

Assim sendo, cita-se o Futebol de cinco como uma competição de prática esportiva é uma modalidade no contexto social é compreendido como um fenômeno inclusivo. Diante disso, se fez o seguinte questionamento: Como o Futebol de cinco tem atuado como meio de inserção social para deficientes visuais? Para responder o questionamento e compreender a temática, a pesquisa, por meio de um levantamento bibliográfico, tem como objetivo abordar o futebol de cinco como uma ferramenta de inclusão social para os deficientes visuais. Bem como contextualizar sobre a temática da deficiência visual, discorrer sobre a contribuição do futebol de cinco como inclusão social, analisar o futebol de cinco e sua importância para deficientes visuais.

REVISÃO DE LITERATURA

CONTEXTUALIZAÇÃO DA DEFICIÊNCIA VISUAL

A sociedade ainda é projetada em ignorar as necessidades das pessoas com deficiência. Nos dias atuais, as pessoas com deficiência ainda sofrem com a falta de aceitação e inclusão igualitária. A deficiência é vista como incapacidade, limitação e ineficiência devido a sua anormalidade (TEIXEIRA, 2015, p. 104).

No Brasil várias foram as tentativas para determinar e também estabelecer a terminologia correta quando se trata da deficiência, para que não haja práticas discriminatórias (FRIAS, 2009). A autora cita Sasaki (2005) que os termos integração e inclusão, se deu devido a dificuldade ao tratamento em relação às pessoas, bem como

grupos considerados diferentes.

Segundo a *Light for the World International* (2021, p. 13) “há pelo menos 2,2 bilhões de pessoas com uma deficiência visual ou cegueira, e destas, 1 bilhão tem uma deficiência visual que poderia ter sido evitada ou que ainda não foi tratada”. No Brasil, a população brasileira possui pelo menos uma entre estas quatro deficiências: intelectual, física, auditiva e visual, ou seja, 6,2 milhões de pessoas tem deficiência visual, sendo a visual com maior representatividade atingindo 3,6 da população no presente ano, “sendo comum entre pessoas com mais de 11,5% (VILELLA, 2015, p. 1).

Em relação a deficiência visual Mazzarino; Falkenbach e Rissi (2011, pp.89-90) dizem que “está relacionado à imagem de uma pessoa triste, sofredora, sozinha, que vive no escuro, dependente de outra pessoa para conseguir se relacionar com objetos e pessoas” devido a cegueira que conceituada como “a medida da capacidade visual das pessoas com deficiência no órgão da visão, sendo a perda total da visão, até a ausência de projeção de luz”.

A visão nos capacita ver, assimilar, interpretar e perceber visualmente as situações presente em nosso mundo exterior. Ou seja, de “modo geral, a visão é o meio pelo qual nos inteiramos sobre tudo ao nosso redor, e sua ausência pode interferir em nossa forma de ver e assimilar diferentes aspectos do cotidiano (TEIXEIRA, 2015, p. 104).

Assim sendo, as pessoas com problemas visuais tem limitações no campo da visão, a impedindo de executar suas atividades cotidianas. As condições orgânicas e sensoriais comprometem o seu desempenho. O grupo de pessoas que apresentam esse grau de dificuldade são os cegos e pessoas com visão subnormal ou baixa visão (TEIXEIRA, 2015, p. 104).

Segundo o Decreto 3.298/99 de 20 de Dezembro de 1999, deficiência é conceituado no art.3 como:

I – deficiência: toda perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, filosófica ou anatômica que gere incapacidade para o desempenho de atividade, dentro do padrão considerado normal para o ser humano (BRASIL, 1999, p. 1).

Segundo o Dicionário Michaelis (2023, p. 1) o termo deficiência tem em significado sf. “1.MED Mau funcionamento ou ausência de funcionamento de um órgão. 2.Ausência de qualidade ou de quantidade; carência, falta, lacuna. 3. Falta de algo de que se necessita”. A expressão abrange também, “a deficiência múltipla, MED: associação, em um mesmo

indivíduo, de duas ou mais deficiências primárias (mental, visual, auditiva ou física)”.

Dentre as deficiências primárias encontram-se as pessoas que são acometidas pela deficiência visual caracterizada por perdas parciais ou totais da visão. Rebouças (2016, p. 73) afirma que a “deficiência visual pode ser compreendida como um impedimento de caráter orgânico relacionado a enfermidades oculares que afetem o funcionamento normal da visão”. Para Venante (2020, p. 5) cita Boas e Ferreira (2010, p. 347) que a deficiência visual possui diversas definições, sendo que:

É uma condição de caráter irreversível de diminuição da resposta visual, podendo ser ocasionada por questões hereditárias (genética) ou congênitas (quando nasce com, ou seja, antes ou durante o nascimento) e muitas vezes adquiridas (quando adquire em qualquer outro período da vida), que mesmo após intervenção cirúrgica ou o tratamento clínico e o uso de óculos, não pode ser corrigida. Dentro da diminuição da resposta visual estão a deficiência visual leve, moderada, severa e profunda, sendo que estas compõem o grupo denominado de visão subnormal ou baixa visão como é mais usado e conhecido, abarca ainda a ausência total de **visão**, ou seja, aqueles indivíduos que possuem a cegueira (Grifo nosso).

Vale ressaltar, que a pessoa com deficiência visual tem algumas delimitações pela perda da capacidade parcial ou total visão. Com a ausência total da capacidade visual o deficiente visual tem limitações em seu desempenho habitual, dificultando muitas vezes a sua vida. Portanto, o deficiente visual precisa adaptar-se para desenvolver suas atividades normais e ter qualidade de vida.

Rebouças et al. (2016) corrobora em dizer que a qualidade de vida e deficiência visual estão interligadas. Para os autores uma avaliação precisa com intervenções pode ajudar nas condições do bem estar, saúde e favorecer o aumento de qualidade de vida desses deficientes.

Uma vez que “a visão é o órgão do sentido mais importante e mais usado no dia a dia das pessoas” (VENANTE, 2020, p. 6).

A visão se apresenta como um dos sentidos mais importantes no que diz respeito a relação do indivíduo com o mundo. É através da visão que o ser humano explora o ambiente exterior observando suas características mais peculiares que nenhum outro sentido promove. O tato, paladar, olfato e audição contribuem com informações importantes, porém fragmentadas, se comparadas à visão. Segundo Sanchez (1994), a visão rapidamente unifica as diferentes sensações e põe em relação um sentido com o outro. Sendo assim, a visão assume um papel importante na relação harmônica entre todos os sentidos (FREITAS JÚNIOR, 2019, p. 10).

O autor Freitas Júnior (2019) diz que a visão tem uma papel importante em todos

os sentidos. Contudo, não significa que a deficiência possa incapacitar os deficientes visuais de terem uma vida normal. Genova et al. (2021, p. 1) afirmam que:

Segundo a Organização Mundial de Saúde, há pelo menos 2,2 bilhões de pessoas com uma deficiência visual ou cegueira, e destas, 1 bilhão tem uma deficiência visual que poderia ter sido evitada ou que ainda não foi tratada. No Brasil, segundo dados do IBGE, há uma prevalência de 3,6% de deficientes visuais.

Partindo desse contexto e dos dados apresentados, as pessoas com deficiência visual não podem ser ignoradas. Dado que, a falta da visão é traumática está relacionada as dificuldades de aprendizagem, comportamento social, afetivo e emocional. Isso se dá devido a falta ou dificuldade de percepção visual devido a perda parcial ou total da capacidade visual (GENOVA et al., 2021).

A pessoa com deficiência visual se caracteriza pela função limitada de sua capacidade visual e a interação com o meio, sendo que as desvantagens não decorrem diretamente de sua deficiência em si, mas sim de uma inadequada estimulação, das barreiras sociais e dos preconceitos que cercam as pessoas com deficiência (GENOVA et al., 2021, p. 3).

Desse modo, a atuação das políticas públicas junto a pessoa com deficiência visual deve ser pautada nas ações garantida pelo Estado assegurados por um conjunto significativos de decretos, portarias e leis que foi estabelecida pela Constituição Federal, dentre as quais cita-se:

- Lei Nº 7.853/1989 de 24 de outubro de 1989 que dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência e sua integração social.

Art. 1º Ficam estabelecidas normas gerais que asseguram o pleno exercício dos direitos individuais e sociais das pessoas portadoras de deficiências, e sua efetiva integração social, nos termos desta Lei.

§ 1º Na aplicação e interpretação desta Lei, serão considerados os valores básicos da igualdade de tratamento e oportunidade, da justiça social, do respeito à dignidade da pessoa humana, do bem-estar, e outros, indicados na Constituição ou justificados pelos princípios gerais de direito.

§ 2º As normas desta Lei visam garantir às pessoas portadoras de deficiência as ações governamentais necessárias ao seu cumprimento e das demais disposições constitucionais e legais que lhes concernem, afastadas as discriminações e os preconceitos de qualquer espécie, e entendida a matéria como obrigação nacional a cargo do Poder Público e da sociedade.

Art. 2º Ao Poder Público e seus órgãos cabe assegurar às pessoas portadoras de deficiência o pleno exercício de seus direitos básicos, inclusive dos direitos à educação, à saúde, ao trabalho, ao lazer, à previdência social, ao amparo à infância e à maternidade, e de outros que, decorrentes da Constituição e das leis, propiciem seu bem-estar pessoal, **social** e econômico.

Parágrafo único. Para o fim estabelecido no caput deste artigo, os órgãos e entidades da administração direta e indireta devem dispensar, no âmbito de sua competência e finalidade, aos assuntos objetos esta Lei, tratamento prioritário e adequado(...) (BRASIL, p.1, 2015) (Grifo nosso)

- Lei Nº 13.146 de 06 de julho de 2015 que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência – Estatuto da Pessoa com Deficiência, também conhecida como a Lei da inclusão, onde institui no artigos:

Art. 1º É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua **inclusão social** e cidadania.

...

Art. 2º Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

...

Art. 8º É dever do Estado, da **sociedade** e da **família** assegurar à pessoa com deficiência, com prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à sexualidade, à paternidade e à maternidade, à alimentação, à habitação, à educação, à profissionalização, ao trabalho, à previdência social, à habilitação e à reabilitação, ao transporte, à acessibilidade, à cultura, ao desporto, ao turismo, ao lazer, à informação, à comunicação, aos avanços científicos e tecnológicos, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária, entre outros decorrentes da Constituição Federal, da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo e das leis e de outras normas que garantam seu bem-estar pessoal, social e econômico (BRASIL, p. 1, 2015). (Grifo nosso)

Observa-se que as leis preveem expressamente a conquista ao direito de oportunidades, bem como a igualdade dos deficientes de qualquer forma ou tipo de discriminação. Mesmo com o avanço da legislação que defende esses direitos, ainda são necessárias ações que não limite o deficiente visual de exercer atividades sem qualquer discriminação.

Santana, Costa e Oliveira (2022, p. 59) dizem que sobre a inclusão de pessoas com deficiência, seja visual ou não, são identificadas por meios de ações como “caridade;

institucionalização de medidas assistencialistas; reconhecimento das pessoas com deficiência como cidadãos de direito; luta constante pela conquista dos direitos”. Brumer e Mocelin (2004, p. 111) afirmam que a forma legal de inclusão dos deficientes visuais vem sendo implantados em nosso país e cita alguns dispositivos legais, tais como:

- a) criação de um órgão que é a Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE) que está vinculado à Secretaria de Estado de Direitos Humanos do Ministério da Justiça (1989);
- b) obrigação das empresas com cem ou mais empregados a preencherem de dois a cinco por cento dos seus cargos com beneficiários reabilitados ou pessoas portadoras de deficiência, desde que habilitadas (1998);
- c) legislação sobre o voto do eleitor deficiente visual analfabeto (1998);
- d) instituição da Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, que propõe o desenvolvimento de uma ação conjunta entre o Estado e a sociedade civil, visando assegurar a “plena integração” da pessoa portadora de deficiência no contexto socioeconômico e cultural e o respeito e reconhecimento de seus direitos “sem privilégios ou paternalismos” (1999);
- e) obrigatoriedade dos estabelecimentos de ensino público e particular a ofertar matrícula em cursos regulares, oferecer educação especial realizada por uma equipe multiprofissional e oportunizar benefícios iguais aos conferidos aos demais educandos (1999);
- f) obrigatoriedade das instituições de ensino superior em oferecer aos alunos portadores de deficiência solicitantes a adaptação das provas seletivas de ingresso e das avaliações das disciplinas, o fornecimento dos apoios necessários e de, no mínimo, uma sala de apoio ao portador de deficiência visual(...);
- g) fixação de critérios especiais para concursos públicos, com a reserva de um percentual mínimo de cinco por cento das vagas disponíveis a pessoas portadoras de deficiência (1999);
- h) instituição, no âmbito das Delegacias Regionais do Trabalho, de Núcleos de Promoção da Igualdade de Oportunidades e de Combate à Discriminação, encarregados de coordenar ações de combate à discriminação em matéria de emprego e profissão (2000), entre outros.

As consequências causadas pela deficiência visual limita a pessoa da interação, comprometendo sua capacidade de espaço, tempo, equilíbrio corporal e desenvolvimento motor. A “cegueira é uma questão traumática que perturba com a ideia de que são pessoas que encontram inúmeras dificuldades físicas, motoras, cognitivas e emocionais”. Contudo, os deficientes visuais podem adaptar-se a vida social (GENOVA, et al., 2021).

Garcia e Braz (2020, p. 628) reforçam que o desenvolvimento, aprendizagem e adaptação social começa na infância, e em relação a deficiência social, “na escola que a

criança cega irá construir suas primeiras relações sociais fora do âmbito familiar”. Assim sendo, a inclusão da pessoa com deficiência inicia-se por meio do apoio da família e da comunidade. Partindo desse pressuposto, caberá ao Estado dar cumprimento as normas vigentes da Constituição por meios das legislações vigentes para que possam ser inseridos na sociedade e tenha seus direitos garantidos.

INCLUSÃO SOCIAL

No Brasil, a integração das pessoas com deficiência ocorreu na década de 60. Todavia, o primeiro olhar para o deficiência visual foi datada em 12 de setembro de 1854, que se oficializou de forma particular e isolada pelo então Imperador Pedro II, o Decreto Imperial, criando o Instituto de Meninos Cegos (GARCIA; BRAZ, 2020, p. 625).

Em 1891, “após o advento da república, esse instituto passou a denominar-se Instituto Benjamin Constant (IBC), sendo a única instituição da época encarregada da Educação dos deficientes visuais”. Em 1857, chamado de Instituto dos Surdos Mudos. Após cem anos, em 1957, passou a se chamar Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), ambos localizados na cidade do Rio de Janeiro. Nesse período, o Decreto Imperial foi um marco e avanço para o país “no entanto, atendiam apenas uma minoria elitizada, embora realizassem atendimentos às pessoas com deficiência visual e surdez, mas em pouca quantidade” (MOREIRA, 2016, p. 18).

Somente na década de 1960 que inclusão da pessoa com deficiência ocorreu na sociedade e em diversas áreas como na educação, trabalho, lazer etc. Em outros países da Europa e Estados Unidos ocorreu no ano de 1970 e figurava a inclusão social como inserção dos direitos básicos por meios de documentos legais e normativos (MAZZOTA; D’ANTINO, 2011, p. 378)

Mazzota e D’Antino (2011, p. 378) afirmam que a inclusão de pessoas na sociedade consagrou-se a partir da década de 1980, como “impulsionador de importantes movimentos sociais e ações políticas”. Tendo como finalidade atender e incluir as pessoas que são consideradas diferentes, no convívio social.

A inclusão é um paradigma que se aplica aos mais variados espaços físicos e simbólicos. Os grupos de pessoas, nos contextos inclusivos, têm suas características idiossincráticas reconhecidas e valorizadas. Por isto, participam efetivamente. Segundo o referido paradigma, identidade, diferença e diversidade representam vantagens sociais que favorecem o

surgimento e o estabelecimento de relações de solidariedade e de colaboração. Nos contextos sociais inclusivos, tais grupos não são passivos, respondendo à sua mudança e agindo sobre ela. Assim, em relação dialética com o objeto sócio-cultural, transformam-no e são transformados por ele (CAMARGO, 2017, p. 1).

Mendes, Rodrigues e Capellini (2003) dizem que o indivíduo deve usufruir do bem comum que denomina-se inclusão social, um vez que está atrelada ao conjunto de ações de participação igualitária, com intuito de trazer as pessoas excluídas, independente de sua condição social, física, educacional, sexual, étnico ou por outras diferenças, a conquista de seu espaço na sociedade.

Os autores citam Aranha (2001, p. 2) que “A idéia de inclusão fundamenta-se numa filosofia que reconhece e aceita a diversidade na vida em sociedade”. Vale ressaltar que esse acesso deve ser “de todos a todas as oportunidades, independentemente das peculiaridades de cada indivíduo ou grupo social” (MENDES, RODRIGUES; CAPELLINI, 2003, p. 187).

Para melhor compreensão o termo inclusão social vem do latim, *includere* que significa “conter em compreender, fazer parte de, ou participar de”, ou seja, inserir em um espaço. O termo “incluir” significa dizer: esta incluído ou compreendido, fazer parte, ou seja, incluir as pessoas historicamente excluídas no processo de socialização com medidas de diversas ações no sentido de buscar o fim da exclusão com acesso aos benefícios e conquistas social (HOLANDA, 1993, p. 175).

A inclusão social foi entendida como cidadania, isto é, participação na condição de cidadão na sociedade, com os mesmos direitos e deveres dos demais membros dessa sociedade. Na sociedade capitalista, a cidadania compreende direitos civis, políticos e sociais. Os direitos civis referem-se à liberdade individual, os direitos políticos dizem respeito à participação no exercício do poder político através da representação ou da participação e os direitos sociais compreendem o bem-estar do indivíduo, isto é, direitos à segurança, ao trabalho, ao lazer, à educação, à saúde, entre outros (Marshall, 1965). A essas dimensões pode ser acrescentada a ordem simbólica, que representa as crenças, os valores e as significações socialmente estabelecidas e aceitas, que servem de mediação entre os indivíduos e o Estado (BRUMER; MOCELIN, 2004, pp. 1-2).

Nos dias atuais, independentemente das nossas condições, físicas, emocionais ou intelectuais, vivenciamos importantes mudanças sociais do acolher, oferecer, respeitar as diferenças, bem como criar ambiente em que as pessoas excluídas tenham acesso a bens e serviços, com intuito de promover a equidade de direitos.

Peron (2017, p. 19) diz que é possível identificar várias formas de inclusão. Para a autora essas formas estão interligadas por meio da participação, reciprocidade e respeito e afirma que “O movimento pela inclusão pode ser considerado como parte das lutas em favor da garantia de igualdade dos direitos de acesso, de permanência e de participação nos vários bens e serviços sociais”.

Veiga-Neto e Lopes (2011) citado por Peron (2017, p. 19) afirmam que há outras atribuições para o termo, dentro os quais:

(...)os conjuntos de práticas que levam os indivíduos a olharem para si e para o outro; como uma possibilidade de luta pelo direito de se autorrepresentar, participar de espaços públicos, ser percebido e beneficiado pelas políticas de Estado e também como o conjunto de mecanismos sociais, culturais, educacionais, de saúde, entre outros, destinadas a uma população.

Nesta perspectiva, afirma-se que a inclusão ganha força com as legislações das atuais políticas e práticas inclusivas dos direitos das pessoas com deficiência, mas principalmente com a aceitação e participação da família que é imprescindível para encorajar os deficientes, a encarar as situações desconfortáveis do seu dia a dia, e também da vida futura. Dado que, a primeira conquista na luta pela inclusão social de pessoas com deficiência é no âmbito familiar.

Para Gonçalves et al. (2015) o apoio, a participação da família por meio de programações de intervenções precoce deve ocorrer desde a infância. Dado que são fatores determinantes que ajudam a minimizar as limitações apresentadas pela pessoa com deficiência visual.

A família deve ser considerada como parte integrante no processo de intervenção precoce, não pode ser ignorada ou restrita a oferecer informações acerca de comportamentos da pessoa com deficiência visual ou a receber orientações específicas, mas deve ser vista como parceira atuante nas tomadas de decisão e resolução de problemas (GONÇALVES, et al. 2015, p. 1).

Os autores afirmam que através da estimulação precoce, por meio de um conjunto de atividades, o objetivo é “promover experiências e estímulos que envolvamos sentidos remanescentes à visão, esta poderá permitir ao deficiente visual uma adaptação ao ambiente e obtenção da autonomia adiante” e que segundo estudos realizados, apontam resultados satisfatórios com a estimulação precoce atrelados a participação ativa da família (GONÇALVES, et al., 2015, p. 1).

O papel da família é fundamental nesse quesito e o apoio da família ao deficiente são os primeiros passos para sua total inclusão na sociedade. Mazzota e D'Antino (2011) dizem que ao relacionar a família, há questões fundamentais em relação as interações sociais e culturais das pessoas com deficiência, bem como as formas de ser e estar na sociedade.

Por influência de familiares, podemos ser levados a desenvolver uma série de atividades que não seriam escolhidas por nós se não houvesse essa influência. Não só a família tem esse poder: todos os espaços sociais podem ser influenciadores dos indivíduos, sendo o mais significativo a indústria cultural (PONTES; OLIVEIRA, 2014, p. 148).

Freitas Júnior (2019, p. 15) cita Sasaki (1997) que a inclusão é o processo pelo qual a sociedade se adapta para incluir, bem como “receber em seus sistemas sociais diversos, pessoas com deficiência e, simultaneamente para que essas pessoas se preparam para assumir seu papel na sociedade”.

Assim o desenvolvimento da pessoa com deficiência, nos espaços da vida social deve ocorrer como resultado da implementação e efetivação do processo de inclusão, e não como um requisito para que integre a sociedade, “a sociedade precisa ser transformada, devendo perceber que precisa se capacitar para atender todas às necessidades de seus membros” (FREITAS JÚNIOR, 2019, p. 15). Todavia, Teixeira (2015, p. 105) diz que a inclusão é um processo que deve:

[...]adaptar, trocar, entender, respeitar, valorizar, lutar contra exclusão, transpor barreiras que a sociedade criou para as pessoas. É oferecer o desenvolvimento da autonomia, por meio da colaboração de pensamentos e formulação de juízo de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida.

Oliveira (2005, p. 1) diz que a inclusão social interliga a sociedade e o portador de deficiência, isso se dá por meio da adaptação mútua, “equiparação de oportunidades e, conseqüentemente, uma sociedade para todos”. A autora corrobora afirmando que a sociedade deve também adaptar-se às necessidades da pessoa com deficiência, para que “possa desenvolver-se em todos os aspectos de sua vida”.

Ressalta-se que, além do ambiente familiar, a escola é um espaço propulsor de suma importância para conscientização da inclusão e das diferenças. O tema tem avançado em diversas áreas. Nos dias atuais, as escolas estão inserindo formatos que possibilitem a inclusão escolar com métodos e estratégias que visem propiciar o

conhecimento individual e coletivo dos deficientes. Vale destacar que, é o dever da escola acolher, oferecer um ambiente que promova a equidade, por meio do conhecimento.

O movimento em favor da inclusão tomou proporção mundial, envolvendo inúmeros países que defendiam o direito de inclusão social por meio da educação. No Brasil, a discussão da educação de pessoas com deficiência vem desde a primeira Constituição do Brasil Independente, datada em 1824 que objetivou a proposta de educação para todos (MOREIRA, 2016).

Em relação a educação inclusiva, no ano de 1970 que começou a ser discutida levando os governantes a cogitarem atender a população com necessidades especiais. O Brasil não diferiu-se de outros países, educação inclusiva foi marcada com muita luta e organizações. Todavia, a inclusão só ganhou espaço a partir da Declaração de Salamanca em 1994, onde foi elaborado um documento para conscientizar os países da importância das políticas públicas e educacionais “que viesse atender “todas as pessoas de modo igualitário independente de duas condições pessoais, sociais, econômicas e socioculturais” (SANTOS; TELES, 2012, p. 81).

A declaração destaca a necessidade da inclusão educacional dos indivíduos que apresentam necessidades educacionais especiais. De acordo com a declaração os princípios por ela defendidos é que as escolas e seus projetos pedagógicos se adequem as necessidades dos indivíduos nela matriculados, de acordo com a Declaração de Salamanca (art. 11º, p 13) “O planejamento educativo elaborado pelos governos deverá concentrar-se na educação para todas as pessoas em todas as regiões do país e em todas as condições econômicas, através de escolas públicas e privadas. Desta forma, uma escola que segue os princípios da inclusão deve ter por função a promoção da convivência entre as pessoas consideradas normais e as que apresentam necessidades educacionais especiais” (SANTOS; TELES, 2012, p. 81).

A área educacional que está entrelaçada à vida cotidiana no ato do ensino e aprendizagem, bem como de conviver. Todos os dias vida e educação se misturam. Na área educacional a inclusão implica mudança, dado que a educação tem transformado a vida das pessoas de forma acelerada e bastante significativa, resultando em mudanças sociais que tem impactado várias áreas em nossa sociedade. Essa mudança de perspectiva educacional, “atinge apenas alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral” (MANTOAN, 2003, p.11).

O sistema educacional permite que todos aprendam na prática a importância da

diversidade e da convivência com as diferenças, fora do convívio familiar. A inclusão social na escola todos “têm as mesmas oportunidades de ser e estar de forma participativa” em que as oportunidades, acessos e características, educacionais devem ser “marcados pela igualdade entre as pessoas” (SANTOS; TELES, 2012, p. 6) .

Os autores afirma que “No pensamento do processo de inclusão, as políticas educacionais tem fundamento no princípio da igualdade de direito entre as pessoas (...)sem discriminação, respeitando acima de tudo as diferenças individuais”, ou seja, que podem ajudar no desenvolvimento e autonomia do deficiente (SANTOS; TELES, 2012, p. 6).

[...] à educação e a valorização da diversidade sem distinção cultural, étnico-racial, de gênero, física, sensorial, intelectual, linguística, emocional, dentre outras, razão pela qual se pretende adotar como perspectiva o entendimento de que a inclusão no ambiente escolar tem por princípios a diversidade educacional e o respeito às diferenças de aprendizagem. Esse aspecto pode significar avanços na escola com repercussões políticas, sociais, culturais e educacionais (SOUZA, 2011, p. 41).

Em relação as pessoas com deficiência visual, sabe-se que precisam de adaptações para terem uma vida normal. São pessoas que tem sonhos, sentimentos, vontades de viver e ter qualidade de vida que não devem ser ignorados. Partindo deste contexto, as pessoas com deficiência visual tem que ter participação ativa da sociedade, contribuindo de alguma forma para “quebrar barreiras cristalizadas em torno de grupos estigmatizados” e que os excluídos possam ter a oportunidade de mostrar seus talentos”, lutar e conseguir seus objetivos (OLIVEIRA, 2005, p. 11).

Barreto (2020, p. 1) afirma como a inserção social pode mudar a vida de uma pessoa através do esporte, cita a fala do jogador Jefinho de como, na quadra, o deficiente visual pode esquecer das dificuldades do cotidiano postas pela deficiência:

“Fora da quadra, apesar da nossa independência hoje, de a gente poder sair sozinho, ter um lazer e fazer nossas coisas, a gente sempre depende de alguém para fazer alguma coisa, mas dentro de quadra não, não existe esse limite. Somos independentes, temos nossa liberdade, o momento que eu me sinto mais felizé dentro de quadra jogando”.

Assim sendo, busca-se referenciar que o futebol de cinco que possibilita a inclusão social dos deficientes visuais, que a sociedade valorize o potencial dos jogadores deficientes visuais, contribuindo para a formação de uma consciência nacional para o crescimento da modalidade e maior inclusão no cenário esportivo.

A Constituição Federal garante direitos aos deficientes/visuais e de inclusão. Contudo, os direitos as atividades de esporte deveriam ser mais assistidas pelo Estado. Não cabe somente o esforço da família e escolar para que sejam aceitos. Dado que, com a ausência da visão alguns conceitos, movimentos e a consciência tátil levam mais tempo para serem assimilados, sendo importante uma permanente estimulação.

Ressalta-se que a inclusão social é fundamental para os deficientes visuais. Cita-se a prática de esporte, dentre o qual o futebol de cinco que pode auxiliar na reabilitação, disciplina, responsabilidade, convivência, permitindo superar obstáculos, almejar conquistas, realizar sonhos, principalmente melhorar a qualidade de vida na sociedade (GENOVA et al., 2021).

FUTEBOL DE CINCO

Sabe-se que o esporte é um fenômeno difundido mundialmente. A prática e realização surgiu como caráter competitivo. No cenário esportivo, o futebol é o mais popular e mais conhecido em todo mundo. O Brasil é conhecido como país do futebol, esse título se deve a paixão pelo esporte. Considerado um fenômeno social, tornou-se elemento importante da cultura brasileira e o mais praticado, também.

Dentre o esporte, o futebol é a atividade esportiva que mais promove inclusão reduzindo a desigualdade social. É uma arte popular que pode ajudar a superar as discriminações, visto como profissão por muitos jovens que buscam sucesso seguindo a carreira por meio do esporte. O futebol proporciona inclusão e acesso na sociedade, independente da sua origem social ou deficiência.

Reis e Mezzadri (2017, p. 362) afirmam que dentre esses jovens, se encontram os deficientes visuais, que veem no futebol não somente como momento de diversão, mas como processo de reabilitação oriundo de suas deficiências e da profissionalização. A prática inclusão social através do esporte, pode ser considerado uma ferramenta importante para os deficientes visuais. O esporte adaptado é um meio de promover a inclusão e também a profissionalização na área esportista.

Reis e Mezzadri (2017, p. 362) são enfáticos ao dizer que o deficiente visual tem possibilidades de tornar-se um atleta, dentre as modalidades esportivas inclusivas destaca-se o futebol de cinco. Uma vez que, o acesso a prática esportiva propicia à pessoa com deficiência a inclusão e a profissionalização no cenário esportivo. Todavia, os autores

ressaltam que:

(...)poucos são os atletas que conseguem sobreviver apenas como atleta, isso não impede de cada dia mais jovens atletas com deficiência busquem seguir uma vida de competições, ainda mais com os bons resultados obtidos pelo Brasil nas últimas edições de Jogos Paralímpicos, principalmente com a edição realizada no Rio de Janeiro 2016 que trouxe uma maior visibilidade das modalidades até então desconhecidas de boa parte da população brasileira (REIS; MEZZADRI, 2017, p. 362).

Souza (2011, p. 1) diz que a “inclusão social é o principal papel e fundamental na reabilitação do cego”. O autor enfatiza que o deficiente visual pode alcançar sucesso por meio da prática do esporte, ver seus sentidos e valências melhorados. Dado que, o “esporte é igual para todos”, uma ferramenta indispensável para que a sociedade reconheça o potencial do deficiente visual.

Oliveira, Campos e Capraro (2023) diz que a visibilidade do futebol de cinco no Brasil, ocorreu nos Jogos Paralímpicos em Atenas, com a vitória brasileira. Além de Pequim no ano de 2008, Londres 2012 e no Rio de Janeiro em 2016. As vitórias consecutivas foi de grande destaque para o país com as conquistas das medalhas de ouro e por serem consagrados campeões invictos na modalidade.

Em relação ao esporte futebol de cego, hoje conhecido mais conhecido como futebol de cinco, Calsavara, Mota e Moreira (2015, p. 232) afirmam “é uma adaptação do Futsal convencional” com algumas adaptações, tendo as regras do esporte oficiais da *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA).

Para melhor entendimento das regras específicas para os cegos e organização da equipe, os princípios da apresentação das regra de futebol de cinco são baseadas nas regras oficiais da International Blind Sports Federation (IBSA), órgão máximo de gerência do esporte para deficientes visuais em nível mundial. Segundo Souza (2011, p. 1) as divisões dos atletas são em três classes sempre comencando com a letra B – *blind* (cego na língua inglesa):

B1 – Cego total: de nenhuma percepção luminosa em ambos os olhos até a percepção de luz, mas com incapacidade de reconhecer o formato de uma mão a qualquer distância ou direção. *B2* – Jogadores já têm a percepção de vultos. Da capacidade em reconhecer a forma de uma mão até a acuidade visual de 2/60 e/ou campo visual inferior a 5 graus. *B3* - Os jogadores já conseguem definir imagens. Da acuidade visual de 2/60 a acuidade visual de 6/60 e/ou campo visual de mais de 5 graus e menos de 20 graus.

Para a Confederação Brasileira de Desportos para Cegos (CDBC) as “alterações ou adaptações existentes visam contemplar as características específicas da pessoa cega”, conforme quadro abaixo:

Quadro 01 - Apresentação da regulamentação do futebol de cinco

Regras	As regras são, de modo geral, as mesmas utilizadas no futebol de salão convencional. Algumas daquelas que diferem são: dois tempos de 25 minutos, sendo os dois últimos de cada tempo cronometrados e um intervalo de 10 minutos; uma pequena área de onde o goleiro não pode sair para realizar defesa nem pegar na bola de cinco por 2 metros; após a terceira falta, é cobrado um tiro livre da linha de 8 metros ou do local onde foi sofrida a falta.
Equipe	Cada time é formado por cinco jogadores: um goleiro, que tem visão total e quatro na linha, totalmente cegos e que usam uma venda nos olhos para deixá-los todos em iguais condições, já que alguns atletas possuem um resíduo visual (vulto) que dão, nesta modalidade, alguma vantagem a estes.
Quadra	O futebol de cinco é exclusivo para cegos. As partidas normalmente são em uma quadra de futsal adaptada com uma banda lateral (barreira feita de placas de madeira que se prolonga de uma linha de fundo a outra, com 1 metro e meio de altura, em ambos os lados da quadra, evitando que a bola saia em lateral, a não ser que seja por cima desta), mas desde os Jogos Paraolímpicos de Atenas também vem sendo praticado em campos de grama sintética, com as mesmas medidas e regras do futebol de salão.
Terço	Este terço é determinado por uma fita que é colocada na banda lateral, dividindo a quadra em três partes: o terço da defesa, onde o goleiro tem a responsabilidade de orientar; o terço central, onde a responsabilidade é do técnico e o terço de ataque, onde a responsabilidade da orientação é do chamador.
Chamador	Há ainda um guia, o Chamador, que fica atrás do goal, orientando o ataque de seu time, dando a seus atletas a direção do goal, a quantidade de marcadores, a posição da defesa adversária, as possibilidades de jogada e demais informações úteis. É o chamador que bate nas traves, normalmente com uma base de metal, quando vai ser cobrada uma falta, um pênalti ou um tiro livre. Contudo, o chamador não pode falar em qualquer ponto da quadra, e sim, quando seu atleta estiver no terço de ataque.
Bola	A bola possui guizos, necessários para a orientação dos jogadores dentro de quadra. Daí a necessidade do silêncio durante o andamento da partida. Através do som emitido pelos guizos, os jogadores podem identificar onde ela está de onde ela está vindo e podem conduzi-la.
Torcida	A modalidade, ao contrário do futebol convencional, deve ser praticada em um ambiente silencioso. A torcida, bastante desejada nesta modalidade, deve se manifestar somente quando a bola estiver fora do jogo: na hora do goal, em faltas, linha de fundo, lateral, tempo técnico ou qualquer outra paralização da partida.
Voy	Ao contrário do que se imagina, a modalidade tem muitas jogadas plásticas, com jogadas de efeito inclusive. Muitos toques e chutes a goal. Os jogadores são obrigados a falar a palavra espanhola Voy (vou em português), sempre que se deslocarem em direção a bola, na tentativa de se evitar choques. Quando o juiz não ouvir, ele marca falta contra a equipe cujo jogador não disse o Voy.

Fonte: SOUZA (2011, p. 1).

Breve relato da evolução do futebol de cinco

A evolução histórica do futebol de cinco praticado pelas pessoas com deficiência

visual, ocorreu segundo Genova et al. (2021) a partir da década de 1920 na Espanha “nas escolas e instituições especializadas ao atendimento desse público como forma de recreação dos alunos”.

No Brasil, alguns autores como Reis e Mezzadri (2017) dizem que há indícios da prática esportiva na década de 1950, em que os cegos jogavam futebol com latas, garrafas e também bolas envolvidas e sacola plásticas. Genova et al. (2021, p. 1) corrobora dizendo que as primeiras informações históricas veiculadas sobre a prática do futebol de cinco no país, em solo nacional, foi realizada por três institutos de deficiente visuais que são:

- Instituto Santa Luzia (ISL), em Porto Alegre, o Instituto Benjamin Constante (IBC), no Rio de Janeiro;
- Instituto São Rafael, em Belo Horizonte;
- Instituto Padre Chico, em São Paulo.

Data-se que no ano de 1974 foi realizada a primeira competição entre institutos, associações e entidades. O torneio ocorreu em Porto Alegre com a participação de equipes do Rio Grande do Sul, São Paulo e Mato Grosso. Genova et al. (2021) discorre sobre a datas da realização das competições do futebol entre cegos no Brasil:

- Nos anos de 1978, realizou as Olimpíadas das Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAEs) entre cegos, na cidade de Natal no Estado do Rio Grande do Norte.

- Após dois anos da realização da primeira olimpíada das APAEs, no ano de 1980, a presença da modalidade “fez nascer um movimento com o objetivo de organização do desporto de cegos no País, cuja organização deveria ser dirigida por pessoas cegas”. Vale ressaltar que:

- Em 1981, foi realizado em Porto Alegre no Estado do Rio Grande do Sul a primeira edição do Campeonato Sul Brasileiro de Futebol de Salão para Cegos;

- Em 1984 houve a criação da Associação Nacional de Desporto para Cegos (ABCD) que ficaram responsáveis pelo gerenciamento do futebol de cinco no Brasil. “O movimento iniciado em 1980 e o constante crescimento dos esportes praticados pelos cegos foi fundamental para a criação”;

- No ano de 1986, realizou-se o primeiro campeonato brasileiro oficial no Estado de São Paulo, tendo como primeiro equipe campeã de deficientes visuais da cidade de Campo de Goytacazes do Estado do Rio de Janeiro;

- Em 1988, fora do âmbito nacional, a Seleção Brasileira tem sua primeira

participação no evento comemorativo dos 50 anos da Organização Nacional de Cegos da Espanha (ONCE), ocorrido na cidade de Cades, Espanha, com a participação de equipes do Peru, Portugal, além de duas espanholas e foi cãmea internacional;

- No ano de 1998, o Brasil sediou o primeiro mundial na cidade de Paulínia, São Paulo. O Brasil foi o primeiro campeão mundial, vencendo a Argentina na final.

O Brasil participou dos Jogos Paraolímpicos, Campeonatos e Copas, como veremos no Quadro 02:

Quadro 02 - Participação do Futebol de Cinco nas competições nacionais e internacionais

Competições	Anos
Jogos paralimpicos	2004 - Atenas (GRE) 2008 - Pequim (CHN) 2012 - Londres (ING) 2016 - Rio de Janeiro (BRA) 2020 - Tóquio (JPN)
Campeonato Mundiais (IBSA)	1998 - Paulinia (BRA) 2000 - Jerez (ESP) 2010 - Hereford (ING) 2014 - Tóquio (JAP) 2018 - Madri (ESP)
Jogos Parapan-Americanos	2007 - Rio de Janeiro (BRA) 2011 - Guadalajara (MEX) 2015 - Toronto (CAN) 2019 - Lima (PER)
Copa América IBSA	1997 - Assunção (PAR) 2001 - Paulínia (BRA) 2003 - Bogotá (COL) 2009 - Buenos Aires (ARG) 2013 - Santa Fé (ARG) 2019 - São Paulo (BRA)

Fonte: Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais - CDDV(2023, p. 1)

Hoje, o país é o atual tricampeão consecutivo, com cinco títulos desde os anos de 1998, 2000, 2010, 2014 e 2018, ou seja, é o único que venceu todas as edições do futebol de cegos e foi campeão em todas edições. Assim sendo, com os resultados, houve crescente interesse do esporte praticado por pessoas com deficiência visuais e cegas.

MÉTODOS DA PESQUISA

A ferramenta adotada para atingir o objetivo da pesquisa realizada, consistiu em uma revisão integrativa que é um método específico. Tem como principal finalidade a realização das sínteses e reúne dos principais estudos da temática que foram publicados anteriormente, o objetivo é “colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que já foi estudado, dito ou filmado sobre determinado assunto” (LAKATOS. MARCONI, 2008, p. 56).

Tratou-se de um estudo a partir das fontes secundárias por meio do levantamento bibliográfico vivenciados pelos autores pesquisados. A pesquisa foi nos ambientes virtuais, originalmente na língua portuguesa. nas bases de dados virtuais de acesso público como dos portais do Scientific Electronic Library Online (SCIELO), incluindo a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Banco de Dados de Teses e Dissertações (BDTD) entre outros a Revista Brasileira de Futsal e Futebol (RBF), EFDeportes e Google Acadêmico. As bases de dados foram escolhidos, uma vez que disponibilizam artigos completos.

Para a busca de artigos utilizou-se o operador and que podem ser utilizadas duas ou mais palavras que remetem os descritores ‘deficiência visual’, ‘inserção social’ e ‘futebol de cinco’. Para a realização da pesquisa adotou-se como critério de inclusão com dissertações, artigos e teses publicadas que abordam a temática que tenha sido publicada entre os anos de 2011 a 2023. Foram encontrados 21 artigos, dentre os quais 6 foram excluídos. O critério de exclusão foi realizado a partir da não relação com a temática central do trabalho, sendo assim não continha informações necessárias para a obtenção dos resultados. Assim sendo, 15 textos foram utilizados para análise. Após selecionar os artigos foi realizada uma leitura aprofundada, buscou-se informações que abordassem o tema principal da pesquisa.

Ressalta-se que a escolha da pesquisa foi online por considerá-los de fácil acesso, uma vez que as bases de dados científicos tem reconhecimento amplo, devido a disponibilidade de publicações que condizem diretamente com a pesquisa.

RESULTADOS E ANÁLISE

Os artigos pesquisados foram de grande relevância para o desenvolvimento do

tema. Assim sendo, após cruzamento dos descritores delimitou-se os artigos que estavam relacionados diretamente com a temática. Para elaboração dos resultados foi realizada a pesquisa nas bases de dados da SCIELO, CAPES, BDTD, RBFF, EFDeportes e pesquisa redirecionadas para base de dados institucionais e *Google Acadêmico* e revistas acadêmicas, conforme seguem abaixo nos quadros e tabelas.

Quadro 03 - Distribuição dos artigos das bases de dados e ano de publicação

Bases de Dados	Ano de Publicação												
	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023
SCIELO	1	-	-	-	-	1	-	-	-	2	-	1	-
CAPES											1		
BDTD	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
RBFF	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	1
EFDeportes	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
Google Acadêmico	1	-	2	2	2	1	-	-	1	1	1	-	-

Após a revisão bibliográfica, realizou-se a leitura das análises das pesquisa elaboradas pelos autores, que foram relevantes para elaboração dos resultados e composição das categorias. No Quadro 04, apresentou-se os artigos encontrados e selecionados para a pesquisa contendo títulos, autores, ano, objetivos e resultados.

Quadro 04 - Artigos utilizados para definição de Deficiente visual

Título	Autores	Ano	Objetivos	Resultados
Deficiência visual: caminhos legais e teóricos da escola inclusiva	Garcia, Fabiane Maia Braz, Aissa Thamy Alencar Mendes	2020	Apresentar resultados de uma pesquisa sobre a cegueira e a baixa visão no contexto da democratização do acesso e permanência escolar.	Identificaram-se as demandas formais e legais que existem para garantir o acesso e a permanência nas escolas, assim como as condições estruturais necessárias para esse atendimento, com um quadro de sua legislação básica.

Produção científica brasileira sobre pessoas com deficiência visual em contextos de trabalho	Santana, Geiverson da Silva Costa, Fabíola Marinho Oliveira, Roberval Passos	2022	Analisar a produção científica brasileira acerca da diversidade e da inclusão de pessoas com deficiência visual em contextos de trabalho.	Entende-se que as políticas públicas e as garantias legais são um relevante suporte para o processo de inclusão de pessoas com deficiência visual no mundo do trabalho.
O processo de inclusão dos alunos com deficiência visual nas aulas de	Freitas Junior, Alexandre Augusto Correia	2019	Analisar o processo de inclusão de alunos com deficiência visual nas aulas de Educação Física, a partir do conteúdo futebol.	O ensino do futebol de cinco é um exemplo prático de que é possível para o docente trabalhar conteúdos desafiadores como o futebol para alunos com deficiência visual na escola regular.
Futebol de cinco na inserção social do deficiente visual no Brasil	Genova, Gustavo Paschoal, e et al.	2021	Demonstrar que o futebol de cinco é uma ferramenta para a inclusão social dos deficientes visuais no contexto da complexidade da sociedade atual.	O futebol de cinco possui potencial de contribuir para a formação de uma consciência nacional. A prática da modalidade pode compor uma rotina de vida saudável melhorando a qualidade de vida para todos os praticantes.
Atletismo para deficientes visuais	Venante, Gustavo	2020	Analisar de que forma os indivíduos com deficiência visual podem praticar esportes, de modo especial o atletismo e quais os benefícios proporcionados por esta prática para que tenham uma vida saudável e interagindo na sociedade e auxiliando no desenvolvimento da pessoa com deficiência visual.	A prática do esporte adaptado faz com que o deficiente supere este sentimento, com liberdade e autonomia, sendo capaz de realizar uma expansão pessoal, com criatividade esse tornando um sujeito integrante da sociedade
Inclusão Social de Pessoas com Deficiências e Necessidades Especiais: cultura, educação e lazer	Mazzotta, Marcos José da Silveira D'Antino, Mariana Eloísa Famá	2011	Discutir algumas questões envolvidas na compreensão e concretização da inclusão social das pessoas com deficiências	A educação, a cultura e o lazer constituem, sem dúvida, espaços estruturados com fundamental poder de mediação na consolidação da inclusão social da pessoa com deficiência, assim como de todo e qualquer

				sujeito.
As representações sociais sobre as políticas de inclusão de estudantes com deficiência na educação superior: Um estudo com docentes de uma universidade do sul do Brasil	Peron, Lucélia	2016	Conhecer os conteúdos e a estrutura das representações sociais de professores universitários sobre as políticas de inclusão do estudante com deficiência na educação superior.	As entrevistas analisadas possibilitaram verificar a percepção dos professores universitários em relação às políticas de inclusão do estudante com deficiência na educação superior. Eles destacam que as políticas ainda são insuficientes, sua efetivação é precária e o que realmente se faz necessário é construir uma cultura inclusiva.
Relato de experiência: A prática do futebol de 5 (Futsal) para pessoas com deficiência visuais	Andrade, Michel Nascimento	2014	Relatar a prática do futebol/futsal por pessoas cegas que visam a competição.	Não identificado.
O futsal para cegos: a importância do futsal na reabilitação do deficiente visual	Cunha, Fábio Silva Silva, Lorrain Manuel Oliveira Gonçalves Jesus, Tiago Barros	2015	Compreender o futsal de cegos com sua história, e como o esporte ajuda na reabilitação do deficiente visual.	Constatou-se que o futsal na reabilitação de deficiente visual apresenta melhoras nos aspectos físicos e motor, melhora a condição cardiovascular dos praticantes, aprimora a força, a agilidade, a coordenação motora, o equilíbrio e o repertório motor.
Cinco contra onze: um estudo sobre a importância do futebol adaptado	Pontes, Vanessa Silva Pereira, Erik Giuseppe Barbosa	2014	Identificar a opinião do técnico e dos atletas de futebol para cegos sobre a importância dessa prática esportiva.	Há influência positiva da família para a continuidade da pessoa com deficiência na prática esportiva; é baixa a valorização do esporte adaptado por parte da imprensa e do governo; e é difícil para a sociedade enxergar os atletas deficientes como profissionais no esporte.

Futebol de 5 na reabilitação do cego	Souza, Fernando Mesquita	2011	Ampliar e orientar o futebol de 5 na reabilitação do cego e sua inclusão na sociedade através do desporto.	Atualmente, são inexpressivas as oportunidades face à necessidade de treinamento de pessoal técnico para atuar nesta área. Os profissionais existentes se encontram absorvidos pela demanda da prestação de serviço, tanto a nível institucional, quanto pelo atendimento particular. Em consequência disso, não tem sido produzido material técnico baseado na nossa realidade social que em nada se assemelha àquela dos países desenvolvidos.
Futebol para pessoas com deficiência e suas adaptações no país do Futebol	Reis, Rafael Estevam Mezzadri, Fernando Marinho	2017	Apresentar as adaptações do futebol para pessoas com deficiência e compreender o fenômeno inclusivo do futebol através do paradesporto.	As modalidades paradesportivas adaptadas do futebol permitem a inclusão de pessoas que tenham algum tipo de deficiência.
A produção científica sobre atletas deficientes visuais de futebol de cinco	Leal, Wagner Ataíde et al.	2022	Identificar os estudos científicos sobre os atletas deficientes visuais de futebol de cinco	O futebol de cinco possui potencial de contribuir para a formação de uma consciência nacional. A prática que pode compor uma rotina de vida saudável melhorando a qualidade de vida para todos os praticantes.
Revisão bibliométrica de artigos sobre futebol de cegos (2009-2022)	Oliveira, Maria Eloisa	2023	Traçar um panorama da produção científica sobre o futebol de cegos com artigos indexados em diferentes bases de pesquisa.	Identificou que os estudos em formato de artigo sobre Futebol de Cegos encontram-se em expansão e necessitam de divulgação, sobretudo com mais pesquisas com abordagens relacionadas as ciências sociais.

O futebol como prática esportiva inclusiva para pessoas com deficiência visual	Melo, Bruni Silva	2021	Realizar uma análise sobre o esporte futebol, conhecer suas adaptações para pessoas com deficiência, principalmente os visuais, e analisar os benefícios que o esporte futebol traz como forma de inclusão social.	Percebe-se a grande relevância da prática do futebol para pessoas com deficiência visual, visto que o futebol é um esporte inclusivo que traz diversos benefícios para as pessoas com deficiência visual, tanto no nível social, quanto físico e psicológico.
A importância do desporto de alto rendimento na inclusão social dos cegos: Um estudo centrado no Instituto Benjamin Constant - Brasil	Pereira, R. Osborne, A. Pereira, S.I. Cabral	2013	Investigar o esporte de alto rendimento como contribuição para inclusão social de atletas cegos do Instituto Benjamin Constant.	O esporte de alto rendimento contribuiu para a inclusão social de todos os entrevistados. Seus depoimentos responsabilizam o esporte como fator primordial.

Quadro 05 - Revistas de publicações dos artigos

Revistas
Ciência & Educação
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação EFDportes.com, Revista Digital
Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação
Faculdade União de Goyazes
IBC - Benjamin Constant
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Revista Brasileira de Ciências do Esporte
Revista Brasileira de Educação Especial
Revista Brasileira de Enfermagem
Revista Brasileira de Futsal e Futebol
Revista CPAQV – Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida
Revista Mineira de Educação Física
Saúde e Sociedade
Universidade Estadual da Paraíba
Universidade Federal de Pernambuco
Universidade Norte do Paraná
Universidade Federal de Santa Catarina
Universidade Federal da Fronteira Sul

Assim sendo, as categorias elaboradas foram intituladas como:

A inclusão social da pessoa com deficiência visual

No que concerne a inclusão social, Peron (2016) diz que iniciou-se na educação básica. O movimento se deu pelas lutas em favor da garantia dos direitos de participação, acesso e permanência em diferentes serviços sociais. Na obtenção dos resultados de sua dissertação, a autora apresentou o termo indutor de inclusão, e foi entendida como sentido positivo pelos participantes da pesquisa. Bem como, necessária e importante. Afirmaram que é um direito que pressupõe a respeitar as diferenças, dar oportunidade e possibilidade de participação para todos.

A partir das análises realizadas por Peron (2016), resultou que a inclusão é o movimento em prol da diminuição das barreiras, que impedem o acesso e participação em diferentes espaços sociais, objetiva-se lutar contra a exclusão e favorecer relações igualitárias. A inserção pode ser compreendida como uma atitude humanitária e justa. Devem estar alicerçada nos valores éticos de respeito, na diferença e no compromisso com a promoção dos direitos humanos, na valorização, aceitação das diferenças e cooperação entre as pessoas.

A afirmação da inclusão social é por meios das políticas públicas, com ações afirmativas que asseguram a inclusão social da pessoa com deficiência visual em diferentes âmbitos da sociedade, sendo uma delas o ambiente escolar. Peron (2016) em entrevista com um profissional de educação afirma que:

*Se não existissem as **leis** que garantem a inclusão do estudante com deficiência no sistema regular de ensino, teríamos os guetos, as salas de aula especiais, pois não temos maturidade para entender a **inclusão** dessas pessoas. Ainda não temos uma prática pedagógica que contempla todas as pessoas, por isso, as **políticas** são necessárias. Além disso, visam reparar um preconceito histórico em relação a **pessoa com deficiência**. Que bom seria que elas fossem desnecessárias, isso seria o ideal. No entanto, elas são necessárias. Temos preconceitos de todas as ordens e as instituições ainda nem fisicamente estão adequadas, imagina as mentalidades. Estas, continuam inadequadas ate porque as políticas não mudam a cultura, elas estimulam as legislações a cobrar algumas adequações. E a carga de preconceito ainda é gigante porque entende-se a deficiência associada à limitação e isso, além de ruim é um erro.*

Na concepção de Mazzota e D' Antino (2011), a inclusão é vista como um movimento impulsionador social e de ações políticas. Segundo os autores devem ser aplicados em vários espaços, seja físico ou simbólicos. Abrange diversas ações que visam

a diminuição da exclusão de acessos aos benefícios, que os deficientes buscam conquistar na sociedade. A inclusão social deve estar inseridas na vida social seja no âmbito familiar e escolar, no lazer, no profissional ou em qualquer forma de organização social.

Para responder que de fato seria inclusão e como está atrelada ao social, Freitas Júnior (2019) faz a seguinte pergunta: Mas o que de fato seria a inclusão? Na concepção de Sassaki (1997) “a inclusão é o modo pela qual a sociedade se adapta para poder receber, em seus sistemas sociais diversos, pessoas com deficiência e, estas, por sua vez, organizando-se para assumir seus papéis na sociedade”. Para que isso ocorra, ainda de acordo com o autor, a sociedade precisa ser transformada. Entende-se que seja necessário movimentos que atendam todas às necessidades das pessoas com deficiência que estão amparadas pelos seus direitos.

O movimento inclusão social ganhou espaço, propondo a construção de uma sociedade em que todos tenham direitos garantidos. Peron (2016) ressalva que os discursos da inclusão está sujeito a reproduzir exclusão. Sua crítica se dá, devido que as práticas desenvolvidas por aparências, a inclusão não se realizará, ou seja, estar inserido na sociedade ou instituição não é suficiente para afirmar que seja inclusão social, são necessários suportes para que seja não haja discriminação, ou seja, prática discriminatória.

Na pesquisa realizada por Freitas Júnior (2019), a Constituição Federal de 1988, legislasse em vários artigos, a preocupação de combater à qualquer discriminação por parte da sociedade, cita o Artigo 3º, inciso IV, estabelece como um dos objetivos fundamentais da república “[...] promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (BRASIL, 1998, p. 1). Assim sendo, a forma com que a pessoa com deficiência era tratada, foi alterada, conforme artigo citado acima, passando a ter uma preocupação muito maior com a questão da inclusão social.

No que refere-se ao preconceito, a Declaração de Salamanca do ano de 1994, recomenda que haja sensibilização pública. Freitas Junior (2019) diz que é de extrema importância que as instituições, principalmente midiática, desempenhe atitudes que sejam favoráveis a inclusão social das pessoas com deficiência, inclui-se o deficiente visual. A atitude pode se concretizar, por meio da eliminação de preconceitos, prestando informações corretas e desenvolvendo concepções mais otimistas quanto às potencialidades destas pessoas.

Autores Mazzota e D'Antino na pesquisa datada no ano de 2011, afirmavam que a “atual consciência de parte da população sobre a ampla e complexa questão da inclusão social”. Contextualizando a afirmação dos autores, que já haviam sido gerados crescentes números de “estudos e ações, cada um a seu modo, atuando em diferentes frentes com diversos recursos” da inclusão social.

Cita-se como recurso, a Lei Nº 13.146 de 06 de julho de 2015 conhecida como a Lei da inclusão. Santana; Costa e Oliveira (2022) afirmam que a existência e criação de leis, por si só, não garante os direitos conquistados, que muitas vezes são negligenciadas, dificultando a inclusão. Os autores citam os resultados produzidos por Paulino et al. (2018), sobre as representações sociais da inclusão de pessoas com deficiência visual. Citam que as dificuldades da inclusão se dá principalmente com a educação. Os fatos expostos estão relacionados ao ambiente físico escolar inadequado, equipe educacional despreparada para lidar, principalmente, por falta de conhecimento dos direitos sociais, leis e sua aplicabilidade. Contudo, as dificuldades relatadas por Paulino et al. (2018) e citados por Santana; Costa e Oliveira (2022), não significa que deficientes visuais deixem de buscar pela inclusão social. Uma vez que, a lei de educação deve ser aplicada como direitos de todos, tendo como dever o Estado, a família, a sociedade promover e incentivar a pessoa com deficiência/deficiência visual.

No que concerne a educação inclusiva, pressupõe-se que a exclusão deve ser entendida como melhor forma de supertar as dificuldades da inclusão social. Peron (2016) discorre pontos importantes na busca dos direitos, como a conscientização das pessoas à educação, saúde, ao lazer, ao trabalho, que tragam oportunidades de participação na políticas e no esporte. Cunha; Silva e Jesus (2015) baseando nas pesquisadas e análises realizadas, a área do esporte há varias modalidades que contribuem para facilitação de inclusão do deficiente visual.

Nesse estudo autores como Souza (2011) mencionaram que o futebol é o esporte que viabiliza a inclusão social. O fato do futebol ser a prática esportiva mais conhecida e praticada no mundo, despertam sonhos. Um dos acessos para facilitação da prática esportiva para o deficiente visual é no âmbito escolar, por meios das atividades esportivas. Souza (2011) buscou elementos por meio de pesquisa como o futebol de cinco é importante na inclusão do deficiente visual. Pereira et al. (2013) cita a fala de um dos entrevistados que:

“a prática esportiva melhorou o meu desenvolvimento psicológico, meu desenvolvimento intelectual, meu desenvolvimento de percepção de espaço, enfim todas as minhas faculdades, sejam elas físicas ou mentais”.

As práticas esportivas por meio do futebol, além de propiciar o aprendizado por meio de estratégias de ensino, be como conteúdos adequados ao nível cognitivo dos deficientes. Na fala de Souza (2011) o acesso às atividades físicas, de esporte, lazer e políticas públicas são a base fundamental para o processo inclusivo.

Obsrvou-se que Cunha; Silva e Jesus (2015), Souza (2011), Genova e seus colaboradores concordam que o esporte é um meio inclusivo. Para Genova et al. (2022) a inclusão social através do esporte pode ser considerado um instrumento mais adequado para a remoção das barreiras sociais. O esporte é uma referência para que os deficientes visuais na convivência com outras pessoas e com a comunidade, a sua inserção ajuda a “exercer seu direito de participação em igualdade de condições com as demais pessoas e relegando-os à margem da sociedade”. Pereira et al. (2013) ratifica a fala do entrevistado quando diz que:

“eu tenho o esporte como uma linha de referência, onde antes dele eu tinha um comportamento mais retraído, e depois da prática esportiva, das viagens das competições e do meu convívio com outras pessoas de outras culturas, eu pude me tornar mais descontraído na minha relação com outras pessoas; por esta razão eu afirmo que o esporte me possibilitou um relacionamento melhor com as pessoas.”

Pereira et al. (2013) informa que o esporte contribui na melhoria do relacionamento dos entrevistados em que afirma que “o esporte nos ensina no dia a dia, como lidar com as pessoas. A gente acaba conhecendo muita gente e sabendo lidar com as mais diversas pessoas”. O autor e seus colaboradores citam Cavalcante e Minayo (2009); França e Pagliuca (2009) há muitos desafios que as pessoas deficientes encontram no decorrer de sua vida. Sugerem que tenham reconhecimento cidadão, e que os órgãos governamentais tenham a convivência com esses grupos de ‘Deficiência Visual’ para implementar ações mais efetivas para inclusão.

“antes eu tinha uma vida sem sonhos a realizar, estando satisfeito no patamar em que me encontrava. Com a perda da visão, eu entrei no IBC e comecei a fazer um trabalho de reabilitação, o qual me trouxe a prática esportiva e a partir daí comecei a enxergar novos horizontes e a buscá-los. Eu saí de um nível do terceiro ano primário incompleto e depois de cego, aí já esportista, completei o primeiro grau, o segundo grau e hoje estou prestes a concluir o terceiro grau em Direito. Isso tudo motivado pela prática esportiva”.

Segue a fala do entrevistado, citado pelos autores Pereira et al. (2013) que o deficiente visual deve-se impor, reclamar, reivindicar, uma vez que difícil será escutá-los. Neste depoimento percebe-se a importância da prática esportiva na melhoria da autoestima e confiança, resultando no melhor convívio social. Assim como Souza (2011), Cunha; Silva e Jesus (2015), Pereira et al. (2013) afirmavam que o esporte tem o papel fundamental na reabilitação das pessoas com deficiência visual. Através de prática do esporte, com apoio da família, da sociedade por meio das políticas públicas, o deficiente visual pode dedicar-se, tornando um bom profissional, ter sucesso na vida, aumentar autoestima, criar laços de amizade por meio da socialização, e, é claro ter qualidade de vida.

Importância do futebol de cinco para os deficientes visuais

A partir das falas dos autores, o futebol é o esporte mais popular e praticado no mundo. O Brasil não difere de outros países. A nação brasileira é considerada o país do futebol, devido à sua paixão pelo esporte. Para os brasileiros o futebol tornou-se uma cultura e identidade nacional. Melo (2021) enfatiza que pelo fato de ser tão popular, também é muito conhecido e mais praticado pelos deficientes visuais.

Entre as modalidades esportivas, há o futebol de salão que também é considerado um esporte tradicional no Brasil. Genova et al. (2021) relatam que nas últimas décadas, um dos esportes que se destacou no cenário esportivo brasileiro foi o futebol de cinco, conhecido como futebol de cegos. A modalidade vem do futsal, que foi adaptado para pessoas que possuem deficiência visual. A atividade esportiva para cegos tem o intuito de melhorar a qualidade de vida, dando-lhes possibilidade de inclusão na sociedade.

Nas falas dos autores Pereira et al. (2013) e Genova (2021) ambos afirmam que o futebol de cinco melhora a qualidade de vida do deficiente visual. O entrevistado afirma que a partir dos treinamentos sua qualidade de vida melhorou. Afirmou que sua independência, auto-estima, a mobilidade e principalmente a perda do medo foi importante, uma vez que facilitou seu dia a dia, e descreveu:

“com os treinamentos eu achei que comecei a ter uma qualidade de vida melhor, mais animado, mais independente, inclusive na melhoria da minha orientação e mobilidade, sendo esta essencial para o meu deslocamento nas ruas do Rio de Janeiro. [...] Pelo esporte ser disciplinador você acaba transferindo para seu dia a dia facilitando a execução de nossas tarefas. No

nosso caso específico, quando começamos a andar sozinhos, existe uma certa restrição em pedir ajuda e o esporte ensina a viver em conjunto, ajudando uns aos outros, quebrando esta dificuldade gerada através da inibição, solucionada muitas vezes em solicitar uma informação no ponto do ônibus, o que antes esperávamos que alguém prestasse este atendimento”.

A junção entre a inclusão e o esporte, o futebol de cinco é a prática esportiva que se destaca entre os deficientes visuais. Leal e colaboradores (2021) descrevem que apesar de ser praticada há décadas, e ser um esporte de inclusão, pouco evidenciam acerca da modalidade. Os autores identificaram nas análises obtidas, citadas por Martin (2014) e Nascimento (2015) que estudos em formato de artigos referente ao futebol de cinco encontram em expansão, contudo necessitam de divulgação. Os resultados obtidos mostraram que houve um aumento crescente na modalidade, como a procura e a participação dos deficientes visuais. Pereira et al. (2013) cita a importância do esporte pelo entrevistado que:

“o esporte deu um incentivo para lutar por aquilo que eu desejo; por traçar metas a serem alcançadas efetivamente e lutar por aquilo que eu sonho. Quando nós fomos inseridos no contexto de competições, você consegue obter vitórias e conquistas, percebendo que é capaz de alcançar vôos mais altos, vislumbrando novos desafios que se tornarão conquistas no futuro. Para pessoas portadoras de deficiência visual foi muito importante eu me inserir no contexto esportivo, isso me fez ver a vida com outros olhos, sem trocadilhos, mas foi um recomeço de um modo geral. A partir daí, eu comecei a evoluir como pessoa, como cidadão e como ser humano também.”

O estudo de Oliveira, Vargas, Capraro (2023) entre os anos de 2015 a 2020 realizou-se um levantamento dos artigos sobre a modalidade, tais pesquisas consideram que são poucas as evidências na literatura sobre o futebol de cinco. Embora, as produções não trazem muitas evidências, o Brasil tornou-se uma potência no esporte futebol de cinco. Tendo como destaque os Jogos Paraolímpicos, e único país com medalha de ouro e cinco vezes campeão mundial. Genova et al., (2021) dizem que “essa performance traz reflexos na divulgação, desenvolvimento e estímulo a prática do futebol de cinco, fortalecendo ainda mais a sua utilização como instrumento de inclusão social dos deficientes visuais em nosso país”.

Os estudos mostraram que o futebol de cinco traz bons benefícios, ou seja, de várias formas a modalidade tornou-se um fator importante na estimulação do deficiente visual na falta da visão. Pereira et al. (2013) dizem que para melhor entendimento da importância do futebol de cinco na vida dos atletas deficientes visuais, cita a fala do

entrevistado que:

“O esporte ajuda na auto-estima. Quando eu me vi cego [...] fiquei muito triste e era muito pequeno. Eu não conseguia entender porque as pessoas enxergavam e eu não. Aquele medo de você ser o único diferente do mundo. Estudando no Benjamin (IBC) passei a conhecer o esporte, percebendo que eu não só poderia ser feliz, como útil. [...] com o treinamento passei a competir concretizando a afirmativa que o esporte abriu as portas para mim”.

Na fala do entrevistado, Pereira et al. (2013) comenta que o esporte, além de ser motivador e disciplinador. Através da disciplina, o esporte torna-se um meio de conscientização, independente de suas condições físicas. Lorrain; Gonçalves e Jesus (2015) afirmam que o esporte ajuda na reabilitação em diversos aspectos motor. Contudo, no aspecto social, o praticante ganha uma oportunidade de sociabilização muito ampla, traz maior independência e nova visão da sociedade para com os deficientes. Os autores citam que no aspecto psicológico auxilia na autoestima e na autoconfiança, fazendo com que os deficientes sintam-se mais seguros para buscarem seus objetivos. Pereira et al. (2013) afirma que a condição de independência é um marco para o deficiente visual. O entrevistado reforça dizendo que:

“o divisor de águas foi ficar independente através do esporte. Eu tinha uma dependência muito grande com minha família [...] com 14 anos, quando eu comecei a treinar com mais afinco, dispensei todo esse auxílio, o que me deu autoconfiança [...] refletindo em todas as minhas tarefas do dia. E tudo isso eu devo ao esporte, porque se eu conseguia vencer dentro da quadra eu conseguiria também vencer na vida, melhorando muito a minha auto-estima”.

Destacam-se nas concepções de Cunha; Jesus e Silva (2015) que a inclusão é ganho de confiança entre os deficientes visuais. Essa importância se dá pela inclusão e interação, uma vez que a contribuição é positiva. Reis e Mezzadri (2017) corroboram afirmando que as modalidades adaptadas do futebol de cinco permitem a socialização por meio a inclusão social, bem como ser independente. Pereira et al. (2013), diz que na entrevista realizada, o deficiente visual deixou claro a sua melhoria com esporte, e, como o ajudou na sua independência.

“O esporte me proporcionou inicialmente a independência. Porque saímos da ‘saia da mãe’ para você fazer as coisas sozinho. [...] e no esporte, eu comecei a desenvolver a motricidade, o intercambio, a independência e até a melhorar a minha auto-estima [...] através das competições esportivas,

percebia que existia outros cegos que eram independentes e certamente eu me cobrava para ser como eles. Essa experiência de perceber que existem outros cegos que são independentes, trabalhando, tendo suas famílias e felizes, certamente foi um marco em minha vida, que o esporte proporcionou”.

Pesquisa realizada pelos autores Pontes e Pereira (2014) descrevem a importância do apoio aos deficientes visuais, por meio do incentivo à prática esportiva. Evidenciam que o fenômeno futebol contribuiu para inclusão social, e um dos fatores cruciais é o apoio familiar. Os autores descrevem que as questões fundamentais em respeito ao apoio familiar, o entrevistado sintetiza que o apoio de sua mãe foi para a sua independência:

“[...] depois que eu comecei a ganhar independência na verdade, porque o esporte ocasiona isso no deficiente, a independência, o querer sair só, o querer estudar, querer conhecer [...]”. Os discursos sobre o incentivo familiar e os benefícios à qualidade de vida adquiridos pela prática do futebol adaptado estão sobre maneira entrelaçados”.

“[...] Eu fiz várias modalidades, acho que cinco além do futebol, mas o futebol como esporte na minha vida trouxe essa autonomia, essa independência, essa vontade de crescer. E o futebol em si, a independência de encarar o andar na rua de uma maneira mais tranquila. A gente sempre fala que se a gente consegue driblar nas quadras, é muito mais fácil encarar os obstáculos nas ruas”.

No comentário de Andrade (2014) a Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais (CBDV) tem um papel importante, uma vez que representa, dirige e coordena o seguimento paradesportivo dos deficientes visuais, no âmbito nacional e internacional, dando visibilidade às competições no Brasil e fora do país. Andrade (2014) em suas considerações finais, o autor faz seguinte comentário:

“A minha vivência no futebol para cegos no Brasil, deu pra observar que houve desenvolvimento significativo após a fundação da CBDV. Desenvolvimento este que resultou na realização da Copa Brasil de Futebol para cegos e os regionais de futebol de cegos. Durante minhas experiências percebi o crescimento considerável de entidades em busca de filiação, conseqüentemente o aumento do número de atletas cegos praticantes do futebol”.

Constatou-se por Genova et al. (2021) e Andrade (2014) a importância da CBDV nas organizações das competições e destacam as regionais, Copa Brasil, Campeonato Nacional e Supercopa. Os autores afirmam que isso é possível devido ao sucesso de um trabalho primoroso das entidades que cuidam do esporte de cinco, bem como a brilhante desempenhos dos profissionais da comissão técnica. A estratégia utilizada para que obtenham sucesso é o entrosamento. Descrevem que todos os meses, durante uma

semana, os jogadores saem dos seus clubes e a equipe da seleção brasileira treinam juntos.

Destaca-se por Genova et al. (2021) a importância das competições do futebol de cinco, principalmente que nos últimos anos, com o sucesso nas competições internacionais pela seleção brasileira que contribui para popularizar essa modalidade desportiva. Leal et al. (2021) comenta que atualmente os deficientes visuais são referências no futebol de cinco, devido a vitória em 2004, que colecionam vários troféus de bicampeões paraolímpicos e tricampeões nacionais.

A Inclusão do deficiente visual pelo futebol de cinco e a situação atual do futebol de cinco no Brasil é abordada por Genova et al. (2021) em que a modalidade paradesportiva é um grande potencial de inclusão para deficientes visuais. Trata-se de uma ferramenta que pode ser explorada tanto para o desenvolvimento de atletas quanto fortalecer, ainda mais a sua utilização como instrumento de inclusão social em nosso país.

A partir dos resultados obtidos nessa pesquisa, e as experiências práticas vivenciada pelos deficientes visuais no futebol de cinco pela seleção brasileira, é prova da importância e capacidade dessa modalidade esportiva na sua inserção social. Para comprovar tal fato, Genova et al. (2021) destaca-se alguns relatos de jogadores com relação a mudança proporcionou em suas vidas, e citam:

Jeferson da Conceição Gonçalves – “Jefinho” Jefinho, como é conhecido, perdeu totalmente a visão aos sete anos, devido a um glaucoma, passou pela natação e atletismo antes de chegar ao futebol de cinco. Ala ofensivo da seleção brasileira mais de 13 anos, foi tricampeão na Paraolimpíadas de Pequim, Londres e Rio, nos anos de 2008, 2012 e 2018, respectivamente. Na cidade de Candeias, na Região Metropolitana de Salvador (RMS), onde nasceu e ainda reside, Jefinho sempre sonhou em ser jogador de futebol e perda da visão não o fez abandonar seu sonho de infância, tanto que brincava com os amigos de forma adaptada - colocando um saco plástico em volta da bola, para que fosse guiado pelo som). Jefinho – um dos principais jogadores da seleção brasileira de futebol de cinco, relata que:

“desde criança eu já brincava nas ruas, com meus colegas, meus amigos, de uma forma adaptada, colocando saco plástico na bola, por exemplo. Sempre adaptando para que eu pudesse ser inserido”.

“A sensação de entrar na arena e ser aplaudido por milhares de pessoas, uma coisa que a gente sequer imaginava, foi maravilhoso”.

*“O futebol de cinco é muito **importante** para uma pessoa com deficiência visual, é uma chance da gente mostrar nosso valor, que a gente tem capacidade”.*

“Fora de quadra, apesar da nossa independência hoje, de a gente poder sair sozinho, ter um lazer e fazer nossas coisas, a gente sempre depende de alguém para fazer alguma coisa, mas dentro de quadra não, não existe esse limite. Somos independentes, temos nossa liberdade, o momento que eu me sinto mais feliz é dentro de quadra jogando”.

Cássio Lopes dos Reis – Um deslocamento na usa de retina, seguido de catarata, aos 14 anos de idade causou a perda da visão de Cássio. Aos 20 anos de idade começou a jogador futebol. Ala defensivo da Seleção Brasileira, campeão Mundial em 2010, ouro no Parapan de Guadalajara-2011 e estreou e conquistou a medalha de ouro nos Jogos Paralímpicos em Londres-12 e no Rio-16. A respeito do futebol de cinco, Cássio define bem o espírito esportivo presente nas competições de futebol de cinco:

“Nós somos cobrados e nos dedicamos o tempo inteiro para isso. Entramos na quadra para vencer. A gente aceita qualquer outro resultado, desde que seja jogando futebol e dando nosso máximo”.

Para Cássio, a visibilidade crescente do Futebol de cinco vem ocorrendo desde as Paraolimpíadas de 2016, no Rio de Janeiro. Afirma que, apesar de ter uma rotina que compromete boa parte da renda. Uma vez que, “envolve suplementação, nutricionista, mas há incentivos estaduais e federais”.

*“Foi o divisor de águas do paradesporto no Brasil e a nossa maior conquista”
“Espero que o país abrace, reconheça e respeite, porque é algo brilhante que traz muita alegria para todos que estão envolvidos. Não é uma modalidade que a gente apenas disputa para não ‘ficar em casa sem fazer nada.”*

Gledson da Paixão Barros – “gegueu” uma atrofia no nervo óptico aos seis anos de idade causou a perda de visão em gledson. Começou a jogar futebol de cinco aos 13 anos de idade. Ala ofensivo/pivô da seleção Brasileira, foi convocado pela primeira vez aos 16 anos. Campeão nos Jogos Paralímpicos em Londres (2012), bicampeão do Parapan em Guadalajara (2011) e Lima (2019), bicampeão mundial no Japão (2014) e Madri (2018) e campeão da Copa América em São Paulo, 2019. Gledson, também pai de um bebê de quase dois anos, avalia que as condições melhoraram, embora longe do ideal.

Pondera que “Ainda não temos o reconhecimento que merecemos, mas estão acompanhando mais e, com isso, vão dando mais valor às pessoas com deficiência”.

O resultado da pesquisa mostrou que o futebol de cinco pode ser uma ferramenta de inclusão, auxiliando na formação de um cidadão consciente de seus direitos. As

pesquisas realizadas e análises obtidas pelos autores por meio de entrevistas comprovaram a importância do futebol de cinco para a inserção social. Cunha, Silva e Jesus (2015) dizem que algumas pessoas tiveram muita importância para que o sonho de competições oficiais no Brasil se tornasse realidade. A criação da CBDV foi um fator primordial para o crescimento dessa modalidade, bem como seu crescimento no país do futebol. A junção da prática esportiva pela deficiência visual, a inserção social e futebol de cinco trouxeram mudanças significativas para os deficientes visuais.

A experiência vivenciada por deficientes visuais na prática do futebol de cinco é prova da importância e capacidade dessa modalidade esportiva na sua inserção social. Para os jogadores/atletas, o esporte foi o fator primordial para a superação, mesmo levando em consideração alguns aspectos.

Dentre esses aspectos, estão a baixa valorização do esporte adaptado, tanto pelo governo como pela mídia, a falta de reconhecimento da sociedade em enxergar os atletas deficientes visuais como profissionais do esporte adaptado. Embora, alguns fatores deixam a desejar, o fator mais importante e positivo com certeza é o apoio da família que desempenha um papel decisivo na formação educacional e esportiva para a inclusão social dos deficientes visuais.

CONCLUSÃO

O futebol de cinco nos últimos anos tem tido grande destaque como modalidade esportiva em nosso país. A visibilidade se deu devido as conquistas da Seleção Brasileira de Futebol de Cinco. A pesquisa realizada mostrou como o futebol de cinco tem sido uma ferramenta importante dos deficientes visuais e principalmente para a inserção social. É um instrumento de acesso, que facilita e dá oportunidade para a inclusão social das pessoas com deficiência visual. Observou-se que além da inserção social, a modalidade que promove qualidade de vida, independência e profissionalismo. Ressalta-se a participação dos familiares como ferramenta essencial na qualidade de vida do deficiente visual.

A escola é o melhor meio de propagar a inclusão. O sistema educacional brasileiro, ao longo desses anos passou por mudanças no que diz respeito a diversidade. Na escola tem-se a garantia da convivência do ensino e aprendizagem. A mudança ocorrida, destaca-se as ações e esforços de educadores com práticas educacionais, promovendo a inclusão

no âmbito escolar com alunos com deficiência visual.

Assim, a partir do questionamento elencou-se alguns autores que comprovam de acordo com os dados coletados, que a prática esportiva é um fenômeno social, e, que muitas pessoas com deficiência visual vê no futebol de cinco diversos benefícios, emocional, psicológico, financeiro e principalmente o social.

Vale destacar que por meio do futebol adaptado as pessoas com deficiência passam a ter mais autoconfiança, auto-estima, independência. Segundo as falas dos autores selecionados, o futebol de cinco apresenta melhoras no aspecto físico e motor, melhora da agilidade, equilíbrio e coordenação motora. Citam que o esporte torna o deficiente visual mais independente para realizar as atividades diárias. No aspecto social seja no âmbito familiar, escolar ou onde desenvolve sua prática esportiva, o esporte também oportuniza a socialização.

Constatou-se, por meio das entrevistas citadas pelos atletas que a modalidade, mesmo diante do preconceito, minimizam com a prática do esporte. Diante do exposto, concluímos que os resultados por meio da investigação teve seu objetivo proposto alcançado através da pesquisa elaborada. Contudo, ressalta-se que deve-se atender e atentar as normas e legislações, que estabelecem os requisitos que contribuem para que os deficientes visuais sejam inclusos na sociedade, dentre os quais, a prática esportiva do futebol de cinco.

Todavia, a pesquisa realizada sugere que outros pesquisadores possam dar segmentos as questões sociais que envolvem os deficientes visuais, e, que possam oportunizar maior acesso aos seus direitos, que muitas vezes são negligenciados.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. N. **Relato de experiência [manuscrito]**: a prática do futebol de 5 (futsal) para pessoas com deficiência visuais, 2014. 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, CampinaGrande, 2014.

BARRETO, J. P. **O país do futebol (de 5)**. Arquibancada. Nov. 2020. Disponível em: <http://jornalismojunior.com.br/o-pais-do-futebol-de-5/>.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria-Geral. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Brasília: 2021.

_____. Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Decreto nº 3.956, de 8 de outubro de 2001**. Brasília: 2021.

BRUMER, A.; PAVEI, K.; MOCELIN, D. G. Saindo da “escuridão”: perspectivas da inclusão social, econômica, cultural e política dos portadores de deficiência visual em Porto Alegre. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 6, nº 11, jan/jun 2004, p. 300-327.

CUNHA, F. S.; SILVA, L. M. O. G.; JESUS, T. B. **Futsal para cegos**: a importância do futsal na reabilitação do deficiente visual. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física) – Faculdade União de Goyazes, Trindade-GO, 2015.

FREITAS JÚNIOR, Alexandre, Alexandre Augusto Correia de. **O processo de inclusão dos alunos com deficiência visual nas aulas de educação física a partir do conteúdo futebol**. 2019. 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em Educação Física, Recife, 2019.

FRIAS, E. M. A. **Material didático-pedagógico inclusão escolar do aluno com necessidades educacionais especiais**: Contribuições ao Professor do Ensino. Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) – Secretaria de Estado da Educação, Paranaíba, 2008/2009.

GARCIA, F. M. G.; BRAZ, A. T. A. M. Deficiência visual: caminhos legais e teóricos da escola inclusiva. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.28, n.108, p. 622-641, jul./set. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/6D8gzB5Dd7vnLG3FXmvN4bw/?format=pdf>.

GENOVA, G. P. Futebol de cinco na inserção social do deficiente visual no Brasil. **Revista CPAQV – Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida**, v.13, n. 1, Ano 2021. Disponível em: cpaqv.org/revista/CPAQV/ojs-2.3.7/index.php?journal=CPAQV&page=article&op=view&path%5B%5D=711.

GESSER, M.; BÖCK, G. L. K.; LOPES, P. H. L. (Orgs.). **Estudos da deficiência**: anticapacitismo e emancipação social. Curitiba: CRV, 2020. 248 p. Disponível em: https://www.mpma.mp.br/arquivos/CAOPID/publicacoes/14609_livro-estudos-sobre-deficiencia-2020.pdf.

GONÇALVES, P. S. de P. et al. A importância da parceria da família no programa de Estimulação precoce de crianças com deficiência visual. **EFDeportes.com**, Revista Digital. Buenos Aires, Ano 20, n.203, Abr./2015. Disponível em <https://efdeportes.com/efd203/estimulacao-precoce-com-deficiencia-visual.html>.

HOLANDA, S. B. **Dicionário**. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

HUPPES, C. F. K. et al. **Pesquisando a escola para favorecer a inclusão de alunos portadores de necessidades educacionais especiais**. Projeto de TCC (Formação de Professores para as séries iniciais do Ensino Fundamental – Projeto Professor Nota 10) – Faculdade de Ciências da Educação-FACE – do Centro Universitário de Brasília-UNICEUB, Brasília-DF, 2005.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEAL, W. A. et al. A produção científica sobre atletas deficientes visuais de futebol de cinco. **RBFF - Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 13, n. 56, p. 700-709, 24 mar. 2022.

LIGHT FOR THE WORLD INTERNATIONAL. **Relatório Mundial sobre a Visão**. 2021.

LORRAM, F. S.; GONÇALVES, M. O.; JESUS, S. T. **Futsal para cegos: a importância do futsal na reabilitação do deficiente visual**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel) – Faculdade União de Goyazes. Trindade-GO, 2015. Disponível em <http://www.fug.edu.br/repositorio/2015-2/EdiFisica/EFI%2021%202015-2.pdf>.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer**. São Paulo: Moderna, 2003. (Coleção cotidiano escolar). Disponível em <https://www.obbiotec.com.br/wp-content/uploads/2022/04/Obj-livro-Inclusao-Escolar.pdf>.

MAZZOTA, M. J. de S.; D'ANTINO, M. E. F. Inclusão Social de Pessoas com Deficiências e Necessidades Especiais: cultura, educação e lazer. **Saúde Soc.** São Paulo, v.20, n.2, p.377-389, 2011.

MAZZARINO, J. M.; FALKENBACH, A.; RISSI, S. Acessibilidade e inclusão de uma aluna com deficiência visual na escola e na educação física. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 87-102, jan./mar. 2011.

MELO, B. S. **O futebol como prática esportiva inclusiva para pessoas com deficiência visual**. 2021. 27 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física) – Universidade Norte do Paraná – UNOPAR, João Pessoa/PB, 2021.

MENDES, E. G.; RODRIGUES, O. M.; CAPELLINI, M. F. O que a comunidade quer saber sobre educação inclusiva. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v.9, n.2, p.181-194, Jul./Dez. 2003.

MOREIRA, S. **Ensino de matemática para surdos: uma abordagem bilíngue**. 2018. 102 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciência e Tecnologia) - Programa de PósGraduação em Ensino de Ciência e Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Ponta Grossa, 2018.

OLIVEIRA, M. E. DE; VARGAS, P. I.; CAPRARO, A. M. Revisão bibliométrica de artigos sobre futebol de cegos (2009-2022). **RBFF - Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 15, n. 61, p. 8-19, 26 fev. 2023.

PEREIRA, R. et al. A importância do desporto de alto rendimento na inclusão social dos cegos: Um estudo centrado no Instituto Benjamin Constant - **Brasil Motricidade**, v. 9, n. 2, pp. 95-106, Abr./2013.

PERON, I. **As representações sociais sobre as políticas de inclusão de estudantes com deficiência na educação superior: um estudo com docentes de uma universidade do sul do Brasil**. 2016. 172 f. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal da Fronteira

Sul, Pós- Graduação em Educação (PPGE), Chapecó, 2016. Disponível em <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/659/1/PERON.pdf>.

PONTES, S. P. ; PEREIRA, G. B. Cinco contra onze: um estudo sobre a importância do futebol adaptado. **V R. Min. Educ. Fís.**, Viçosa, v. 22, n. 2, p. 144-155, 2014. Disponível em <https://periodicos.ufv.br/revminef/article/view/10084/5558>.

REBOUÇAS, C. B. A et al. Avaliação da qualidade de vida de deficientes visuais. **Rev Bras Enferm.** 2016; v.69, n.1, pp.64-70. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/Bsp4m5d637Fh4Djfdgfdbyx/?format=pdf&lang=pt>.

REIS, R. E.; MEZZADRI, F. M. Futebol para pessoas com deficiência e suas adaptações no país do Futebol. **RBFF - Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 9, n. 35, p. 361-368, 10 set. 2017. Disponível em <http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/509>.

SANTANA, G.; COSTA, F. M.; OLIVEIRA, R. P. Pessoas com deficiência visual em contextos de trabalho. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Bauru, v.28, e0074, p.57-70, 2022. <https://www.scielo.br/j/rbee/a/psCJ5KB5QgpQ7S7Yq9vjMvp/?lang=pt&format=pdf>.

SANTOS, A.; TELES, M. M. Declaração de Salamanca e educação inclusiva. 3º Simpósio Educação e Comunicação: Infoinclusão possibilidades de ensinar e aprender. **Anais... 17** a 19 de setembro de 2012. Disponível em <http://geces.com.br/simposio/anais/anais-2012/Anais-077-087.pdf>.

SOUZA, F. M. Futebol de 5 na reabilitação do cego. **EFDeportes.com, Revista Digital.** Buenos Aires, Ano 16, n.162, Nov./2011. Disponível em <https://www.efdeportes.com/efd162/futebol-de-5-na-reabilitacao-do-cego.htm>.

TEIXEIRA, C. M. C. A importância da mediação familiar para o processo de inclusão da criança com deficiência visual: um estudo de caso. **Benjamin Constant**, Rio de Janeiro, ano 21, n.58, v.2, p. 104-117, jul./dez. 2015.

VENANTE, G. **Atletismo para deficientes visuais.** Artigo (Especialização em preparação física nos esportes) – Universidade Federal do Paraná, Departamento de Educação física, Curitiba, 2020.

VILLELA, F. IBGE: 6,2% da população têm algum tipo de deficiência. **Agência Brasil.** Novem.2018.

ZAFFALON JÚNIOR, J. R.; MEDEIROS, F. F.; SILVA, J. R. O esporte como fenômeno social. **EFDeportes.com.** Revista Digital. Buenos Aires, ano 17, n. 172, Set./ 2012.

Capítulo 10
A PRÁTICA DO FUTSAL NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
E O INTERESSE DAS ALUNAS DO ENSINO
FUNDAMENTAL PELA MODALIDADE, EM UMA ESCOLA
ESTADUAL DE RONDONÓPOLIS – MT

Weliton Borges da Paz

Claudio Marcolino Santana

Fernanda Gabriella Pedroso Marques



A PRÁTICA DO FUTSAL NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E O INTERESSE DAS ALUNAS DO ENSINO FUNDAMENTAL PELA MODALIDADE, EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE RONDONÓPOLIS – MT

Weliton Borges da Paz

Claudio Marcolino Santana

Fernanda Gabriella Pedroso Marques

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo investigar qual o nível de interesse das alunas do ensino fundamental, na prática do futsal numa escola estadual de Rondonópolis – MT. Para tal, buscou-se analisar a percepção sobre o futsal das meninas dos 7º e 8º anos do ensino fundamental e identificar as razões pelas quais elas gostam ou não de participar das aulas de Educação Física quando o conteúdo é futsal. A pesquisa foi descritiva de abordagem quali-quantitativa e participaram do estudo 60 alunas adolescentes na faixa etária entre 12 e 14 anos de idade. Os resultados apontaram que a maioria das meninas do estudo gostam e participam da modalidade de futsal na escola. Há um interesse dessas alunas em participarem, mesmo identificando relatos como medo de se lesionar, *bullying*, preconceito e interesse em praticar as aulas separadas dos meninos. Outro ponto importante da pesquisa foi constatar que o desinteresse de algumas das alunas respondentes não está relacionado à relação professor-aluna ou à condução das aulas. Entendemos também que, muitas vezes as aulas podem ser organizadas de forma pouco inclusiva, privilegiando as habilidades físicas consideradas tipicamente masculinas e não considerando as diferentes capacidades e interesses das meninas e isso pode fazer com que elas se sintam deslocadas e desmotivadas a participar. Além disso, a pesquisa levanta a importância da conscientização sobre questões de gênero na prática esportiva, ao identificar o desinteresse específico de algumas alunas em relação ao futsal. Em suma, sugere-se que novas abordagens de pesquisas sejam realizadas com uma amostra maior de participantes em diferentes ambientes de propostas, com acompanhamento em longo prazo e que tais considerem variáveis mais detalhadas relacionadas ao comportamento, identificando características importantes para formação integral dessas alunas, proporcionando-as reflexões críticas e possibilitando-as de participarem das aulas de futsal de forma mais lúdica.

Palavras-chave: Futsal, Meninas, Ensino fundamental, Escola.

INTRODUÇÃO

No Brasil o futsal foi introduzido em meados da década de 1940, por meio de

professores de educação física que buscavam uma alternativa ao futebol de campo para ser praticado em espaços reduzidos (Pereira; Silva, 2012). Para Freitas e Monteiro (2021), embora o futsal seja considerado uma "paixão nacional", as mulheres enfrentam preconceito em relação à sua prática, inclusive durante as aulas de educação física.

Esse preconceito afeta o estado motivacional das alunas e, conseqüentemente, seu nível de participação, o que gera uma considerável diferença em relação aos praticantes do gênero masculino, sendo esse o ponto central do estudo.

Bolsonaro e Zambon (2016) apontam que, embora homens e mulheres sejam considerados excessivamente iguais em alguns aspectos, também são excessivamente diferentes em outros. Na escola, por exemplo, meninos e meninas apresentam diferenças em seu ritmo de maturação, interesses, formas de reagir diante de estímulos semelhantes, comportamento e afetividade, o que pode afetar a forma como são introduzidos ao futsal (Bolsonaro; Zambon, 2016, p. 327).

Ainda para os autores supracitados, nas brincadeiras meninos e meninas tendem a brincar separados e de formas diferentes, enquanto os meninos preferem atividades arriscadas e competitivas, as meninas são mais precavidas e valorizam mais o desempenho do que a vitória, os meninos também tendem a estabelecer uma hierarquia de dominação dentro do grupo através da definição de ganhadores e perdedores (Bolsonaro; Zambon, 2016, p. 328).

E assim, o futsal é amplamente percebido como um campo dominado pelo gênero masculino, uma vez que é uma modalidade esportiva criada, concebida e praticada principalmente por homens (Joras, 2013). No entanto, o esporte tem atraído um número crescente de meninas, o que tem levado a críticas e olhares duvidosos em relação à legitimidade feminina no contexto futebolístico.

Dessa forma, no que tange à Educação Física escolar, vários problemas são enfrentados, um deles é a participação das meninas nas aulas. Sob essa ótica, este estudo tem como objetivo identificar se as meninas gostam ou não de participar das aulas de Educação Física, quando o conteúdo é o futsal, e investigar como seriam as aulas ideais de futsal para as meninas no contexto escolar, partindo do pressuposto que elas entendem e interpretam uma melhor maneira de se motivarem a praticar o futsal na escola.

Diante do exposto, este estudo teve como questão-problema: O preconceito em nível cultural e o medo do constrangimento, talvez possam interferir ou inibir a prática da modalidade esportiva de futsal desenvolvida pelas meninas, acarretando em falta de

motivação ou mesmo resistência e desinteresse em aulas de Educação Física do ensino fundamental?

REFERENCIAL TEÓRICO

O futebol de salão teve origem na Associação Cristã de Moços de Montevideu em 1930, quando as peladas de várzea começaram a ser adaptadas às quadras de basquete e pequenos salões. O professor Juan Carlos Ceriani da ACM (Associação Cristã de Moços) de Montevideu foi responsável por criar as primeiras regras, as quais foram fundamentadas no futebol, basquete, handebol e polo aquático, com o objetivo de ordenar a prática do futebol de salão durante as aulas regulares de Educação Física (Ferreira, 2002, p.1).

Mais tarde, alguns jovens estudantes brasileiros, durante uma visita ao Uruguai, tiveram a oportunidade de conhecer e se envolver com essa modalidade esportiva criada por Ceriani, e assim introduziram o futebol de salão no Brasil (Saar, 2020, p. 25).

Cunha e Oliveira (2016), afirmam que embora o futsal tenha surgido no Uruguai, foi na Europa que a modalidade se desenvolveu e se difundiu pelo mundo. A expansão do futsal se deu sobretudo a partir da década de 1950, com a realização de competições internacionais e a fundação da Federação Internacional de Futebol de Salão (FIFUSA), em 1956.

De acordo com Costa e colaboradores (2018), na passagem da primeira para a segunda metade do século XX, a participação feminina foi se expandindo no Brasil. Essas mudanças tiveram impacto na sociedade e, conseqüentemente, também no esporte, como evidenciado nas práticas contemporâneas do futsal feminino.

Bastos e Navarro (2009), buscaram compreender qual era a realidade do futsal feminino escolar no Brasil. Segundo os autores, as mulheres tiveram que percorrer um longo caminho para conquistar o direito de praticar qualquer tipo de esporte, inclusive o futsal feminino.

Costa e colaboradores (2018) apresentam dados que comprovam que as mulheres estão cada dia mais presentes no mundo esportivo que era dominado pelos homens, rompendo assim paradigmas e obtendo sucesso nos esportes praticados. Adicionalmente, os autores observaram que as meninas demoram a ter o primeiro contato com o futsal, mesmo que de maneira informal, e quando comparado ao contato masculino não é proporcional.

Contudo, para Goellner (2010), as meninas têm menos oportunidades de lazer em comparação aos meninos, devido às atividades domésticas que desempenham relacionadas ao cuidado da casa e da educação dos irmãos. A educação das meninas historicamente foi direcionada mais ao espaço privado do que ao público, em contraste com a educação dos meninos, que são incentivados desde cedo a sair de casa, inclusive para trabalhar. Por essa razão, é importante planejar atividades diferenciadas, levando em consideração a realidade das meninas e organizando os horários de modo a contemplar essas questões, como atividades que ocorram em momentos em que as meninas não estejam envolvidas com as atividades domésticas (Goellner, 2010, p. 81).

Para Faria Júnior (1995), a falta de participação e oportunidades oferecidas às mulheres, juntamente com uma Educação Física caracterizada pela injustiça, burguesia, branquitude e machismo, pode ter sido um dos fatores responsáveis pelo atraso na prática do futebol por parte delas. Portanto, é evidente que o principal obstáculo para o futebol feminino está relacionado ao discurso preconceituoso e estereotipado transmitido ao longo do último século sobre essa prática.

Conforme apontado por Rodrigues (2017), a escola, como instituição responsável pela transmissão do patrimônio cultural da humanidade, desempenha um papel relevante na socialização dos saberes e das práticas relacionadas à diversidade. Na esfera educacional, observa-se que assuntos relacionados à sexualidade, diversidade e relações de gênero continuam a ser abordados com base em princípios morais, resultando em uma abordagem sexista e heteronormativa. Essa abordagem prioriza o aspecto biológico em detrimento dos aspectos sociais e culturais, que desempenharam um papel significativo na formação das relações de gênero.

Corroborando com a mesma ideia, Goellner (2010, p. 72) conclui no seu estudo que:

Reconhecer a diversidade, portanto, significa aceitar a ideia de que ser diferente não significa ser desigual pois em nome dos marcadores identitários aqui analisados, muitos sujeitos têm sido excluídos de vários direitos sociais, inclusive, o acesso e permanência à educação, à saúde e às práticas corporais e esportivas.

Quando se trata de temas como a inclusão corporal, precisamos negar os estigmas que excluem e deixam os indivíduos à margem da sociedade. Discriminar e excluir não podem ser práticas comuns mediante intenções de exercer a cidadania e meios de transformar sujeitos autônomos através de práticas corporais e esportivas. (Goellner,

2010, p. 77).

Segundo Rodrigues (2017), atualmente muito tem sido debatido sobre gênero e diversidade sexual tornando-se abordagem relevante no ambiente escolar, uma vez que, a escola possibilita meios para que essas abordagens tomem cunho benéfico ou não, quando se trata de preconceito, valores e crenças.

Para a possibilidade da construção de práticas pedagógicas diferentes e de inclusão, é signficante que se entenda sobre desigualdades que permeiam a história e a cultura dos indivíduos, inclusive nas práticas esportivas.

Refletir e discutir a respeito de uma educação corporal, gênero, diversidade e sexualidade também são parte relevante dessa construção (Goellner, 2010, p. 71- 83). As meninas devem ser motivadas a praticarem esportes não com fins estéticos, e sim com intuito de socializarem, de experimentarem e vivenciarem técnicas que não estejam relacionadas com a obtenção de beleza (Goellner, 2010, p. 78).

Segundo Altman (2015), a luta das mulheres é de cunho político e se estende historicamente através do tempo, e isso trouxe conquistas e direitos em relação à prática esportiva, o que se confirma com a materialidade do corpo, do movimento e dos gestos. Ainda destaca que, a atuação nessa área é possível em decorrência dos domínios de habilidades técnicas e táticas específicas, melhor desempenho competitivo entre outros, entretanto, atualmente para Educação Física ainda se constitui desafio enorme reduzir as diferenças entre homens e mulheres além de tornar acessíveis experiências e aprendizagens (Altmann, 2015, p. 29).

Segundo Malvar (2020), essa discrepância de gênero permanece apesar das conquistas de direitos das mulheres na história da sociedade. O autor citado salienta que nos anos finais do ensino fundamental as meninas apresentam hesitação quando é ofertado a oportunidade de participação nas atividades físicas ofertadas em aulas mistas (meninos e meninas), o que ocasiona por vezes o afastamento das meninas dessas práticas. Neste sentido, Daolio (1995, p. 26) afirma que:

Fica evidente, portanto, que o conjunto de posturas e movimentos corporais representam valores e princípios culturais. Consequentemente, atuar no corpo implica em atuar sobre a sociedade na qual esse corpo está inserido. Todas as práticas institucionais que envolvem o corpo humano – e a Educação Física faz parte delas – sejam elas educativas, recreativas, reabilitadoras ou expressivas, devem ser pensadas nesse contexto, a fim de que não se conceba sua realização de forma reducionista, mas se considere o homem como sujeito da vida social.

Corroborando com a ideia central da discussão, Kotviski (2013), destaca que as meninas enfrentam ainda mais dificuldades do que os meninos para iniciar em seus esportes preferidos, devido a questões como a falta de professores especializados, falta de locais adequados para treino e ainda o preconceito constante que sofrem. Essas dificuldades citadas acabam aumentando a desmotivação das meninas em relação à prática esportiva.

Com intuito de compreender como essas questões agem na realidade local em Rondonópolis, na seção a seguir é apresentada a metodologia utilizada para esse estudo.

METODOLOGIA

Essa pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa descritiva de abordagem quali-quantitativa ou mista, com perguntas abertas e fechadas. Este tipo de pesquisa com métodos mistos combina abordagens qualitativas e quantitativas com o objetivo de generalizar resultados qualitativos, aprofundar a compreensão de resultados quantitativos ou corroborar resultados tanto qualitativos quanto quantitativos (Galvão; Pluye; Ricarte, 2017, p. 8).

Segundo Gil (2002), as pesquisas descritivas têm como características, técnicas padronizadas de coletar dados, como questionários e observação sistemática, e seu principal objetivo é caracterizar, determinar e estabelecer relações entre variáveis de uma determinada população ou fenômeno.

Zanella (2006) enfatiza que o método quantitativo se apoia em conhecimentos das ciências físicas, matemática e estatística, adotando uma abordagem dedutiva para garantir objetividade, validade e confiabilidade. Em contrapartida, o método qualitativo, com origem na antropologia, emprega uma abordagem indutiva para descobrir, identificar e detalhar informações. A autora ressalta que o método quantitativo busca dados numéricos por meio de medição objetiva e quantificação dos resultados, com o objetivo de generalizar a população através do estudo de uma amostra representativa (Zanella, 2006, p. 97).

Essa perspectiva considera as distinções entre o mundo social e natural, priorizando a interação entre objetivos, teorias e dados dos pesquisadores para alcançar resultados confiáveis. Também enfatiza a rejeição a um modelo de pesquisa universal para todas as ciências (Silveira, Córdoba, 2009, p. 32).

Para a coleta de dados foi elaborado um questionário composto por 14 questões: três questões de cunho misto, ou seja, as alunas responderam questões fechadas, em seguida justificaram suas respostas, duas abertas e nove perguntas objetivas (fechadas).

O questionário foi criado através da plataforma de formulários do *Google Forms* e foi enviado através de link por e-mail ao professor responsável pelas turmas da escola, com acesso direto ao mesmo e uma explicação sobre o tema. O professor em questão fez a abordagem e explicação sobre o tema, informou a importância, natureza e a necessidade das respostas estarem corretas, buscando despertar o interesse das alunas pelo preenchimento, entretanto, de forma impessoal e imparcial, proporcionando assim respostas mais precisas e com menos risco de distorção.

As questões foram colocadas em caráter obrigatório para serem respondidas, ou seja, não foi permitido passar para a próxima questão sem responder a anterior, isso possibilitou uma melhor acuracidade em relação ao processo de coleta de dados. Após as perguntas serem respondidas pelas alunas, os dados eram salvos automaticamente pela plataforma em uma tabela do Excel. Os dados foram tabulados e organizados de maneira a possibilitar gerar gráficos e definir a porcentagem que cada opção foi escolhida em cada tópico. As análises das questões objetivas foram realizadas por meio da utilização da estatística descritiva fornecida pela plataforma de formulários do *Google Forms*.

A amostra foi constituída por alunas do 7º (oito turmas) e 8º (quatro turmas) anos, matriculadas regularmente no ensino fundamental II de uma escola localizada no município de Rondonópolis – MT, entre os dias 10/04 à 08/05 de 2023, e contou com a participação de 60 alunas adolescentes na faixa etária entre 12 – 13 e 14 anos de idade.

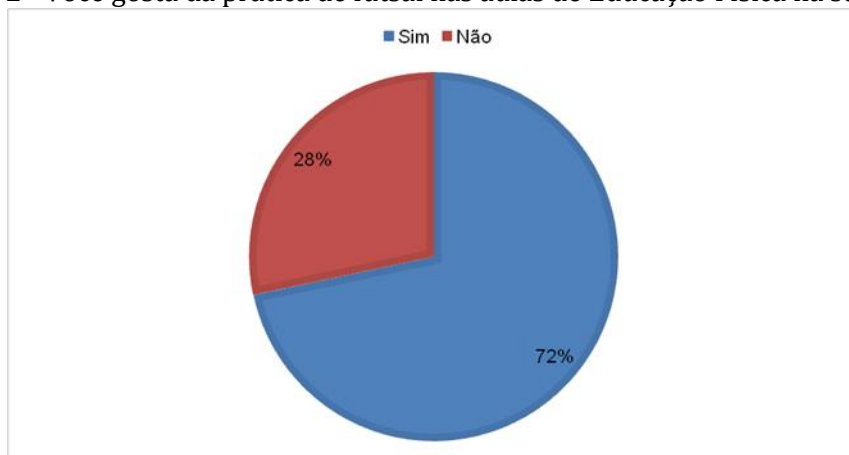
Para análise das respostas discursivas foi utilizada a técnica da análise de conteúdo Bardin, 1977. Por fim, na seção a seguir são apresentados os resultados obtidos na investigação, bem como a análise dos mesmos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra total do estudo foi composta por 60 alunas de uma escola estadual de Rondonópolis. Após a aplicação do questionário constituído por 14 perguntas, foram encontrados os resultados que serão explanados a seguir: As turmas de Educação Física na escola pesquisada são predominantemente de alunas com 12 anos de idade (n=31), seguida por alunas com 13 anos de idade (n=28) e 14 anos de idade (n=1).

Essa característica apresentada no estudo se remete ao fato da idade escolar das turmas do 7º e 8º anos, ou seja, a maioria das meninas participantes da pesquisa estava na idade considerada adequada, conforme estabelecido pela Lei de Diretrizes e bases da Educação Básica (LDB), em sua Lei Nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006. De acordo com o Artigo 32, o ensino fundamental é uma etapa educacional obrigatória, com duração de nove anos e oferecida de forma gratuita nas escolas públicas. Conforme estabelecido, o início do ensino fundamental ocorre aos seis anos de idade.

Gráfico 1 - Você gosta da prática de futsal nas aulas de Educação Física na sua escola?



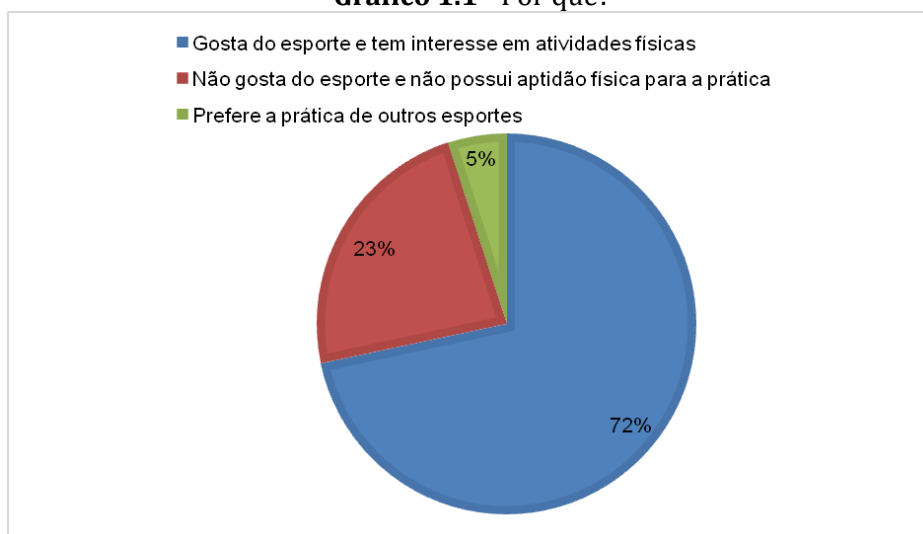
Fonte: Autoria própria (2023).

No gráfico 1 a maior parte das alunas participantes, 72% (n=43), gostam da prática da modalidade de futsal na escola, isso nos leva a entender que as meninas nas aulas de Educação Física praticam a modalidade porque gostam e não por ser um conteúdo obrigatório.

Acrescentando-se às repostas do gráfico anterior, o gráfico 1.1 representa as repostas discursivas e é um complemento da pergunta anteriormente mencionada. Foi perguntado para as alunas da pesquisa o porquê delas gostarem da prática do futsal na escola durante as aulas de Educação Física.

Percebe-se que uma parte expressiva das alunas participantes afirmaram gostar do esporte e ter interesse na modalidade, totalizando 72% (n=43), 23% (n=14) disseram não gostar do esporte e não possuir aptidão física para a prática e 5% (n=3) preferem praticar outros esportes.

Gráfico 1.1 - Por quê?



Fonte: Autoria própria (2023).

De acordo com os resultados apresentados neste estudo, observa-se que há uma concordância significativa por parte das alunas participantes em relação à inclusão do futsal no programa de suas aulas de Educação Física, o que é corroborado pelas descobertas de Souza Júnior e Darido (2002) ao observarem que 96% (n=67) das alunas entrevistadas demonstraram aprovação em relação a essa proposta.

Resultados semelhantes foram encontrados em pesquisa realizada por Cardoso e Acco Júnior (2020), observou-se um índice de aceitação bem significativo, visto que 92,9% das meninas afirmaram gostar da prática das modalidades de Futebol e Futsal e apenas 7,1% não gostam da prática.

Maffei, Verardi e De Carvalho (2019), em pesquisa realizada com meninas para verificar o interesse pela prática do futebol na escola, encontraram resultados considerados positivos quando o fator principal é o interesse pelo futebol nas aulas de Educação Física 90,5% (n=38), elas afirmaram gostar, achar muito bom, ou legal a modalidade.

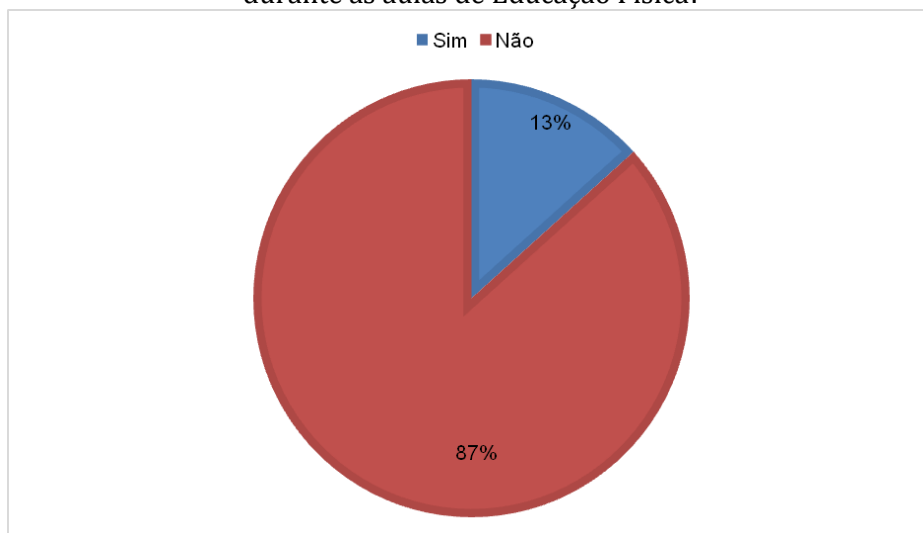
Em estudo para quantificar e levantar os dados primários sobre a prática do futsal feminino escolar com o objetivo de constatar que o futsal feminino escolar é uma realidade, Bastos e Navarro (2009) verificaram que a maioria das alunas pesquisadas, correspondendo a 73% do total, demonstraram interesse e expressou uma preferência significativa pela prática do futsal na escola. Na 7ª série, de 51 alunas, 30% e na 8ª série, de 55 alunas 45% indicaram interesse e expressaram uma preferência significativa pela prática do futsal no ambiente escolar. Esses resultados indicam que o futsal é uma

modalidade esportiva bem aceita entre as alunas pesquisadas, especialmente no 8º ano, e que possui uma grande adesão no contexto das aulas de Educação Física. Outro fator interessante que chama atenção sobre a pesquisa é que apenas 2% das meninas manifestaram não gostar da modalidade, sendo esse número equivalente a somente uma estudante do 8º ano (Bastos; Navarro, 2009, p. 150).

Souza e colaboradores (2017), em estudo realizado para verificar quais motivos levam às mulheres a prática do futsal apontou que os motivos mais mencionados foram gostar da prática, consolidando com nossos resultados de que as alunas da nossa pesquisa literalmente participam das aulas de futsal porque gostam. Tais achados, além de corroborar com nossos estudos, nos levam a entender que parte significativa das participantes afirmam gostar da prática do futsal nas aulas de Educação Física.

Nota-se no gráfico 2 que 87% (n=52) das alunas disseram nunca terem sofrido *bullying* na escola por jogarem futsal e apenas 13% (n=8) relataram sofrer *bullying* durante as aulas de Educação Física quando praticaram futsal. Como forma de complementar a resposta da pergunta anterior foi sugerido para as alunas relatarem, ou seja, dizer como aconteceram os fatos em caso de *bullying* ou não.

Gráfico 2 - Você já passou por alguma situação em que sofreu *bullying* por jogar futsal na escola durante as aulas de Educação Física?



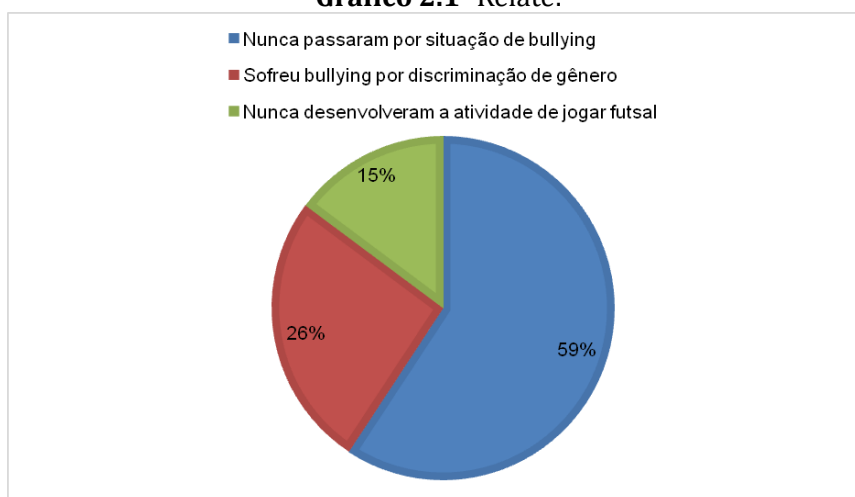
Fonte: Autoria própria (2023).

No gráfico complementar a seguir, as alunas que afirmaram que nunca vivenciaram uma situação de *bullying* alterou para 59% (n=32), isso nos leva a refletir se elas entenderam a pergunta supracitada ou se apenas as argumentações não foram feitas de maneira a contemplar de forma satisfatória a pergunta anterior.

Percebe-se também que 26% (n=14) das alunas disseram sofrer *bullying* por discriminação de gênero, ou seja, apenas por serem do sexo feminino acarretou comentários preconceituosos, e 15% (n=8) das alunas responderam que nunca sofreram *bullying*, pois nunca praticaram o futsal na escola. Mesmo contrastando em algumas respostas, os resultados indicam que a maioria das meninas que responderam o questionário não sofrem *bullying* quando praticam o futsal nas aulas de Educação Física.

Nossos achados apresentaram como resultado importante que a maioria das meninas não sofrem *bullying* nas aulas de Educação Física. Entretanto, um fato que chama atenção é saber que 26% (n=14) das meninas ainda passam por situações que “naturalmente” não deveria acontecer em uma aula de Educação Física Escolar, principalmente no que tange o preconceito por questões de gênero.

Gráfico 2.1- Relate:



Fonte: Autoria própria (2023).

Os resultados deste estudo são apoiados por evidências como as encontradas por Cardoso e Acco Júnior (2020), que indicam que a maioria das meninas não enfrentaram situações desagradáveis relacionadas ao futebol/futsal, como "brincadeiras" de mau gosto, xingamentos ou preconceito, dentro do ambiente escolar. Segundo o estudo, 85,7% das participantes relataram nunca ter passado por essas situações, enquanto 14,3% afirmaram já ter vivenciado essas experiências vexatórias.

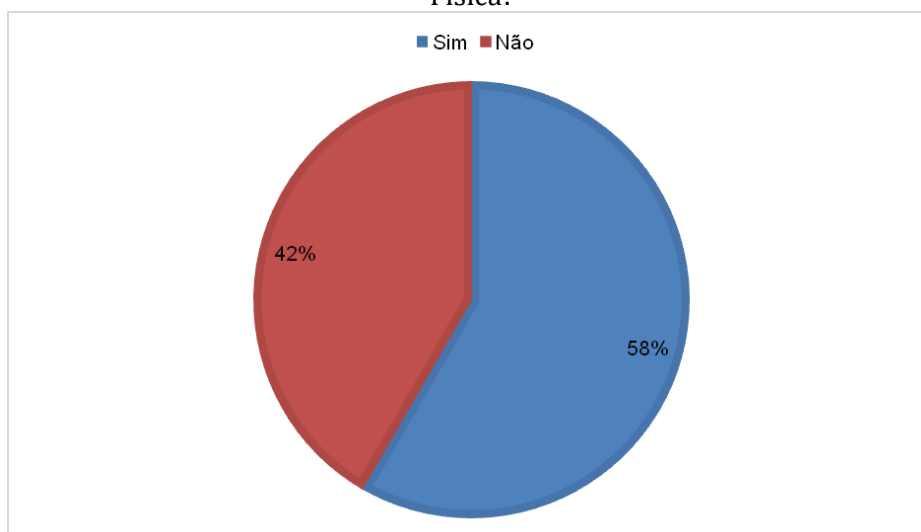
Em pesquisa desenvolvida por Maffei, Verardi e De Carvalho (2019), foi observado que algumas das participantes apresentaram um comportamento de não adesão ao futebol durante as aulas de Educação Física. Isso pode ser atribuído a experiências negativas prévias, como conflitos com os meninos devido à intensidade e agressividade

do jogo, bem como o preconceito dos meninos em relação à participação das meninas nas atividades relacionadas ao futebol.

Aguiar e Borher (2017) verificaram em estudo desenvolvido com alunas (n=30) e professores (n=3), do 8º ano em escola do ensino fundamental da rede Estadual de Ibitaré – MG, que 80% das alunas relataram sofrer algum tipo de preconceito quando praticam o futebol/futsal na escola. Para os autores os dados indicam que mesmo com os preconceitos dos meninos em aceitá-las no jogo, as meninas continuam demonstrando disposição para o futebol/futsal.

Adicionalmente, questionamos se as alunas sentiam algum medo de se machucarem durante a prática do futsal. O gráfico a seguir aponta que 58% (n=35) das alunas tinham medo de se lesionar durante a prática de futsal e 42% (n=25) relataram não ter medo de se machucar.

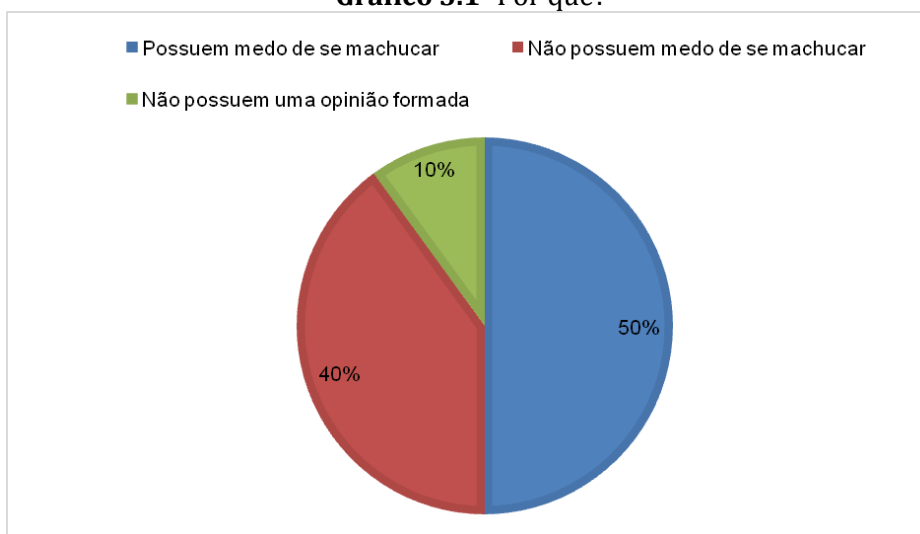
Gráfico 3- Você tem medo de se lesionar durante a prática de futsal nas aulas de Educação Física?



Fonte: Autoria própria (2023).

Em consolidação da pergunta anterior, foi sugerido que elas justificassem o motivo pelo qual elas acreditam que a prática do futsal pudesse causar lesões. Os resultados apresentados no gráfico indicam que 50% (n=30) possuem medo de se lesionar, 40% (n=24) não tem medo de se lesionar, 10% (n=6) não possuem uma opinião formada sobre o assunto. Esses dados sugerem a ideia de que elas simplesmente não jogam ou resistem, por terem medo de sofrer algum tipo de lesão. Em suma, conforme com as respostas encontradas não foi possível estabelecer ou definir um motivo específico pelo qual elas sentem medo.

Gráfico 3.1- Por quê?



Fonte: Autoria própria (2023).

Corroborando com os achados deste estudo, Candido (2009) em pesquisa com alunos do ensino fundamental e ensino médio, 43 meninos e 46 meninas (n=89), de um Colégio Estadual de Irati – PR investigou a configuração das relações de gênero nas aulas de Educação Física Escolar, e se essas questões influenciavam na participação ou não de alunos e alunas nas aulas, principalmente no conteúdo Futsal. De acordo com o autor, os comportamentos sociais esperados variam entre meninas e meninos. Para as meninas, espera-se a construção da imagem de fragilidade, delicadeza, medo, responsabilidade e vaidade, enquanto para os meninos, a ênfase recai sobre a força, competitividade, liberdade, irresponsabilidade e coragem para desafiar a ordem e a autoridade. No entanto, é importante destacar que certos comportamentos, como o medo de se machucar e a fragilidade física, são comuns a ambos os gêneros, embora sejam organizados socialmente de forma diferente e causem desordem no contexto do futsal.

Semelhante a estes achados, Malvar (2020) verificou que uma das meninas em seu estudo revela ansiedade presente entre algumas das alunas diante da necessidade de praticar um esporte pouco ou nada familiar a elas ao comentar sobre sua falta de habilidade no jogo. Esse fato certamente gera medo e insegurança, especialmente quando acompanhado do comentário de um menino não identificado, que as rotula como "um bocado de maluca". Essa classificação provavelmente se deve a suspeita do menino em relação à falta de familiaridade das meninas com o futsal, o que implicaria em uma participação desorganizada por parte delas durante a partida (Malvar, 2020, p. 57).

Em tese, supõe que a falta de experiências anteriores e a falta de habilidade por

parte das meninas, associada a uma maior agressividade e competitividade por parte dos meninos, gerem certo receio de se machucar durante a prática de futsal nas aulas de educação física.

Neste sentido para Altmann (2015), a exclusão nas aulas de Educação Física que abordam conteúdos esportivos não se limita apenas ao marcador de gênero, uma vez que outros fatores também contribuem igualmente para essa questão, como idade, força e habilidade.

Gráfico 4 - O que você pensa sobre as aulas de futsal realizadas junto com os meninos na Educação Física?



Fonte: Autoria própria (2023).

O gráfico 4 representa as respostas do questionamento de como as alunas se sentiam desenvolvendo a prática do futsal junto com os meninos na aula de Educação Física (aulas mistas). As repostas apontaram certa predominância em relação às meninas que gostam para as que não gostam da prática juntos. As que gostam representam 55% (n=33), as que não gostam 27% (n=16), seguidas por aquelas que não têm uma opinião definida com 18% (n=11).

Mesmo com predominância para aulas mistas, percebe-se que nosso estudo se assemelha ao de Silva e Santos (2010), que entenderam que mesmo obtendo respostas positivas para realização de aulas mistas, havia rejeição e grande preconceito com a prática do esporte. Para os mesmos autores as relações entre os sexos foram construídas historicamente e seguem um "padrão" social relacionado às normas e valores, os quais variam de acordo com as necessidades individuais e dos grupos.

Souza Júnior e Darido (2002) verificaram como era desenvolvido o futebol em turmas de 7ª série do ensino fundamental da rede estadual do município de Rio Claro -

SP, e encontraram predominância positiva tanto nas aulas de Educação Física (70%), quanto na prática do futebol durante as aulas de Educação Física (60%). Os autores constatarem que, apesar das turmas mistas, meninos e meninas se envolvem em atividades distintas em outros espaços. Eles defendem fortalecer a autoimagem positiva das meninas, especialmente nas atividades motoras realizadas junto com os meninos. O rendimento não deve ser o único foco, pois experiências de fracasso para as meninas podem reforçar a dominação baseada no gênero. Assim, uma alternativa seria alternar entre atividades mistas e separadas, considerando os objetivos e desenvolvimento das aulas (Souza Júnior; Darido, 2002, p. 5).

Em estudo realizado por Freitas e Monteiro (2021), com turma do 4º ano do ensino fundamental, foi observado que após questionamento sobre como seria a prática do futsal com times mistos (meninos e meninas), ambos não consideraram ser uma prática natural ou agradável a prática da modalidade esportiva, incluindo às respostas como algo chato.

Cardoso e Acco Júnior (2020) verificaram se as meninas têm as mesmas oportunidades na prática do futsal e futebol feminino no ambiente escolar, e encontraram que, 71,4% (n=10) das meninas afirmaram que sim, já 28,6% (n=4) afirmaram que as suas práticas são separadas. Na infância, meninos e meninas brincam juntos sem discriminação de atividades de gênero, demonstrando integração e ausência de segregação (Cardoso; Acco Júnior, 2020, p. 12).

Ainda em consonância com nossos achados, Maffei, Verardi e De Carvalho (2019), investigaram através de pesquisa 47 alunas do 3º ano do ensino médio de quatro escolas estaduais do município de Santa Cruz do Rio Pardo - SP e relataram que parcela significativa participam de turmas mistas (77%) e dentre estas, 58,3% acham bom e importante que sejam assim.

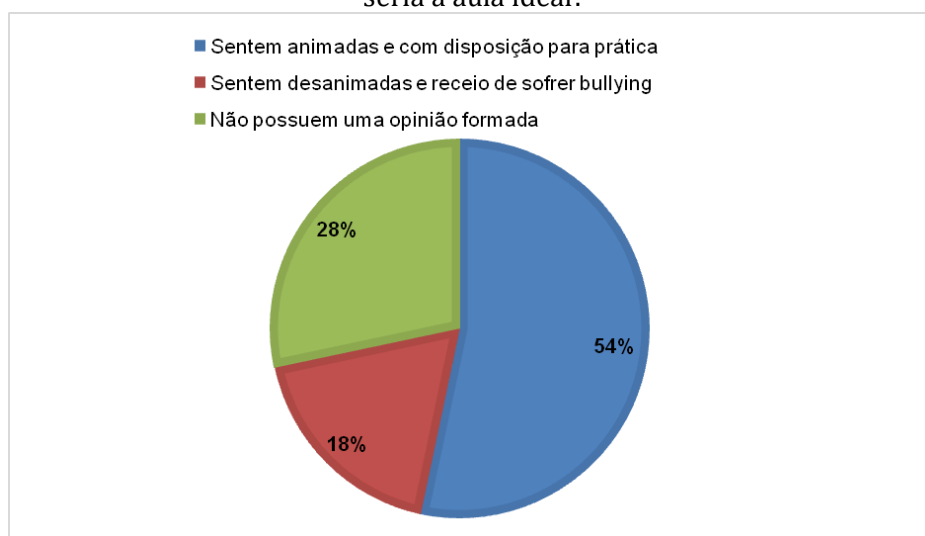
De acordo com a pesquisa realizada por Malvar e Souza Júnior (2021), foi observado que entre os meninos da turma de 6º ano do ensino fundamental, durante as aulas de Educação Física de uma escola pública em Feira de Santana-BA, existia uma visão sexista, na qual as meninas eram rotuladas como inábeis e incapazes de aprender e alcançar os supostos níveis de desempenho masculino. Além disso, constatou-se, nas atitudes e falas de algumas meninas, certa descrença em relação às suas próprias habilidades, bem como a ausência de empatia em relação às colegas que enfrentavam maiores dificuldades de aprendizado.

A insatisfação e a tristeza das meninas menos participativas nas aulas indicam um

sexismo enraizado no esporte escolar. O futsal, especialmente, se torna um desafio intimidador para aquelas sem experiência, impedindo-as de mostrar suas habilidades publicamente (Malvar; Souza Júnior, 2021, p. 119).

Para Maffei, Verardi e De Carvalho (2019), a prática do futebol na escola, quando realizada em turmas mistas, é considerada positiva, embora haja a necessidade de cuidados extras por parte dos meninos durante as atividades.

Gráfico 5- Relate como você se sente jogando futsal na escola. Tem alguma sugestão de como seria a aula ideal?



Fonte: Autoria própria (2023).

No gráfico 5 verifica-se que a maioria das meninas, 54% (n=32), se sentem bem e motivadas para desenvolver a atividade e não deram nenhuma sugestão, já 18% (n=11) se sentem desanimadas e com receio de sofrer algum tipo de *bullying* e não opinaram nenhuma sugestão, e 28% (n=17), não formaram uma ideia sobre o assunto ou não quiseram opinar.

Corroborando com nossos achados, Carriel e Santos (2021), apontam em pesquisa realizada com adolescentes nos anos finais do ensino fundamental, que 92% delas afirmam sentir-se bem durante a atividade de futsal, enquanto apenas 8% relataram não experimentar esse mesmo sentimento.

Em estudo realizado por Souza e colaboradores (2017), os autores também observaram que as participantes que praticavam futsal na escola têm múltiplas razões para realizar esse esporte, sendo o prazer gerado por essa prática o motivo mais destacado, evidenciando que elas gostam da atividade.

Corporificando nossos achados, Cardoso e Acco Júnior (2020), constataram em

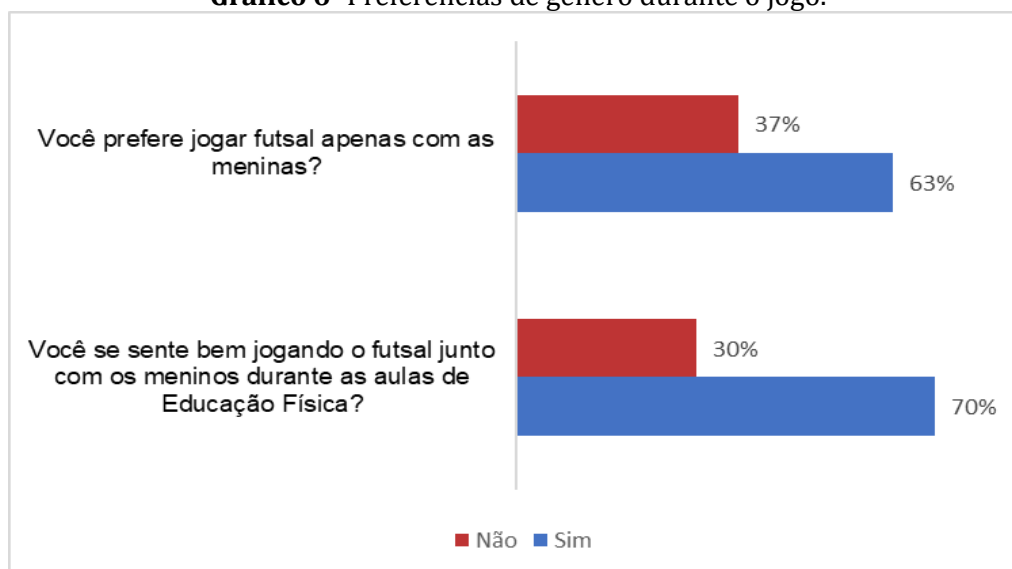
estudo no ensino fundamental II com 14 alunas da E.E.B. Professora Célia Coelho Cruz, que 92,9% das alunas se sentiam bem praticando futsal e futebol, no ambiente escolar. Para os autores, independentemente de como a modalidade está inserida, seja como competição ou lazer, elas se identificam, e isso é interessante no ambiente escolar, e essa identificação pode gerar mais oportunidades para elas desfrutarem da prática do jogo.

Em suma, mesmo quando as modalidades esportivas ou diferentes abordagens de movimento corporal são utilizadas como propostas das aulas de Educação Física, ainda percebe-se a crescente falta de interesse dos alunos na participação das atividades práticas (Malvar; Souza Júnior, 2021, p. 108).

No gráfico a seguir apresentamos as respostas das participantes sobre sua preferência em jogar somente com as meninas e se elas se sentem bem jogando com os meninos. Nota-se que a maioria 63% (n=38), tem preferência significativa em jogar somente entre elas, já 37% (n=22), disseram não ter preferência em jogar somente com as meninas.

Complementarmente, 70% (n=42) das meninas se sentem bem jogando com os meninos, enquanto 30% (n=18) dizem não se sentirem bem. Os resultados do gráfico 6 apontam para uma relevante preferência no desejo de praticarem a modalidade entre elas (meninas). Entretanto, elas dizem que se sentem bem jogando com os meninos. Consideramos que, mesmo os resultados parecendo contrastantes, fica claro que as alunas gostam de jogar sozinhas, mas não se importam em jogar com os meninos. Logo, podem ser propostos momentos de jogo só com as meninas e momentos mistos durante as aulas.

Gráfico 6- Preferências de gênero durante o jogo.



Fonte: Autoria própria (2023).

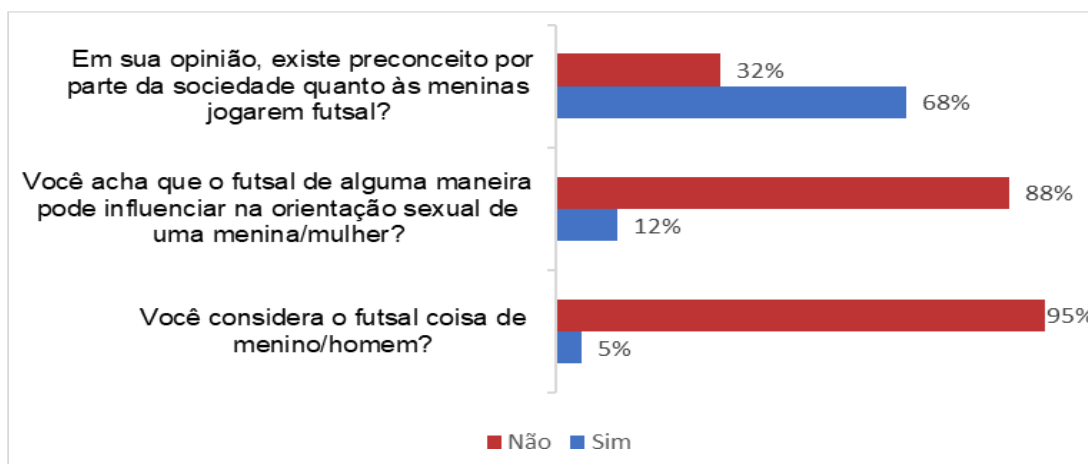
Esses achados podem ser corroborados por Freitas e Monteiro (2021), quando verificaram que todos os alunos acharam interessante jogar com as meninas ou jogar com os meninos e que seria possível a prática conjunta de maneira agradável e divertida. Neste mesmo estudo, os autores observaram por meio de ilustrações feitas pelos alunos que, mesmo elas entendendo como chato a prática do futsal junto com os meninos, acreditam que pode ser praticado juntos. Entretanto, deixaram claro que os meninos não lhes dão oportunidades, e que se fosse o contrário seria diferente e legal.

Em estudo realizado por Silva e Costa (2010) com 164 alunos, composto por 78 meninas e 86 meninos, para verificar se era possível jogar futsal com meninos e meninas nas aulas de Educação Física, os autores verificaram percentual de aceitação das meninas de 66,7% e de rejeição de 33,3%, enquanto os meninos apresentaram percentual de 73,3% de aceitação e na rejeição de 26,7%. Isso nos remete a entender que mesmo observando certa rejeição por parte de algumas alunas no nosso estudo, pode-se afirmar que as aulas mistas de futsal na escola é uma boa opção.

A escola através do futsal aborda questões de gênero, falta de interesse e exclusão das meninas, além de contribuir com aspectos relacionados como sociabilidade, empatia, respeito às regras e ao próximo (Danieleto; Correia; Rosadas, 2011, p. 7 - 8).

Em relação ao gráfico 7, elas entendem existir preconceito por parte da sociedade sobre as meninas jogarem futsal. Identifica-se, conforme os dados expostos que 68% (n=41) entendem que existe preconceito e 32% (n=19) pensam ao contrário, ou seja, que o preconceito por parte da sociedade não existe. Sobre a orientação sexual, 88% (n=53) das alunas não supõem que o futsal pode influenciar na sexualidade, enquanto 12% (n=7) acreditam que isso é possível. Por fim, percebe-se que quando perguntado se elas consideram o futsal coisa de menino a grande maioria, 95% (n=57), disseram não considerar (como coisa de menino) e apenas 5% (n=3) entendem que sim.

Gráfico 7- Há preconceito durante a prática do futsal na opinião das alunas?



Fonte: Autoria própria (2023).

Em estudo com alunas do ensino médio de uma escola privada, Oliveira, Ricci e Marques (2022), verificaram que as alunas não acreditam haver relação entre orientação sexual e modalidade esportiva, mesmo sendo citadas várias vezes como questionamento ou barreira para a prática. Também corrobora com nossos achados a pesquisa realizada por Kotviski (2013), onde verificaram haver predominância nas opiniões das participantes, 87,5% (n=14) não concordaram nem um pouco com a expressão machista de que o futsal é coisa de menino.

Malvar e Souza Junior (2021) entendem como equivocada e errônea abordagens práticas específicas que distinguem garotos e garotas sob uma perspectiva biológica utilizada por muitos professores, para os autores essa concepção pode reforçar estereótipos e gerar prejuízo na compreensão das crianças sobre o tema.

Em perspectiva semelhante, Trajano e colaboradores (2017), verificaram em estudo com um grupo de ex-atletas e de atuais atletas do time amador juvenil de futsal feminino da cidade de Barra do Garças - MT, que ao discutir sobre o argumento em questão, todas as participantes afirmaram conhecer alguma homossexual que jogava futebol/futsal. No entanto, na opinião delas, isso não fornecia evidências concretas de que o esporte em questão transformaria a identidade sexual das mulheres. Consonante, Moura e colaboradores (2016), em estudo realizado com adolescentes do sexo feminino que jogavam futsal como atividade de Educação Física em Maceió, observaram que as atletas não entendem que o futebol é um esporte masculinizante ou masculino.

Correlaciona-se com o tema, pesquisa desenvolvida por Pires e colaboradores (2019), para analisar as questões relacionadas às feminilidades e sexualidades com oito

jogadoras de futsal de Juiz de Fora, e concluíram que quando uma mulher decide praticar uma modalidade esportiva tradicionalmente associada aos homens, sua feminilidade é questionada e sua sexualidade é posta em dúvida.

Atualmente, mulheres têm ganhado mais destaque no âmbito esportivo, especialmente no futebol e futsal, marcando uma notável mudança em relação ao passado. Historicamente, elas foram estereotipadas como o "sexo frágil", com funções limitadas ao lar e à maternidade (Trajano *et al.* 2017, p. 9).

Semelhante aos dados encontrados neste estudo, Mascarin, Oliveira e Marques (2017), em pesquisa com 13 jogadoras de uma equipe do interior do Estado de São Paulo, para investigar as percepções de jogadoras de alto rendimento de futsal sobre a participação feminina nesta modalidade esportiva, verificaram que doze entrevistadas relataram ter experimentado situações de preconceito ao ingressarem no futsal, principalmente provenientes de colegas de escola, independentemente do gênero. Apenas uma das entrevistadas afirmou que não enfrentou qualquer tipo de preconceito quando iniciou sua prática esportiva na juventude, mas passou a enfrentá-lo somente na idade adulta.

Em pesquisa desenvolvida por Carriel e Santos (2021), realizada com adolescentes nos anos finais do ensino fundamental, os autores observaram significativa relevância em relação às respostas das alunas quanto à existência de preconceito da prática do futsal nas aulas de Educação Física, 92% acreditam que existe, enquanto 8% das alunas discordam.

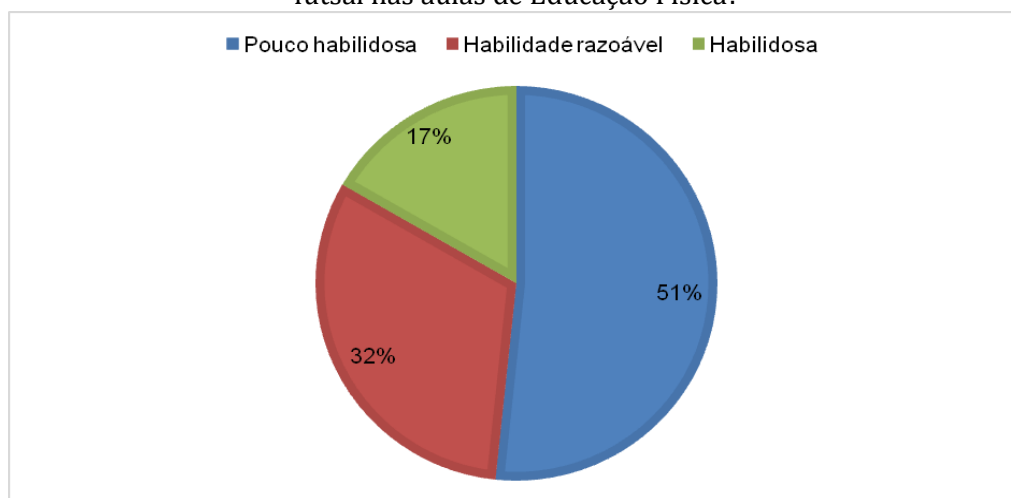
Para reforçar nossos achados, Almeida-Silva e Ribeiro (2022), em artigo de revisão analisaram a existência de relatos de preconceito com o futebol e futsal de mulheres, bem como os padrões determinados pela mídia. Além disso, os autores examinaram os avanços na divulgação dessas modalidades esportivas e identificaram as motivações oferecidas pela sociedade para a prática do futebol e futsal pelas mulheres. Concluíram que é evidente que o preconceito e a discriminação persistem no futebol/futsal feminino, inclusive nas escolas, onde as meninas enfrentam dificuldades em sua iniciação devido à imposição dos meninos. Além disso, a falta de espaços e incentivo da sociedade também dificultam a prática do futebol/futsal por mulheres em outros ambientes.

Em estudo desenvolvido por Hillebrand, Grossi e Moraes (2008), com 43 mulheres, os autores buscaram compreender como a prática esportiva influenciou a qualidade de vida das participantes. Os resultados da pesquisa demonstraram que as mulheres avaliadas possuem uma percepção positiva de sua qualidade de vida, entretanto, os dados

do estudo revelaram a existência de preconceito de gênero associado à prática de futsal, evidenciando a presença de estereótipos na sociedade em geral. Além disso, observaram que as mulheres envolvidas na prática do futsal são frequentemente estereotipadas como "machonas" e vistas como menos "femininas", mesmo sendo tais estereótipos reforçados até mesmo por suas famílias. Diante dessa realidade, enfatizou-se a relevância de combater os preconceitos e discriminações enfrentados por essas atletas, visando à conquista do respeito por parte da sociedade em relação à escolha desse esporte.

Historicamente as mulheres enfrentam muitos obstáculos causados pelo preconceito social e cultural, isso dificulta a obtenção de reconhecimento no contexto esportivo, especialmente no futebol/futsal. Visto como modalidade que privilegia o gênero masculino, o futsal/futebol é tido como um esporte que rejeita as mulheres em detrimento a uma visão que o condiciona a masculinidade (Trajano, *et al.* 2023, p. 87).

Gráfico 8- Como você considera sua habilidade física/motora para desenvolver a prática de futsal nas aulas de Educação Física?



Fonte: Autoria própria (2023).

No gráfico 8 observa-se que 51% (n=31) das alunas disseram se considerar pouco habilidosa, seguidas por aquelas que responderam que se achavam com habilidade razoável 32% (n=19) e apenas 17% (n=10) se consideravam habilidosa. Estes resultados talvez estejam relacionados com o tempo de treino e as experiências das alunas com a prática da modalidade em questão.

Em estudo conduzido por Souza Júnior e Darido (2002), foi observado que a insistência na discriminação entre os sexos para as atividades físicas resultou em uma compreensão do motivo pelo qual as alunas do grupo feminino investigado apresentaram

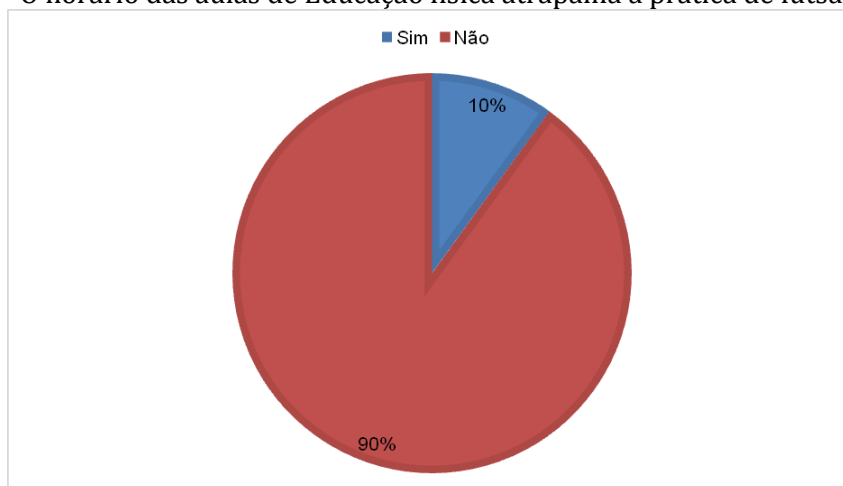
uma falta de habilidades motoras envolvendo os grandes músculos. Constataram ainda que o estágio de habilidades motoras dessas alunas, ao chegarem no 5º ano de escolarização, quando normalmente são trabalhadas por professores da área, é significativamente inferior em relação aos meninos.

Kotiviski (2013) constatou através de estudo que as alunas entendem que para iniciar a prática da modalidade de futsal é preciso ter habilidade 37,5% (n=6), já 37,5% (n=6) afirmaram que nem muita e nem pouca habilidade. O mesmo autor verificou que para realizar a prática de futsal na escola, as alunas que entendem haver poucas oportunidades ou nenhuma oportunidade chegou a 37,5% (n=6) e 25% (n=4) disseram não haver nem muitas e nem poucas oportunidades.

Ricken e colaboradores (2010), ao compararem as habilidades específicas (chute, passe e condução de bola) das equipes sub-15 masculina e feminina de futsal da Comissão Municipal de Esportes de uma cidade do sul de Santa Catarina, constataram diferenças significativas entre os sexos apenas no quesito chute (75,1% do sexo feminino classificou-se como ruim, enquanto que no sexo masculino dividem-se em 37,5% ruim e 37,5% bom), já no passe e na condução de bola, não observaram diferenças estatisticamente significativas.

O fato de os meninos serem considerados mais habilidosos que as meninas, pode ser explicado pelo fato dos meninos experimentarem vivências mais tenras que as meninas, eles começam antes à prática nas escolinhas, na rua em frente à casa que moram, entre outros, o que sugere para maioria desavisada o entendimento que os meninos têm mais talento para jogar futsal que as meninas (Kotviski, 2013, p. 320).

Gráfico 9- O horário das aulas de Educação física atrapalha a prática de futsal na escola?



Fonte: Autoria própria (2023).

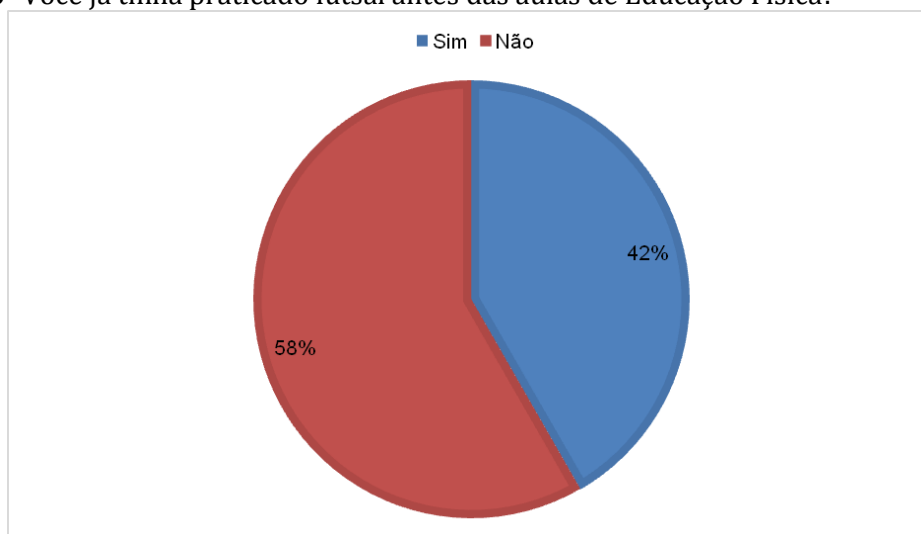
Foi perguntado às alunas se o horário em que as aulas de Educação Física acontecem atrapalham a prática do futsal. Entendemos que talvez o fato das aulas acontecerem durante o horário do turno letivo viesse a corroborar com a falta de interesse das alunas na participação da modalidade esportiva na escola investigada, uma vez que o esporte faz com que as alunas cansem e transpirem bastante durante as aulas. Entretanto, nota-se no gráfico 9 que as alunas em significativa maioria, 90% (n=54) entendem não atrapalhar, e apenas 10% (n=6) disseram que o horário da prática das aulas atrapalha.

Através dos achados supracitados constatamos que para as alunas investigadas na pesquisa, o horário das aulas de Educação Física não interfere na prática da modalidade, além disso, a maioria delas afirmam gostar da prática na escola.

Em pesquisa para analisar os fatores que contribuem para a desmotivação de estudantes do sexo feminino nas aulas de Educação Física nos anos finais do Ensino Fundamental, Da Silva Araújo, Gonçalves Juca e Dias Pinheiro (2023), constataram que um dos principais fatores mencionados pelas estudantes para a participação das aulas práticas na Educação física foi à aula ser no período regular.

Corroborando com estes resultados Darido e colaboradores (1999), entendem e apontam que uma das principais dificuldades encontradas pelos alunos para frequência nas aulas de Educação Física é o fato dessas aulas serem colocadas no período fora das demais disciplinas.

Gráfico 10- Você já tinha praticado futsal antes das aulas de Educação Física?



Fonte: Autoria própria (2023).

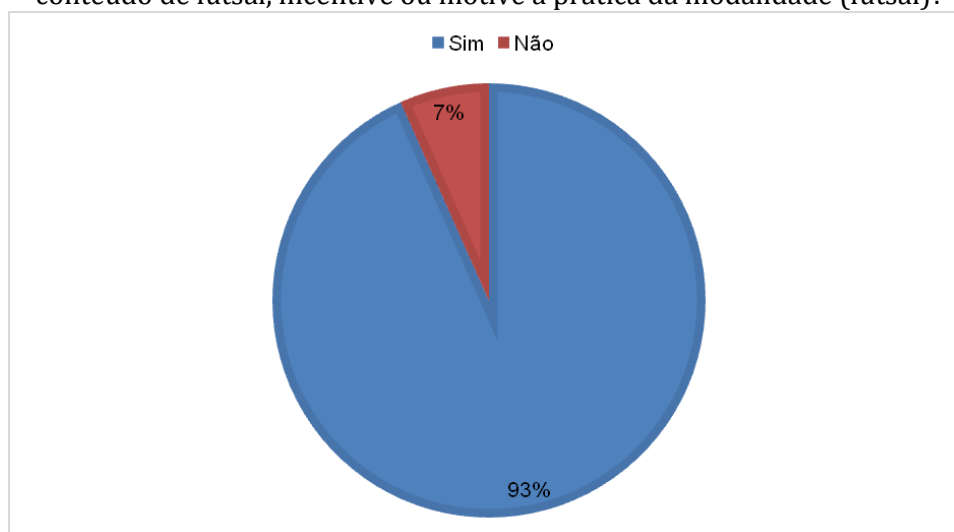
O gráfico 10 aborda as respostas sobre as experiências anteriores sobre futsal antes nas aulas de Educação Física, nota-se que a maioria das alunas 58% (n=35) responderam nunca terem praticado futsal antes da prática em aulas de Educação Física e 42% (n=25), disseram já ter praticado futsal antes das aulas de Educação Física. Entendemos que a maioria das alunas teve seu primeiro contato com o futsal nas aulas de Educação Física.

Corroborando com nossos dados, estudo desenvolvido por Santana e Reis (2003), em investigação sobre o perfil das atletas de elite do futsal feminino paranaense e discussão sobre possíveis implicações desse para a pedagogia do futsal com 43 atletas que disputaram a fase semifinal do estadual, categoria principal, 2002, encontraram como local principal de iniciação a escola (46,4%), seja em aulas de Educação Física ou na escola especializada. Os autores asseveram que a forma subliminar de exclusão presente na sociedade ratifica, de forma mínima, a ideia de uma sociedade sexista, assim como a crença de que o futsal é exclusivamente destinado aos meninos. Eles também ressaltam que, apesar de a escola ser o ambiente onde a maioria das meninas tem seu primeiro contato com o futsal, ela falha ao não promover a democratização desse esporte entre as meninas (Santana; Reis, 2003, p. 47).

Oliveira, Ricci e Marques (2022), em estudo para analisar os desafios e oportunidades para a participação no futsal escolar extracurricular na perspectiva de alunas de ensino médio de uma escola privada, identificaram que a maioria das alunas em sua pesquisa relatou ter iniciado a prática do futsal na própria escola e concluem que a escola parece ser local relevante para mulheres que buscam iniciar ou se engajar na prática do futsal. Os autores enfatizam que a escola possui o potencial não apenas de promover uma cultura esportiva relacionada ao futsal, mas também de desafiar preconceitos e estereótipos associados a essa prática, por meio de ações transformadoras e heterodoxas (Oliveira; Ricci; Marques, 2022, p. 16).

No gráfico a seguir, observa-se predominância significativa em relação às alunas que responderam que o professor incentiva e motiva a prática da modalidade em questão, 93% (n=56) das respondentes afirmaram que sim e apenas 7% (n=4) responderam que não.

Gráfico 11- Você considera que a orientação do professor de Educação Física em relação ao conteúdo de futsal, incentive ou motive a prática da modalidade (futsal)?



Fonte: Autoria própria (2023).

Corroborando com nossos achados, em pesquisa realizada por Cardoso e Acco Júnior (2020), os autores encontraram resultados semelhantes, 92,9% das meninas afirmaram que o professor incentiva as alunas a praticarem o futsal/futebol durante as aulas e 7,1% afirmaram que não. Em análise feita por Darido (2004), com 1.172 alunos do ensino fundamental (5^a e 7^a série) e médio (1^o ano) da rede pública estadual de Rio Claro, a autora questionou se o professor de Educação Física motivava os alunos a participarem das aulas, e constatou que em todos os níveis escolares investigados (5^a- 77,8%, 7^a- 67,7% e 1^o- 64,2%), os professores desempenham um papel fundamental ao incentivar ativamente seus alunos a participarem ativamente das aulas de Educação Física.

Assim como no estudo desenvolvido por Kotiviski (2013), onde o autor constatou a relevância do professor de Educação Física, quando 87,5% das alunas responderam que consideram o professor/treinador muito importante e 12,5% responderam que importante, em nosso estudo foi constatada a significativa importância dada pelas alunas ao professor da escola.

O professor, por meio da motivação, pode conduzir a criança a momentos de satisfação durante o processo de ensino/aprendizagem (Moreira; Damatto, 2015, p. 3). A prática de qualquer atividade física traz consigo a motivação para sua busca, estimulando a iniciativa e determinando o nível de entusiasmo e esforço empregado pelas pessoas no desenvolvimento de suas atividades (Moura *et al.*, 2016, p. 159).

Segundo Rizzo, Nascimento e Zaim-de-Melo (2021), meninas e meninos tem

momentos diferentes de acessos ao futebol, os meninos são oportunizados desde cedo, enquanto as meninas são estimuladas apenas na escola ou ambiente escolares. Por isso, é crucial nas aulas de Educação Física os professores incentivarem os alunos a se sentirem competentes no esporte, estimulando suas habilidades cognitivas, motoras e sociais, o que será fundamental para promover a inclusão social no contexto do futsal feminino (Rizzo; Nascimento; Zaim-De-Melo, 2021, p. 5).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do tempo de trabalho desenvolvido por mim em uma escola Estadual do município de Rondonópolis no ano de 2022, me deparei com a falta de interesse de algumas alunas durante a prática de futsal nas aulas na Educação Física, a partir daí, identificou-se a necessidade de tentar entender quais os motivos que acarretavam tais comportamentos, sobretudo, o desinteresse dessas alunas do ensino fundamental na prática do desporto.

Diante disso, constatou-se que a análise feita em relação à percepção sobre o futsal das meninas do 7º e 8º anos do ensino fundamental da escola em questão foi efetivamente atendido, pois conseguiu expor nuances que muitas vezes durante as aulas passam despercebidos, principalmente considerando o futsal como esporte ainda dominado pelos meninos durante as aulas mistas de Educação Física.

Um dos objetivos buscados pelo estudo foi identificar as razões pelas quais as meninas gostam ou não de participar do futsal nas aulas de Educação Física, e percebe-se que, de acordo com os dados obtidos a maioria das meninas do estudo gostam e participam da modalidade de futsal na escola, isso demonstra o interesse dessas alunas em participarem, mesmo identificando relatos como, medo de se lesionar, *bullying*, preconceito ou mesmo praticar as aulas separadas dos meninos.

O estudo também investigou a questão da aula ideal de futsal para meninas no ambiente escolar, possibilitando a oportunidade de sugestões em relação à prática e considerando a possibilidade de que a falta de interesse em participar das atividades dessa modalidade talvez pudesse estar relacionada à forma como as aulas eram conduzidas pelo professor ou ao conteúdo apresentado. Ao constatar que o desinteresse não está relacionado à relação professor-aluna ou à condução das aulas, o estudo estimula o aprimoramento da didática pedagógica, com métodos mais inclusivos que respeitem as

individualidades das alunas.

Entendemos também que, muitas vezes as aulas podem ser organizadas de forma pouco inclusiva, privilegiando as habilidades físicas consideradas tipicamente masculinas e não considerando as diferentes capacidades e interesses das meninas. Isso pode fazer com que elas se sintam deslocadas e desmotivadas a participar. Além disso, a pesquisa também levanta a importância da conscientização sobre questões de gênero na prática esportiva, ao identificar o desinteresse específico de algumas alunas em relação ao futsal.

Doravante, a pesquisa partiu da hipótese de que o preconceito em nível cultural e o medo do constrangimento talvez pudessem interferir ou inibir a prática da modalidade esportiva de futsal desenvolvida pelas meninas, acarretando em falta de motivação ou mesmo resistência e desinteresse em aulas de educação física do ensino fundamental, isso porque durante as aulas essas alunas rotineiramente demonstravam-se desmotivadas e resistentes em participarem da prática do futsal. Conseqüente, no estudo verificou-se que as alunas da pesquisa entendem que existe sim o preconceito por parte da sociedade e que talvez a falta de habilidade em executar os fundamentos básicos do esporte em questão pudesse gerar certo constrangimento ou *bullying*, perante os meninos da escola.

Para combater o desinteresse das alunas no futsal, é essencial adotar abordagens mais inclusivas e diversificadas nas aulas de Educação Física. Os professores podem estimular o diálogo aberto sobre estereótipos de gênero, desconstruindo preconceitos e promovendo a igualdade de oportunidades entre meninos e meninas no esporte. É fundamental também criar um ambiente seguro e acolhedor, onde todas as alunas sintam-se encorajadas a participar, independentemente de suas habilidades.

A pesquisa também pode ter identificado fatores culturais e sociais que influenciam o desinteresse das alunas pelo futsal, talvez isso possa contribuir para combater estereótipos de gênero e criar um ambiente escolar mais igualitário nas oportunidades esportivas para meninas. Além disso, ao reconhecer o desinteresse das alunas pelo futsal, abre-se espaço para valorizar outras modalidades esportivas mais atrativas para elas, diversificando as opções de atividades físicas oferecidas.

Por fim, compreender os fatores que influenciam o desinteresse das alunas pelo futsal possibilita o desenvolvimento de estratégias para estimular a participação feminina no esporte de forma mais ampla, resultando em um aumento geral da adesão das meninas a diferentes atividades físicas, o que proporciona benefícios para sua saúde e bem-estar. Ao compreender os fatores envolvidos nessa questão, é possível tomar medidas concretas

para promover maior participação e engajamento das meninas nas atividades esportivas, garantindo que todas as crianças tenham oportunidades iguais de desfrutar dos benefícios da prática esportiva.

Contudo, entende-se que diante da metodologia proposta, talvez o estudo tenha apresentado certa fragilidade na elaboração do questionário, uma vez que não conseguiu cercar todas as questões relevantes que abordam o tema com tamanha complexidade e potencialidade para esclarecer uma das angústias dos professores de educação física que trabalham o futsal na escola. Outro fator que parece ter influenciado foi o número de participantes e o ambiente de estudo, pois a pesquisa se limitou a amostra de apenas uma escola, isso também talvez tenha influenciado na percepção do entendimento da análise das respostas, principalmente pelo fato de não contemplar um dos objetivos que de certa forma a nosso ver era de suma importância, “a aula ideal”.

Em suma, sugere-se que novas abordagens de pesquisas sejam realizadas com uma amostra maior de participantes em diferentes ambientes de propostas, com acompanhamento em longo prazo e que tais considerem variáveis mais detalhadas relacionadas ao comportamento, identificando características importantes para formação integral dessas alunas, proporcionando-as reflexões críticas e possibilitando-as de participarem das aulas de futsal de forma mais lúdica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, F. F. de; BORHER, É. D. de S. A relação de gênero no futebol escolar. Anais de jornada acadêmica. **Revista de Trabalhos Acadêmicos**, Belo Horizonte, vol. 1, n. 2, 2015.

ALMEIDA-SILVA, G. H. de; RIBEIRO, V. B. Futebol e futsal de mulheres: estigmas e avanços. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 20, p. e-28992, 2022. DOI: 10.36453/cefe.2022.28992.

ALTMANN, H. Educação física escolar: relações de gênero em jogo. *In*: MORAES, A.; LOMBARDI, G.; HAHN, I. S. ALTMANN, H. (org.). **Educação física escolar: relações de gênero em jogo**. São Paulo: Editora Cortez, 2015.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edições 70, 1977.

BASTOS, P. V.; NAVARRO, A. C. O futsal feminino escolar. RBFF - **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 1, n. 2, 5 abr. 2009.

BOLSONARO, J. R.; ZAMBON, S. G. A iniciação do futsal nas escolas de Ensino Fundamental II em Monte Alto-SP. **RBFF - Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 8, n. 31, p. 326-333, 6 nov. 2016.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

CANDIDO, E. E.; O futsal feminino e os preconceitos de gênero no ambiente escolar. **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense**, Paraná, v. 1, 2009.

CARDOSO, J. P., & ACCO JUNIOR, J. **As oportunidades da prática do futsal e futebol feminino no ambiente escolar**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Universidade do sul de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

CARRIEL, A. L.; SANTOS, M. S. Futsal feminino escolar: a visão das alunas do Ensino Fundamental II anos finais. **Revista Científica Eletrônica de Ciências Aplicadas da FAIT**, n. 2, nov., 2021.

COSTA, J. E.; DIAS, N.; OLIVEIRA, E. A.; ABURACHID, L. C.; GRUNENVALDT, J. T. A mulher em quadra: evidências contemporâneas do contato inicial com futsal. **RBFF - Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 10, n. 41, p. 694-702, 20 jan. 2018.

CUNHA, J. C.; OLIVEIRA, R. J. Futsal: origem e evolução histórica. *Revista de Ciências do Esporte*, v. 4, n. 2, p. 65-72, 2016.

DA SILVA ARAUJO, C.; GONCALVES JUCA, L.; DIAS PINHEIRO, M. R. A desmotivação de estudantes do sexo feminino nas aulas de Educação Física nos anos finais do ensino fundamental. **Educ. fís. cienc.**, Ensenada, v. 25, n. 1, e247, abr. 2023.

DANIELETTO, R.; CORREIA, T. M.; ROSADAS, S. de C. A prática do futsal feminino no ensino médio na escola do município de Santo. **Instituto Superior de Educação da Serra**, 2011.

DAOLIO, J. Os significados do corpo na cultura e as implicações para a educação física. **Movimento**, [S. l.], v. 2, n. 2, 1995.

DARIDO, S. C. A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [s. l.], v. 18, n. 1, p. 61-80, 2004. DOI: 10.1590/S1807-55092004000100006.

DARIDO, S. C.; GALVÃO, Z.; FERREIRA, L. A.; FIORIN, G. Educação Física no Ensino Médio: Reflexões e Ações. **Motriz**, v. 5, n. 2, dez. 1999.

FARIA JÚNIOR, A. G. de. Futebol, questões de gênero e co-educação: algumas considerações didáticas sob o enfoque multicultural. **Pesquisa de Campo**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 17-39, 1995.

FERREIRA, R. L. **Futsal e a iniciação**. 6 ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2002.

FREITAS, A. de; MONTEIRO, R. A. C. Participação nas aulas de Educação Física escolar e a

respectiva relação de gênero na prática de futsal. **Revista Científica Novas Configurações - Diálogos Plurais**, Luziânia, v. 2, n. 3, p. 178-195, 2021.

GALVAO, M. C. B.; PLUYE, P.; RICARTE, I. L. M. Métodos de pesquisa mistos e revisões de literatura mistas: conceitos, construção e critérios de avaliação. *In: Revista de Ciência da Informação e Documentação*, [s. l.], v. 8, n. 2, p. 4-24, 2017. DOI: 10.11606/issn.2178-2075.v8i2p4-24.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2002.

GOELLNER, S. V. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 1, n. 2, p. 71-83, mar. 2010.

GOMES, R. A Análise de dados em pesquisa qualitativa. *In: MINAYO, M. C. S. (org.); DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R. Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. *In: MINAYO, M. C. S. (org.); DESLANDES, S. F.; GOMES, R. Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 26 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

HILLEBRAND, M. D.; GROSSI, P. K.; MORAES, J. F. de. Preconceito de gênero em mulheres praticantes do esporte universitário. **Psico**, [s. l.], v. 39, n. 4, 2008.

JORAS, P. S. Relações de gênero e futsal praticado por meninas na escola. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 10 (ANAIS ELETRÔNICOS)*, Florianópolis, 2013. ISSN2179-510X. **Anais** [...]. Florianópolis, 10-16 set. 2013.

KOTVISKI, J. C. Um estudo sobre a iniciação do futsal feminino na periferia de Curitiba. **RBFF - Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 5, n. 18, set. 2013.

MAFFEI, W. S.; VERARDI, C. E. L.; DE CARVALHO, B. J. O interesse feminino pelo Futebol na escola. **RBFF - Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 11, n. 45, p. 507-514, abr. 2019.

MALVAR, A. J. M. **A participação das meninas nas aulas de Educação Física: dilemas de um professor no ensino do futsal**. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.

MALVAR, A. J. M.; SOUZA JUNIOR, O. M. de. “E a gente teve que aprender a conviver”: meninas e futsal escolar. **MOTRICIDADES: Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana**, [s. l.], v. 5, n. 1, p. 106–122, 2021. DOI: 10.29181/2594-6463-2021-v5-n1-secesp-p106-122.

MASCARIN, R.; OLIVEIRA, F.; MARQUES, R. Feminilidade e Preconceito de Gênero no Futsal: Uma perspectiva de atletas brasileiras. **Fluxos & Riscos**, v. II, n.º2, p. 83-96, 2017.

MOREIRA, M.; DAMATTO, R. L. **Ensino do Futsal por meio de uma abordagem recreativa**. In: XII Simpósio de Ciências Aplicadas da FAIT, 13-16 de Outubro de 2015, Itapeva, São Paulo. Itapeva: Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva, 2015.

MOURA, I. S. C.; COSTA, G. de C. T.; MOURA, I. S. C.; PAULO DE SOUZA, L. . G. P. de S. Prática do Futsal na Escola: Motivação de Adolescentes do Sexo Feminino. **Revista Portal: Saúde e Sociedade**, [s.l.],v.1, . 2, p. 156–168, 2016. DOI: 10.28998/rpss.v1i2.2573.

OLIVEIRA, F. V. C. de; RICCI, C. S.; MARQUES, R. F. R.. Desafios e oportunidades para a participação no futsal escolar extracurricular: percepções de alunas do ensino médio. **Pro-Posições**, v. 33, p. e20200059, 2022.

PEREIRA, R. N.; SILVA, E. A. O futsal: uma revisão histórica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 34, n. 2, p. 25-36, 2012.

PIRES, B. A. B.; NOVAIS, M. C. B.; TORGA, M.; MOURÃO, L. N. “Sou mulher e jogo bola”: questões sobre feminilidades e sexualidades de atletas de futsal. **Arquivos em movimento**, v.15, n.1, p.114-128, jan/jul 2019.

RICKEN, M. A.; VANDRESSEN, A. M.; MEDEIROS, R. de O.; LIBERALI, R.; ALMEIDA, R. Comparação das habilidades específicas no futsal entre gêneros participantes da categoria sub-15 de uma cidade do sul de Santa Catarina. **RBFF - Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v.2, n.6, 25 jan. 2010. Disponível em: <http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/62>.

RIZZO, D. T. DE S.; NASCIMENTO, N. C. DO; ZAIM-DE-MELO, R. La escuela y el futsal femenino: una cuestión de inclusión social. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, v. 26, n. 283, p. 64-79, 1 dic. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.46642/efd.v26i283.2381>.

RODRIGUES, Beatriz. **Diversidade sexual, gênero e inclusão escolar**. Belo Horizonte, vol.2, n.6, 2017. ISSN 2526-1126.

SAAR, J. F. **Comunicação estratégica no futsal**. Macapá: UNIFAP, 2020.

SANTANA, W.C.; REIS, H.H.B. Futsal feminino: perfil e implicações pedagógicas. **R. bras. Ci. e Mov.**, v. 11. n 4: 45-50, 2003.

SILVA, M. M. R.; SANTOS, H. P. Cruzando Fronteiras “um olhar sobre gênero e o futsal na escola em Catalão”. In.: GT 6. GÊNERO E EDUCAÇÃO. Anais do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas, ISSN 2177-8248. Universidade Estadual de Londrina, 24-25, jun. 2010. **Anais [...].Londrina, PR, 24-25 jun. 2010**.

SILVA, S. A.; COSTA, M. R. F. Meninas e meninos: uma experiência coeducativa no futsal. **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense**, Paraná, v. 1, 2010.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOBA, F. P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org.) **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. p. 31-42.

SOUZA, M. M. de; AIRES, H.; TRETER GONÇALVES, G. H.; ABAIDE BALBINOTTI, C. A. Mulheres no futsal: motivos que levam à prática. *Kinesis*, [s. l.], v. 35, n. 3, 2017. DOI: 10.5902/2316546426702.

SOUZA JÚNIOR, O. M.; DARIDO, S. C. A prática do futebol feminino no ensino fundamental. *Motriz*, vol. 8 n.1, p.1-9 jan/abr. 2002.

TRAJANO, R. W.; ALMEIDA, N. F. P. de; RODRIGUES, M. C.; FERNANDES, L. A. B. Time amador juvenil de futsal feminino de Barra do Garças - MT: rompendo limitações na construção do gênero mulher. *Conexões*, Campinas, v. 15, n. 1, p. 65-91, 2017. DOI: 10.20396/conex.v15i1.8646350.

ZANELLA, L. C. H. **Metodologia da pesquisa**. Florianópolis: SEaD/UFSC, 2006.

SOBRE OS/AS AUTORES/AS



Alexandre Junior Mendes da Silva

Graduado em Licenciatura em Educação Física pela UFMT, com especialização em Educação Física Escolar pela FESL e Pedagogia do Esporte: ensino-treino do futebol e futsal pela UNEMAT. Atualmente é professor interino na rede estadual de ensino de MT, atuando com jogos escolares e aulas de Educação Física. E-mail para contato: alexandre.jrms@gmail.com.

Claudio Marcolino Santana

Graduação em Licenciatura Plena em Educação Física pela UAB-UBN - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, com especialização em Libras pelo IFMT. Atualmente é docente na E.E. SÃO JOSÉ OPERARIO, atuando com Professor de Educação Física. E-mail para contato: prof.claudio123@outlook.com.

Diego Martins Silva

Graduado em Licenciatura em Educação Física pela Faculdade Católica Rainha da Paz - FCARP, com especialização em Pedagogia do Esporte ensino-treino do futebol e futsal pela UNEMAT e Pedagogia do Esporte Escolar pela FCARP. Atualmente é docente na (Projeto Social Instituto Desportivo da Criança "Vôlei kids"). E-mail para contato: prof.diegoedf@gmail.com.

Dormedino Francisco Leoncio Neto

Graduado em Licenciatura em Educação Física pela UFMT, com especialização em Pedagogia do Esporte: ensino-treino do futebol e futsal – UNEMAT e em Educação Física escolar pela Faculdade São Luiz. Atualmente é docente na Secretaria Municipal de Educação, lotado na Emeb Cel Octayde Jorge da Silva. Docente na Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso - lotado na EEPSG Raimundo Pinheiro da Silva, atuando com aulas de Educação Física fundamental inicial e final e ensino médio. E-mail para contato: dormedino@hotmail.com.

Edesio Rodrigues da Silva Junior

Graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Mestrado em Educação Física pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UFMT, Linha de Pesquisa Dinâmica do Esporte no Desenvolvimento e Desempenho

Humano. Atualmente é Técnico Desportivo da Faculdade de Educação Física da UFMT na Supervisão de Esporte e Recreação, atuando com projetos de extensão esportivos e treinamento universitário. Tem experiência na Educação física escolar e esportes. Membro do Laboratório de Estudos Aplicados em Pedagogia do Esporte (LEAPE). Dedicar-se a estudos a Pedagogia do esporte, com ênfase na participação de jovens no esporte. E-mail para contato: edesio.junior@ufmt.br

Edevaldo Maximo da Silva

Graduado em Licenciatura Português / Inglês e suas literaturas pela UNIVAG, Licenciatura em Libras e suas Literatura pela UNIMAIS, Licenciatura em Educação Física pelo ISEED e Bacharelado em Educação Física pelo CENTRO UNIVERSITÁRIO LEONARDO DA VINCI e Licenciatura em Filosofia pela UNINTER. Possui Especialização em Gestão de Pessoas pelo INSTITUTO CUIABANO DE EDUCAÇÃO, Gestão Escolar pela UFMT e Educação Especial Inclusiva pela UNIMAIS e Mestrando em Educação pelo IFMT. Atualmente é professor da educação básica do estado de Mato Grosso e membro do conselho pedagógico do Instituto de Formação Estudos e Pesquisas de Mato Grosso-IFEP-MT. E-mail para contato: needmaximo@yahoo.com.br.

Edezio da Silva Moreira

Graduado em Licenciatura Plena em Educação Física pela UFMT, com especialização em Pedagogia do Esporte ensino-treino do futebol e futsal pela UNEMAT Atualmente é docente do IFMT *Campus* Octhayde Jorge da Silva. E-mail para contato: edeziosm@gmail.com.

Elias Vicente da Silva Junior

Graduação em Licenciatura e Bacharelado em Educação Física pela UNOPAR, com especialização em Pedagogia do Esporte: ensino-treino do futebol e futsal pela UNEMAT e Fisiologia do Esporte pela FAVENI. Atualmente é tutor na Unopar. E-mail para contato: elias.vsjunior@hotmail.com.

Elson Aparecido de Oliveira

Graduado em Educação Física, Especialista em Educação Física e Esporte na área de métodos contemporâneos de ensino, Especialista em Treinamento Desportivo. Mestre em

Educação Física pela Universidade Federal de Mato Grosso. Atualmente é docente do curso de Educação Física do UNIVAG (MT); pesquisador colaborador do Centro Interdisciplinar de Pesquisa em Esporte e Exercício Físico (CIPEEF) e licenciado Nível C da CBF Academy. Dedicar-se a estudos aplicados a Pedagogia do Esporte, com foco no currículo de formação de jovens no futebol. E-mail para contato: elson.oliveira@univag.edu.br.

Fernanda Gabriella Pedroso Marques

Possui graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Mato Grosso em conjunto com a Universidade do Porto, Portugal (2015). Ex-bolsista da CAPES no Programa de Licenciatura Internacional (2012 - 2014). Tem experiência na área de treinamento desportivo, com ênfase em esportes coletivos. É mestra em Educação Física pela Universidade Federal de Mato Grosso. Atualmente é Técnica Desportiva da Universidade Federal de Mato Grosso.

Ivan de Souza

Graduado em licenciatura e bacharelado em educação física pela UNIC - Cuiabá, com especialização em pedagogia do Esporte ensino-treino do futebol e futsal pela UNEMAT, Gerontologia e Personal Trainer pela Faculdade Venda Nova do Imigrante. Atualmente é docente na secretaria de educação e esporte do município de Várzea Grande MT, atuando com aulas de Lutas e educação física. Paralelamente, atua como Personal Trainer. E-mail para contato: ivan.souza3@gmail.com.

Leticia Ferreira Conti

Graduação em Licenciatura e Bacharelado em Educação Física. Especialista em Educação Física Escolar e Atividades de Recreação. Mestrado em EDUCAÇÃO. Atualmente é Professora na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) no curso de educação física. E-mail para contato: leticia.conti@unemat.br.

Mauro Augusto da Silva

Graduado em Licenciatura Plena em Educação Física pela UNOPAR, com Especialização em Pedagogia do Esporte: ensino-treino do futebol e futsal pela UNEMAT e Educação Física Escolar pela Universidade Pitágoras - UNOPAR. Atualmente é docente na Escola Tempo Integral Vocacionada ao Esporte Alfredo José da Silva, atuando como PROFESSOR

DE EDUCAÇÃO FÍSICA (BASE DIVERSIFICADA - FUTSAL). E-mail para contato: mauro_bbu@hotmail.com.

Raphaella Leticia da Costa e Silva Magalhães

Graduada em Licenciatura em Educação Física pela UFMT, com especialização em Pedagogia do Esporte ensino-treino do futebol e futsal pela UNEMAT Atualmente atua na área de treinamento. E-mail para contato: raphaellaleticia@gmail.com.

Tarsis Rebeka Dias de Souza

Graduada em Licenciatura em Educação Física, com especialização em Pedagogia do Esporte: ensino-treino do futebol e futsal pela UNEMAT. Atualmente é docente na Escola Estadual Gov. José Fragelli e Universidade Federal do Mato Grosso, atuando com treinamento de basquete. E-mail para contato: tarsis.rebeka@gmail.com.

Thamires Silva Campos

Graduada em Licenciatura em Educação Física pela UFMT, Mestre em Educação Física pela UFMT. Atualmente é docente na Secretaria de Educação de Mato Grosso - SEDUC, ministrando aulas de Educação Física para o Ensino Fundamental 2. E-mail para contato: thamirescamposedf@gmail.com.

Weliton Borges da Paz

Graduação em Licenciatura plena em Educação Física pela UFMT, com especialização em Pedagogia do Esporte: ensino-treino do futebol e futsal pela UNEMAT e Fisiologia e Cinesiologia da atividade física e saúde pela FAUC – Faculdade de Cuiabá. Atualmente é docente na escolas Municipal de ensino fundamental CPAC- São José, Rondonópolis, atuando com aulas de educação física no ensino fundamental. E-mail para contato: welintondapaz@hotmail.com.

ORGANIZADORES



CLAUDIONOR NUNES CAVALHEIRO



Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, atualmente é docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFMT na cidade de Primavera do Leste – MT. Sua trajetória acadêmica sempre foi voltada para a área educacional, tendo como principal ponto de intervenção as escolas públicas. Possui especialização em Gestão Escolar, Metodologia em Didática e Ensino Superior e Pedagogia do Esporte: ensino-treino do futebol e futsal, com Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento. Cursa Doutorado em Ensino na Universidade Vale do Taquari – UNIVATES e tem como foco de pesquisa a Metodologia *Callejera*, com foco na dialogicidade proporcionada pela mesma e suas possibilidades de Ensino.

VALDENIR SCHOENBERGER



Possui Licenciatura em Educação Física pela Faculdade Horus de Pinhalzinho - Santa Catarina. Especialização em Educação Física e Práticas Contemporâneas em Educação Física Escolar, Atividade Física, Saúde e Qualidade de Vida e Treinamento Esportivo pela Horus Faculdades, Especialização em Gestão em Orientação e Supervisão Escolar e, Políticas Públicas e Gestão da Educação, ambas pela Faculdade Educacional da Lapa. Mestre em Ensino pela Universidade Vale do Taquari - UNIVATES, tendo como foco de pesquisa a Metodologia das Práticas Corporais de Aventura na Natureza na Educação Física escolar. Atuou como Coordenador do Programa Mais Educação do Governo Federal (E.E. 21 de abril - Juína / MT), Professor substituto na disciplina de Educação Física (IFMT - Campus Juína) e Orientador da Área de Linguagens (E.E. Plena Daury Riva - Juara). Atualmente desenvolve suas funções como professor na disciplina de Educação Física na E.E. de Tempo Integral 21 de Abril.




Editora
MultiAtual

ISBN 978-656009050-7



9 786560 090507